

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**DISSERTAÇÃO**

**Perto das fábricas, mas longe do mar: As ações dos grupos sociais no processo de industrialização em Nova Iguaçu, Rio de Janeiro (1950-1960).**

**GUILHERME DOS REIS MAGGESISSI**

**2019**



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO –  
UFRRJ**

**Instituto de Ciências Humanas e Sociais  
Programa de Pós-Graduação em História.**

**Perto das fábricas, mas longe do mar: As ações dos grupos sociais no processo de  
industrialização em Nova Iguaçu, Rio de Janeiro (1950-1960).**

**GUILHERME DOS REIS MAGGESISSI**

*Sob a orientação do professor*

**CARLOS EDUARDO COUTINHO DA COSTA**

*e co-orientação do professor*

**Felipe Augusto dos Santos Ribeiro**

Dissertação Submetida como  
requisito parcial para a obtenção  
do grau de **Mestre em História**,  
no curso de Pós-Graduação em  
História, Área de concentração  
em Relações de poder e Cultura.

Seropédica, RJ  
Outubro de 2019

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M193p

Maggesissi, Guilherme dos Reis , 1987-  
Perto das fábricas, mas longe do mar: As ações dos grupos sociais no processo de industrialização em Nova Iguaçu, Rio de Janeiro (1950 - 1960) / Guilherme dos Reis Maggesissi. - Nova Iguaçu, 2019.  
133 f.

Orientador: Carlos Eduardo Coutinho da Costa.  
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Pós-Graduação em História, 2019.

1. Nacional-desenvolvimentismo. 2. Industrialização Nacional. 3. Industrialização de Nova Iguaçu. 4. Crise citricultura Iguaçuana. 5. Laços entre políticos de Nova Iguaçu com políticos do governo Federal . I. Costa, Carlos Eduardo Coutinho da, 1982-, orient. II Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Pós Graduação em História III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – MESTRADO E DOUTORADO**

**GUILHERME DOS REIS MAGGESISSI**

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de MESTRE EM HISTÓRIA, no programa de Pós-Graduação em História – Curso de MESTRADO, área de concentração em Relações de poder e Cultura.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM:

---

**Professor Doutor Carlos Eduardo Coutinho da Costa**  
(Orientador)

---

**Professor Doutor Alexandre Fortes - UFRRJ**

---

**Professor Doutor Almir Pita Freitas Filho - UFRJ**

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a toda minha família por sempre me dar força para realizar todos os meus projetos. Quero agradecer imensamente a minha mãe Magnólia Assis dos Reis por tudo que ela fez por mim. Meu padrasto José Roberto e minhas irmãs Ana Paula e Elisângela.

Quero também agradecer aos meus amigos Jonathan, Fabiane, um agradecimento especial para Simony, e todos os meus colegas de trabalho, que como professor, me possibilita bons momentos e mais ânimo pra seguir em frente, num país em que, infelizmente, a educação está sendo cada vez menos valorizada.

Quero agradecer também ao meu orientador Carlos Eduardo e ao meu co-orientador Felipe Ribeiro, que me ajudaram nesta jornada. Um agradecimento especial para Fabiane Popinigis, minha eterna orientadora, a quem devo muito do que eu aprendi durante minha trajetória acadêmica. Também agradeço à câmara dos vereadores de Nova Iguaçu por ter me possibilitado acesso as Atas da câmara dos vereadores, à Antônio Lacerda por toda ajuda, prestada no arquivo da diocese de Nova Iguaçu e aos trabalhadores da ACINI, por também terem me ajudado a encontrar fontes que me possibilitaram terminar este trabalho. Muito obrigado ao CEDIM da UFRRJ, pela ajuda oferecida enquanto buscava fontes sobre o município de Nova Iguaçu para a realização deste trabalho.

Um agradecimento especial para o Paulo da coordenadoria da pós-graduação, que esteve nos auxiliando durante todo este processo de escrita desta dissertação.

Obrigado também a você que irá ler este trabalho; espero lhe proporcionar uma ótima leitura também um grande aprendizado.

*O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001*

*This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil – (CAPES) – Finance Code 001*

## RESUMO

MAGGESISSI, Guilherme dos Reis. **Perto das fábricas, mas longe do mar: As ações dos indivíduos no processo de industrialização em Nova Iguaçu, Rio de Janeiro (1950 – 1960)**. 2019. 120p Dissertação (Mestrado em História. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ – 2019.

Este trabalho visa apresentar as ações tomadas pelos indivíduos que viviam no município de Nova Iguaçu, em um período em que o plantio e o comércio de laranjas, que era a principal base econômica do município, se encontravam em crise. Esta crise da citricultura iguaçuana se desenvolveu ao longo da década de 50, e com isso, sujeitos atuantes na política e na sociedade como um todo, se viram inseridos numa nova perspectiva econômica e social, onde o principal produto econômico de Nova Iguaçu, já não supria mais as demandas da elite e da sociedade local. Enquanto havia por parte do governo Federal, um intenso estímulo à urbanização e industrialização em âmbito nacional. Esta obra visa entender quais foram as ações estabelecidas por estes sujeitos atuantes em Nova Iguaçu, que era um município periférico do Estado do Rio de Janeiro, em busca de atrair indústrias para a região, após a crise da citricultura local e com a política nacional-desenvolvimentista, colocada em prática pelo governo Federal vigente na década de 50 do século XX.

**Palavras-chave:** Industrialização. Ações de sujeitos. Nova Iguaçu. Nacional-desenvolvimentismo.

## ABSTRACT

MAGGESISSI, Guilherme dos Reis. **Near factories but far from the sea: The actions of individuals in the industrialization process of Nova Iguaçu, Rio de Janeiro (1950 - 1960)**. 2019. 120p Dissertation (Master in History. Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ - 2019).

This paper aims to present the actions taken by individuals who lived in the municipality of Nova Iguaçu, at a time when the planting and trade of oranges, which was the main economic base of the municipality, were in crisis. This crisis of the iguaçuana citriculture developed throughout the 50's, and with that, subjects active in politics and society as a whole, found themselves inserted in a new economic and social perspective, where the main economic product of Nova Iguaçu no longer met the demands of the elite and the local society, while there was, from the Federal Government, an intense stimulus to the urbanization and industrialization in the national scope. This work aims to understand what were the actions established by these acting subjects in Nova Iguaçu, which was a peripheral municipality of the State of Rio de Janeiro, in seeking to attract industries to the region, after the crisis of local citrus, and with the national policy -developmentist, implemented by the Federal Government in force in the 1950s.

**Keywords:** Industrialization. Subject actions. Nova Iguaçu. National Developmentalism.

## Sumário

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1. OS ESTUDOS SOBRE A INDUSTRIALIZAÇÃO NO BRASIL E EM NOVA IGUAÇU: ANÁLISE DAS BIBLIOGRAFIAS ESCRITAS SOBRE ESTE PROCESSO DE TRANSIÇÃO ECONÔMICA.....	19
1.1 A Expansão industrial no Brasil através da produção bibliográfica.....	24
1.2 Da citricultura à “Cidade dormitório”. Análise das bibliografias de uma região em processo de mudança .....	38
1.3 A era industrial: Bibliografias que retratam uma mudança do paradigma econômico e social, no Município de Nova Iguaçu .....	49
1.4 Visões sobre a mudança econômica do Município de Nova Iguaçu .....	59
CAPÍTULO 2. A APROXIMAÇÃO DE REPRESENTANTES POLÍTICOS E ECONÔMICOS IGUAÇUANOS COM A MUDANÇA POLÍTICA BRASILEIRA DO PÓS 1930 .....	61
2.1 Getúlio de Moura e Arruda Negreiros: O início da relação política entre Nova Iguaçu e Getúlio Vargas .....	65
2.2 Prefeito Luiz Guimarães: Período de crise dos laranjais e mudanças nos paradigmas econômicos do município .....	76
2.3 Ary Schiavo: A continuação do projeto urbano e industrial em Nova Iguaçu ...	83
2.4 A elite iguaçuana: O processo de adaptação à mudança política em 1930.....	88
2.5 A importância dos indivíduos no processo de mudanças numa sociedade .....	93



CAPÍTULO 3. O PROCESSO INDUSTRIAL EM NOVA IGUAÇU .....	97
3.1 Década de 30 e 40: A renovação política .....	99
3.2 A urbanização e o fluxo populacional da década de 50 e 60.....	104
3.3 O processo industrial em Nova Iguaçu na década de 50 .....	108
3.4 As consequências da industrialização em Nova Iguaçu no pós década de 50..	116
3.5 A industrialização iguaçuana.....	120
CONCLUSÃO.....	124
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	130

## Introdução

Esta pesquisa pretende analisar, como se desenvolveu o processo industrial no município de Nova Iguaçu. Esta análise será feita a partir das ações de agentes políticos e de sujeitos atuantes na sociedade local, que estavam dispostos a estabelecer mudanças socioeconômicas, em uma região que durante a década de 20 e 30 do século XX, obteve bastante sucesso com o plantio e o comércio de laranjas; mas que em finais da década de 40, a citricultura local não resistiu à crise econômica que levou a agricultura iguaçuana ao declínio<sup>1</sup>. Por isso, irá buscar entender como os agentes políticos e econômicos do município, decidiram modificar as bases econômicas vigentes, no município, abrindo espaço para a instauração de uma política industrial no local.

Nova Iguaçu, assim como a sociedade brasileira como um todo, esteve no início do século XX, com sua economia empenhada nas atividades agrícolas. Porém, a crise mundial ocorrida em finais da década de 20, alcançou também a agricultura nacional, fazendo com que nossa economia fosse aos poucos modificando-se na década de 30, abrindo espaço a uma política econômica voltada para o incentivo à industrialização e à urbanização, durante os governos de Getúlio Vargas e posteriormente de Juscelino Kubitschek<sup>2</sup>. Com isso, este trabalho pretende verificar entre outros fatores, como a política industrial levada adiante por Getúlio Vargas e por Juscelino Kubitschek, influenciou o processo de incentivo à industrialização em Nova Iguaçu, a partir da crise do comércio de laranjas na década de 50.

As análises históricas que se debruçaram a estudar o processo industrial brasileiro, demonstram que em nosso país, o caminho para a industrialização ocorreu de maneira bastante lenta e gradual. O monopólio econômico regido historicamente por sua forte agricultura, fez com que se desenvolvesse no Brasil, uma elite agrícola que manteve durante muitos séculos as estruturas agrárias presente em nossa sociedade. Esta estrutura agrícola da sociedade e da economia brasileira, acabou fazendo com que nos

<sup>1</sup>PEREIRA, Waldick. *Cana, café e laranja: História econômica de Nova Iguaçu*. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro. 1977.

<sup>2</sup>MENDONÇA, Sonia. *A industrialização brasileira*. São Paulo. Editora moderna. 1995.

tornássemos um país reconhecido, por exportar produtos primários e importar produtos manufaturados e industrializados de outros países, atrasando o processo industrial de nosso país.

Os estudos de diversos autores demonstram este aspecto agrícola da sociedade brasileira até o século XX. Autores como Sônia Mendonça, Nícia Vilela e Boris Fausto, apontam em seus trabalhos que, durante séculos os ciclos econômicos brasileiros, foram regidos quase que exclusivamente pela monocultura agrária. A primeira forma de monocultura foi a agricultura canavieira, que fez com que a coroa portuguesa passasse a olhar mais para sua colônia, fazendo com que o povo português incentivado pela coroa, começasse a povoar o Brasil<sup>3</sup>. É este processo de povoamento que, durante muitos anos, gerou lucros para a metrópole portuguesa e conseqüentemente, formou uma elite agrícola no Brasil, que, com o decorrer dos anos, foi angariando cada vez mais, poder econômico e político. Esta elite se manteve no comando de nossa sociedade, durante boa parte da trajetória econômica brasileira, causando atrasos para o processo de implantação industrial no país, em relação a outros países que já mantinham a atividade industrial funcionando plenamente.

Estudos como o de Sônia Mendonça e Boris Fausto, apontam que somente no período da primeira República, é que as bases econômicas brasileiras começam um pouco a se modificar. Alguns indivíduos ligados à vida política e econômica do país, começaram a ganhar destaque, ao pensar numa política econômica que viesse a substituir nossa base agrícola, por um modelo econômico mais voltado para a industrialização. Neste período se inicia um processo de implantação de indústrias, que vai timidamente mudando o cenário social e econômico brasileiro<sup>4</sup>.

Porém, durante a Primeira República, o estabelecimento de indústrias em solo nacional não abalou as estruturas agrícolas que ainda ditavam os rumos de nossa economia. Como dito anteriormente, esse processo de industrialização que se estabeleceu durante os primeiros anos do século XX, ainda era em número bem pequeno e muitas vezes subordinados ao setor cafeeiro, o que mantinha em nosso país, as características agrícolas, das grandes propriedades de terra e da monocultura do café<sup>5</sup>, ou seja, o regime político se modificou, mas a estrutura econômica vigente continuou a

<sup>3</sup> SISTEMA FIRJAN. *A história dos 170 anos da representação industrial no Rio de Janeiro. 1827- 1997*. Rio de Janeiro. Memória Brasil projetos culturais. 1997.

<sup>4</sup> MENDONÇA.1995.

<sup>5</sup> MENDONÇA.1995.

mesma, não sofrendo quase nenhuma modificação em sua importância na economia brasileira.

Foi durante o governo de Getúlio Vargas que o investimento na industrialização nacional tomou novos rumos, onde o Estado passa a incentivar esta mudança nas bases econômicas, através de um investimento massivo do governo federal na criação de indústrias nacionais<sup>6</sup>. A década de 30, do século XX, representou um momento em que os rumos da economia brasileira tomam novos ares, pois a crise mundial que ocorreu em 1929, fez com que a monocultura do café produzido no Brasil, sofresse com constantes baixas na venda para o exterior. Logo, como o mercado interno não conseguia suprir a demanda de café produzida nas fazendas dos grandes produtores brasileiros, foi preciso pensar em novas estratégias para alavancar a economia nacional, abrindo margem para a atuação do Estado no processo de industrialização nacional.

Com isso, a política agrícola que regeu a economia nacional desde o século XVI, entra em colapso, e o presidente recém empossado, Getúlio Vargas, teve que realizar modificações na estrutura econômica. O governo de Vargas passa a utilizar do aparato Estatal, para incentivar a formação de algumas indústrias nacionais, passando aos poucos a modificar a característica econômica do Brasil, que antes era sustentada quase que totalmente pelo setor agrícola<sup>7</sup>. Assim, se estabelece o primeiro surto industrial em solo nacional, na qual de fato, começam a surgir grandes indústrias ajudadas ou até financiadas pelo Estado.

Em Nova Iguaçu, durante o século XX, a agricultura também era um forte sustentáculo da economia municipal, principalmente em meados da década de 20, quando a citricultura da laranja produzida no município, começa a ganhar destaque no cenário mundial<sup>8</sup>. Este período de apogeu da citricultura permaneceu em ascensão durante a década de 30, tendo em meados da década de 40, enfrentado a sua maior crise graças a complicações na venda deste produto para o mercado exterior<sup>9</sup>. Esta crise econômica abalou as estruturas socioeconômicas do município, fazendo com que os sujeitos atuantes na política e parte da elite local, buscassem adequar-se à um novo processo de sustentáculo na economia municipal.

<sup>6</sup> DRAIBE, Sônia. *Rumos e metamorfoses*: Um estudo sobre a constituição do Estado e as alternativas da industrialização no Brasil 1930 – 1960. Editora paz e terra. 2007.

<sup>7</sup> DRAIBE. 2007.

<sup>8</sup> PEREIRA. 1977.

<sup>9</sup> PEREIRA. 1977.

Nova Iguaçu até a década de 40, era um dos mais importantes municípios do Rio de Janeiro, e importante município da Baixada Fluminense. Até dezembro de 1943, Nova Iguaçu era um município que abrangia as regiões de Duque de Caxias, Nilópolis, Belford Roxo, Queimados, Mesquita e São João de Meriti. Na década de 40 do século XX, ocorreu o primeiro fenômeno de emancipação no município, onde Duque de Caxias se separa de Nova Iguaçu, transformando-se em um município autônomo em 1943<sup>10</sup>, incorporando em seu território a região de São João de Meriti<sup>11</sup>. Em 1947, ocorre a emancipação de Nilópolis e na década de 90, Nova Iguaçu perde as localidades de Belford Roxo, Queimados, Japeri e Mesquita. Com isso, percebemos o tamanho da amplitude que o município de Nova Iguaçu obtinha na Baixada Fluminense, tendo poucas áreas destas regiões, escapado de sua influência, como é o caso de regiões como Magé, Guapimirim, Itaguaí, Paracambi e Seropédica, que são regiões da Baixada Fluminense, mas que nunca fizeram parte de Nova Iguaçu.

Este período de crise dos laranjais iguaçuanos, causa uma onda de abandono das antigas chácaras de laranjas, e uma ampliação dos lotes disponíveis no município. Esta modificação na sociedade de Nova Iguaçu durante esse período, acaba fazendo com que muitos dos trabalhos acadêmicos que se prontificaram a estudar sobre este período, caracterizassem o momento em que ocorre o abandono das chácaras e a ampliação dos lotes, como “cidade dormitório”<sup>12</sup>. Demonstra-se assim, como o período de crise dos laranjais afetou profundamente, não só a economia do município, como também, a sociedade iguaçuana como um todo.

O conceito de “cidade dormitório”, foi apresentado no trabalho de Maria Thereza Segadas denominado, *Nova Iguaçu Absorção de uma célula urbana pelo Grande Rio de Janeiro*<sup>13</sup>. Este conceito define como sendo Nova Iguaçu um município que, após a decadência do comércio e do plantio de laranjas em finais dos anos 40 e início da década de 50, acaba sendo uma localidade que absorveu o contingente de pessoas que migravam de outros estados do país para trabalharem no Rio de Janeiro, mais especificamente nas áreas centrais do Estado do Rio de Janeiro e no Estado da

<sup>10</sup> CÂMARA MUNICIPAL DE DUQUE DE CAXIAS CMDC. *Emancipação*. Disponível em: <[HTTP://cmdc.rj.gov.br/?page\\_id=1155](http://cmdc.rj.gov.br/?page_id=1155)>. Acesso em 08 set. 2019, 17:40:00.

<sup>11</sup> BAIXADA FACIL. *História da Baixada Fluminense*. Disponível em:

<<http://baixadafacil.com.br/historiadabaixada>> Acesso em 08 de set. 2019, 17:50:00.

<sup>12</sup> SOUZA, Sonali Maria de. **Da laranja ao lote: Transformações sociais em Nova Iguaçu**. Rio de Janeiro. Dissertação do programa de pós graduação em antropologia social do museu nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1992.

<sup>13</sup> SEGADAS, Maria Thereza. *Nova Iguaçu: Absorção de uma célula urbana pelo Grande Rio de Janeiro*. Revista brasileira de geografia. Rio de Janeiro. 1962.

Guanabara, onde se concentrariam os grandes comércios e grandes indústrias. A autora aponta que Nova Iguaçu, era um município que contava com infraestrutura para receber essa leva de migrantes, com lotes a preços acessíveis, hospitais, escolas entre outros fatores, que proporcionaram a chegada de pessoas de diversas regiões do Brasil, a fixarem residência em Nova Iguaçu e irem trabalhar em outras localidades do Estado do Rio de Janeiro<sup>14</sup>.

Esta dissertação vem com o intuito de apresentar o município de Nova Iguaçu, na década de 50, como um local caracterizado não somente como uma “cidade dormitório”. Pretende-se demonstrar que nesse período também ocorre uma tentativa de mudança nos rumos sociais e econômicos do município, buscando ao mesmo tempo urbanizá-lo e atrair a vinda de importantes indústrias, para se instalarem no local, gerando empregos também para os habitantes do município e modificando o cenário econômico da região.

Busca-se também demonstrar, como as ações dos sujeitos atuantes em funções políticas e que estabeleciam certa influência econômica dentro da sociedade iguaçuana, reagiram ao processo de declínio do comércio de laranjas e estabeleceram meios de modificar as estruturas econômicas vigentes em Nova Iguaçu. Os capítulos a seguir, irão demonstrar as maneiras desenvolvidas por sujeitos políticos e por uma certa elite econômica local, de atrair investimentos industriais para fixarem-se no município. Lembrando que o processo de desenvolvimento da industrial nacional, estava em voga no pensamento político e econômico brasileiro, desde o governo de Getúlio Vargas, continuando no governo de Juscelino Kubitschek.

Demonstra-se que o momento histórico em que se inicia a implantação de indústrias em Nova Iguaçu, é concomitante com a política industrial que ganhava forças no cenário político brasileiro, sendo amplamente difundida pelo governo federal. Logo, a partir da análise das ações dos sujeitos inseridos na vida local do município, veremos também como se desenvolveram as relações desses sujeitos iguaçuanos com a política nacional desenvolvimentista em voga na época. Com isso, este trabalho visa entender, como sujeitos inseridos na política e na sociedade de Nova Iguaçu se relacionaram com a crise econômica e com a política nacional desenvolvimentista, culminando para o incentivo à instalação de indústrias na região

---

<sup>14</sup>SEGADAS. 1962.

As fontes usadas neste trabalho são diversas. Assim, muitos dos diálogos entre os indivíduos que atuavam na esfera política iguaçuana da época, tem como principal fonte neste trabalho, as atas da câmara dos vereadores de Nova Iguaçu. Outra fonte importante são as atas do prefeito, que demonstram as ações e medidas tomadas pelos representantes do executivo para a incorporação da cidade no processo fabril abrindo espaço para a instauração de indústrias na região. Também se utilizará como fonte as matérias de jornais da época e os recenseamentos realizados tanto em esfera local, onde serão analisados os dados do IBGE, para entender o processo de mudanças na sociedade brasileira como um todo, verificando se Nova Iguaçu esteve em congruência com estas mudanças ou não. Estas fontes são cruciais para o desenvolvimento do trabalho e a avaliação final desta dissertação.

No primeiro capítulo deste trabalho, serão analisadas as bibliografias que estudaram o processo de modificação das estruturas econômicas no cenário nacional. Buscará demonstrar neste capítulo como as bibliografias avaliam o processo no qual o Brasil passou de uma economia regida quase que totalmente pela agricultura, para uma economia que buscou em um determinado momento incentivar a industrialização no cenário nacional. Com isso, serão analisados trabalhos como os de Sonia Regina Mendonça *A industrialização brasileira*<sup>15</sup>, Nícia Vilela *A luta pela industrialização no Brasil*<sup>16</sup>, Boris Fausto *Trabalho urbano e conflito social*<sup>17</sup>, entre outros autores, que estudam este processo de modificação nos rumos da economia brasileira no século XX. Este capítulo visa demonstrar a relevância destes autores para a compreensão do processo industrial no Brasil procurando demonstrar como este trabalho de dissertação se encaixa nas análises destes autores clássicos, sobre a economia brasileira de um modo geral.

O primeiro capítulo irá abordar também, os trabalhos de autores que se debruçaram a estudar sobre o contexto social estabelecido no município de Nova Iguaçu durante a década de 50 do século XX. Assim serão apresentados os trabalhos de autores como o de Maria Therezinha Segadas denominado *Nova Iguaçu: Uma absorção de uma célula urbana pelo grande Rio de Janeiro*<sup>18</sup>, Sonali Maria de Souza intitulado *Da*

<sup>15</sup> MENDONÇA, Sonia Regina. *A industrialização brasileira*. Editora Moderna. São Paulo. 1995

<sup>16</sup> Vilela, Nícia. *A luta pela industrialização no Brasil*. Editora Alfa Omega. São Paulo. 1978.

<sup>17</sup> FAUSTO, Boris. *Trabalho Urbano e conflito social (1890 – 1920)*. São Paulo. Difel. 1976.

<sup>18</sup> SEGADAS, Maria Therezinha. *Nova Iguaçu: Uma absorção de uma célula urbana pelo Grande Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro. Revista brasileira de geografia. 1962.

*laranja ao lote*<sup>19</sup>, e até mesmo, o clássico trabalho de Waldick Pereira denominado *Cana, café e laranja*<sup>20</sup>, onde os rumos das transformações sociais no município de Nova Iguaçu, foram prontamente abordadas por esses estudiosos. Esta parte do capítulo irá demonstrar como a bibliografia sobre a região tratou o período de crise da citricultura local, e se buscará demonstrar, os pontos de convergência e de divergência em que este trabalho de dissertação, irá estabelecer com estas obras já realizadas sobre o município de Nova Iguaçu.

Por fim, outras obras que serão abordadas no primeiro capítulo, são as que trataram do processo de industrialização em Nova Iguaçu. Esta parte do capítulo irá apresentar trabalhos como o de Andre Laino, denominado *Memórias de Metalúrgicos*<sup>21</sup>, e outras obras como a de Carolina Bittencourt Mendonça chamada *Escrevendo uma história*<sup>22</sup>, que conta a formação da fábrica de canetas Compactor, situada em Nova Iguaçu, e trabalhos como o de José Ricardo Ramalho que apresentam um estudo sobre a Fábrica Nacional de Motores (FNM), no seu trabalho denominado, *Estado novo, industrialização e a formação do trabalhador brasileiro*<sup>23</sup>. Estas obras serão de profunda relevância para entendermos como a história do município de Nova Iguaçu foi abordada durante o período que vai da decadência do comércio de laranjas, até o processo de incentivo à instalação de indústrias no município.

O segundo capítulo irá focar nas relações entre os representantes políticos de Nova Iguaçu, com os representantes políticos da administração federal, a partir da década de 30. Este estudo das relações de sujeitos atuantes no cenário iguaçuano com o cenário federal será estabelecido através de análises de fontes da câmara municipal, buscando entender o envolvimento de políticos iguaçuanos com a implantação da revolução em 1930, verificando como os agentes políticos do município reagiram ao governo recém implantado de Getúlio Vargas e depois, de Juscelino Kubitschek. Estas análises serão feitas para entendermos se Nova Iguaçu manteve-se aliado ou isolado da

<sup>19</sup> Souza, Sonali Maria de. *Da laranja ao lote: Transformações sociais em Nova Iguaçu*. Rio de Janeiro. Dissertação do programa de pós graduação em antropologia social do museu nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1992.

<sup>20</sup> PEREIRA, Waldick. *Cana, café e laranja: História econômica de Nova Iguaçu*. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro. 1977.

<sup>21</sup> LAINO, André. *Memórias de metalúrgicos*. São Paulo. Tese de doutorado em história pela Unicamp (Universidade Estadual de Campinas). São Paulo. 1991.

<sup>22</sup> BITTENCOURT, Carolina. *Escrevendo uma história: A experiência da companhia de canetas Compactor em Nova Iguaçu (1955 – 1995)*. Rio de Janeiro. Monografia apresentada ao curso de história da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). 2014.

<sup>23</sup> RAMALHO, José Ricardo. *Estado Novo, industrialização e a formação do trabalhador brasileiro*. O caso da FNM. Minas Gerais. Locus: Revista brasileira de história. Vol. 13. Nº 2. 2007.



política nacional-desenvolvimentista em voga no Brasil durante os governos de Vargas e de Juscelino.

No terceiro capítulo serão apresentadas as ações de sujeitos atuantes no cenário político e econômico iguaçuano, para gerar no município ambiente propício para a implantação de indústrias na região após a crise da citricultura local. Serão analisadas como essas ações ocorreram e se essas mudanças representadas por ações de sujeitos que tinham certa representatividade na vida política, econômica e social do município se perpetuou nas décadas seguintes. Outra análise a ser feita, será de como ocorreu o processo industrial em relação à política desenvolvimentista adotada na política federal desde Getúlio Vargas, verificando se a política industrial de Nova Iguaçu, ocorreu em conjunto com a política implantada pelo executivo nacional da época, ou se esta busca por industrializar a região de Nova Iguaçu, ocorreu de maneira autônoma em paralelo com a política nacional desenvolvimentista em voga no cenário federal.

Este trabalho visa ampliar a construção historiográfica a respeito da Baixada Fluminense, região por muito tempo esquecida, mas que detém importante participação na vida política do Rio de Janeiro e do Brasil. Busca-se entender como as ações dos sujeitos inseridos na vida política e econômica de Nova Iguaçu, incentivaram no processo de reestruturação econômica, culminando em uma industrialização no município. Será importante demonstrar se este momento político e o pensamento desenvolvimentista pautado na industrialização nacional, contribuíram para que houvesse o início de um processo industrial que chegou até o município de Nova Iguaçu.

A aplicação da política nacional desenvolvimentista não seria possível se não houvesse agentes inseridos dentro da política e da sociedade nacional que estivessem dispostos a levá-la adiante. Numa análise histórica vista de cima para baixo, apenas nomes de figuras importantes como Getúlio Vargas ou de Juscelino Kubitschek é que são lembrados, porém, as mudanças que ocorreram em seus governos, não seriam possíveis sem a adesão de diversos representantes que estavam inseridos em seus núcleos locais, e que aos poucos foram lutando para que houvesse essa transformação, primeiro na economia e na sociedade local, para aos poucos chegar à nível nacional.

O processo de transformação numa sociedade é algo que necessita muito esforço e de muito empenho para se concretizar. No Brasil, estas mudanças correram de forma gradativa e muitas vezes até atrasada, pois se levamos em conta que a Revolução Industrial inicia-se no século XVIII no mundo, sendo implantada no Brasil apenas no

século XX. Assim, verifica-se a força que indivíduos ligados ao agronegócio obtiveram durante toda a trajetória política e econômica em nosso país.

A história sobre o processo de industrialização do Brasil, ainda encaixa-se em um campo da história recente de nosso país. Neste trabalho, visa-se demonstrar como algumas regiões, dentre elas o município de Nova Iguaçu, se adequaram e participaram desta ruptura com a estrutura agrícola e empenharam-se em desenvolver um processo industrial, modificando os rumos econômicos que tanto o município quanto todo o resto do país levaram séculos para se adequar, que é o setor econômico ligado a industrialização.

## **1. Os estudos sobre a industrialização no Brasil e em Nova Iguaçu: Análises das bibliografias escritas sobre este processo de transição econômica.**

Neste primeiro capítulo, serão abordadas três tipos de bibliografias que servirão de base para a compreensão deste trabalho de dissertação. O primeiro tipo de bibliografia a ser analisada, é a que se debruça sobre o processo de industrialização no Brasil. Estas bibliografias nos darão base para compreender a visão de diversos autores sobre o processo que levou a um desenvolvimento industrial em território nacional, e sendo analisados também, quais os pontos em comum encontrado nas análises de diversos autores deste ramo.

Outro tipo de bibliografia que será analisada neste capítulo, será a que se dedica a estudar o município de Nova Iguaçu, após a crise da agricultura local, baseada na citricultura. Analisando estas bibliografias, veremos como os autores que dedicaram-se a estudar este período da história do município, entenderam o processo de mudanças que Nova Iguaçu teve que enfrentar após a crise da principal base econômica do município no início do século XX. Assim mostraremos se os autores que estudaram esta época analisaram as ações dos indivíduos integrantes do local e como, na visão deles, os integrantes do município se adaptaram a este período.

Por fim, serão analisadas as bibliografias que estudaram o estabelecimento industrial no município de Nova Iguaçu. Será demonstrado, a que fatores, os autores deste período, atribuíram para o surgimento da indústria local na região. Assim, pretendemos entender quais pontos em comum existem entre os autores sobre o processo de industrialização local do município, apresentando entre si, e quais são os pontos, que para eles, teriam incentivado a instalação de indústrias no município de Nova Iguaçu.

O processo de transformação econômica e social de uma sociedade, não é algo que ocorre da noite para o dia. Para que isso aconteça, é necessária primeiramente, uma reivindicação de determinada parcela da população, para que tais demandas sejam

atendidas. Depois, é preciso que o momento histórico em que estes sujeitos estejam vivendo, coadune com essa necessidade de mudanças, gerando ambiente propício para um processo de transição política ou econômica, dentro de uma esfera social. Assim, podemos perceber que para ocorrer, quaisquer que sejam as mudanças significativas numa sociedade é necessário tempo, reivindicações, debates e certas vezes, até lutas ou revoluções.

O Brasil que cresceu economicamente através do latifúndio, manteve seus laços com o setor agrícola e quase sempre com um tipo de monocultura, até quase meados do século XX. Demonstrando assim, como a estrutura de nossa sociedade foi montada durante quase três séculos, gerando uma elite econômica, com características predominantemente rurais e com demandas que não abrangiam uma política mais urbanizadora e industrializante<sup>24</sup>. Manter esta política de exportação de produtos primários e importação de produtos manufaturados e industrializados, foi um pensamento quase que hegemônico nos sujeitos que detinham importantes cargos na nossa política e em nossa sociedade até o século XX, o que fez com que indivíduos que reivindicavam uma política econômica voltada para a industrialização, obtivessem bastante resistência em nossa sociedade.

O foco econômico na agricultura, que começou sendo imposta por medidas governamentais ainda no período colonial, manteve-se hegemônico mesmo após a quebra dos laços brasileiros com a metrópole portuguesa<sup>25</sup>. A elite nacional também passa a defender o latifúndio mesmo após a independência do Brasil, fazendo com que nossa economia ainda fosse regida pelo setor agroexportador, deixando de lado, uma política urbanística e industrial para suprir a demanda dos grandes senhores de engenho que detinham o poder econômico e social em nosso país. Isso contribuiu bastante para que até o final do século XIX, o Brasil permanecesse como um país, agrário, com elevado índice de analfabetismo e escravocrata, virando o século XX, com estas estruturas sociais bastante presentes em nossa sociedade.

No entanto, a partir de finais do século XIX e durante o século XX, o discurso urbanístico e industrial passa a ganhar maior notoriedade no cenário político e social brasileiro, sendo defendido não somente, por indivíduos ligados as esferas intelectuais da época, mas também, ganhando forças com sujeitos inseridos dentro da elite política e

<sup>24</sup> FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social (1890 – 1920)*. São Paulo: Difel, 1976.

<sup>25</sup> SISTEMA FIRJAN. *A história dos 170 anos da representação industrial no Rio de Janeiro. 1827- 1997*. Rio de Janeiro. Memória Brasil projetos culturais. 1997.

econômica de nossa nação. Esse debate entre os que eram favoráveis a uma política voltada para a industrialização e os outros sujeitos que queriam manter uma política econômica voltada pra agricultura, vai se acirrar durante o período da Primeira República. Demonstra-se, no entanto que, no século XX, o discurso a respeito da industrialização ganha forças entre sujeitos atuantes na política e na vida econômica nacional, porém a mesma continua sendo regida pela agricultura<sup>26</sup>.

Por fim, a revolução de trinta, a crise do café e posteriormente, a política nacional-desenvolvimentista, faz com que o Brasil mude sua perspectiva socioeconômica. Neste período, o país passa a investir, em um processo intenso de urbanização e industrialização, onde o Estado passa a ter papel fundamental neste processo de transição que nossa sociedade vivia naquele momento<sup>27</sup>. Estes processos de mudanças serão abordadas, pelos autores estudados neste capítulo, demonstrando quanta importância, a política implantada por Vargas e o nacional-desenvolvimentismo incentivaram as mudanças econômicas no Brasil.

Este primeiro capítulo da dissertação visa apresentar um debate historiográfico, a respeito dos estudos que abrangeram o processo de transição socioeconômica que se estabeleceram no Brasil, principalmente no século XX, onde o país deixa de lado uma economia majoritariamente agrícola, e passa a apresentar maiores investimentos no setor industrial. Serão analisadas, como as bibliografias entenderam o processo industrial que passou a ser incentivado por políticos e afins, chegando ao ponto de abranger várias regiões do país, inclusive a região da Baixada Fluminense, localidade que se estabelecerá como o foco desta pesquisa. Estas análises serão úteis para entendermos o processo tardio de industrialização no Brasil, e se estas mudanças nas estruturas econômicas incentivaram o processo de industrialização, também em regiões mais periféricas do Estado do Rio de Janeiro, como o município de Nova Iguaçu.

Outro fator abordado, será o período entendido pelos autores em que ocorreu o processo de troca de incentivo de nossa economia, da agricultura para as indústrias. Pois a partir da análise destes períodos, veremos se a Baixada Fluminense, se encaixa dentro de uma política nacional de incentivo a industrialização e principalmente se Nova Iguaçu aproxima-se desta política nacional-desenvolvimentista, gerando ambiente propício, para que ocorra a implantação de indústria naquele município. Este processo é importante para tentarmos entender o paralelo de mudanças ocorridas na economia

<sup>26</sup> VILELA, Nícia. *A luta pela industrialização do Brasil*. São Paulo. Editora Alfa Omega. 1978.

<sup>27</sup> SISTEMA FIRJAN. 1997.

nacional, com as mudanças socioeconômicas ocorridas no município de Nova Iguaçu, durante a década de 50.

No primeiro momento, este capítulo irá apresentar as obras de autores que se empenharam em analisar o processo de formação industrial brasileira, abordando temáticas estabelecidas por diversos estudiosos. Autores como Boris Fausto, Sônia Mendonça, Nícia Vilela, Sônia Draibe e Angela de Castro Gomes serão analisados, apresentando os pontos de convergências ou divergências entre essas bibliografias, demonstrando o enfoque que cada autor atribuiu para que o processo de industrialização brasileira iniciasse e aprimorasse com o decorrer do tempo. As análises abordadas pelos autores e, os atores sociais em que esses escritores buscaram focar, para atribuir a eles o nascimento do processo industrial no Brasil, serão de profunda relevância na análise destas bibliografias, pois assim, poderemos entender os pontos de convergência também com essa dissertação, onde os atores sociais serão apresentados e estudados.

As bibliografias a respeito da Baixada Fluminense, também serão analisadas neste capítulo. Em um primeiro momento, serão analisadas as obras que estudam o ponto de ruptura daquela localidade, de uma economia voltada para a agricultura, para um maior incentivo à urbanização e para a industrialização. Trazendo como principais representantes dessas vertentes, autores como Maria Therezinha Segadas,<sup>28</sup> Waldick Pereira e Sonali Maria de Souza. Estes trabalhos, além de representarem um elaborado cronograma a respeito da história do município de Nova Iguaçu, apresentam como foco de estudos, um fator importante de como se buscou, após a crise dos laranjais, sustentar-se e manter sua plena atividade econômica e social.

Estas obras serão as primeiras a serem analisadas neste capítulo sobre o município de Nova Iguaçu, pois estabelecem uma abordagem que ainda não contempla o processo de industrialização no município, mas que já retratam o cenário local, após a crise da citricultura. Estes estudos apresentam uma visão mais ampla sobre o município de Nova Iguaçu e também trazem como foco de estudos, os loteamentos das antigas chácaras após o fim da era dos laranjais no município e a migração de pessoas de diversas áreas, para a região de Nova Iguaçu, com intuito de se situar em um lugar que estava propício, não para eles trabalharem e comercializarem, mas para que estes migrantes recém-chegados, buscassem naquela localidade um ponto fixo de parada, com sua população trabalhando em locais mais distantes de Nova Iguaçu, fazendo daquele

---

<sup>28</sup> SEGADAS, Maria Therezinha. **Nova Iguaçu**: Uma absorção de uma cédula urbana pelo grande Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Revista Brasileira de Geografia. 1962.

lugar, uma espécie de “cidade dormitório”. Logo, estas análises servem de intermediárias entre o período de crise da citricultura local e o processo industrial que se desenvolveu na região.

Vale ressaltar, que este capítulo não busca demonstrar somente a relevância destes trabalhos já escritos sobre a industrialização em âmbito local ou nacional. Busca-se também demonstrar, os pontos em que esta dissertação se converge ou diverge com algumas análises dos trabalhos anteriores. Visando assim, contribuir para um maior entendimento da história do município durante o período que vai após a crise dos laranjais e demonstrando quais aspectos que este trabalho visa se diferenciar dos trabalhos já realizados sobre Nova Iguaçu neste recorte temporal.

Será dado destaque também para outros trabalhos sobre Nova Iguaçu que vem sendo realizados, e que tem como foco principal, o processo industrial que se desenvolveu naquela localidade. Sobre a industrialização em Nova Iguaçu, já foram realizados trabalhos como o de José Ricardo Ramalho, sobre a Fábrica Nacional de Motores (FNM), como também o trabalho de Andre Laino, sobre a usina Brazferro, realizado no início da década de noventa, demonstrando a relação de trabalho dos operários desta localidade. Estes trabalhos apresentam certo pioneirismo e relevância acerca do processo de industrialização que se desenvolveu na região estudada.

O empenho de estudantes da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, também será demonstrado neste trabalho que a partir do ano de 2006, inaugurou uma unidade no município de Nova Iguaçu, já constam dois trabalhos de monografia na área de História sobre determinadas indústrias que encontram-se localizadas nesta região. Um dos trabalhos é sobre as indústrias Bayer, situada no município de Belford Roxo, que era distrito de Nova Iguaçu até o ano de 1990. Este trabalho foi escrito por Maicon Sérgio Mota de Carvalho, sendo apresentado na defesa de sua monografia para a conclusão do curso de História pela Universidade.

Outro trabalho de monografia que estuda uma indústria de Nova Iguaçu, é o trabalho de Carolina Bittencourt Mendonça. Sua obra estuda a indústria Compactor, demonstrando fatores que auxiliaram para o estabelecimento desta indústria no município de Nova Iguaçu durante a década de 50. Este trabalho, também foi sua monografia para a conclusão do curso de História e também virou dissertação de mestrado apresentado pela mesma autora.

Outra obra que será analisada é a dissertação de Adrianno Oliveira Rodrigues, professor desta instituição. Adrianno fez sua dissertação de mestrado em economia,

estudando os ciclos econômicos do estabelecidos no município de Nova Iguaçu, visando compreender não apenas os ciclos agrícolas e comerciais que se desenvolveram em Nova Iguaçu, como também, o processo industrial que instaurou-se na localidade. Estes estudos apontam as novas pesquisas desenvolvidas por profissionais e alunos da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro do campus de Nova Iguaçu, estabelecendo uma análise a respeito dos ciclos econômicos da cidade, e abrindo margens para novos estudos sobre o município.

### **1.1 A expansão industrial no Brasil através da produção bibliográfica.**

O processo de transição da política econômica brasileira foi um fator bastante estudado por diversos autores da área da História e da Economia. As análises destes autores são de profunda relevância para entendermos o processo tardio que se desenrolou a ruptura da economia brasileira com a agricultura e a entrada em uma economia voltada para a industrialização. A verificação da abordagem em que estes intelectuais utilizaram para apresentarem suas idéias sobre este momento de transição, será o ponto principal desta parte do capítulo, onde serão apresentados os trabalhos de diversos autores sobre este tema, buscando entender os pontos altos de suas hipóteses a respeito do processo de industrialização no Brasil.

Nesta parte do capítulo, serão verificadas, determinadas características de cada trabalho. Demonstrando quais foram os atores sociais, inseridos naquele momento histórico, que os autores deram mais importância para que ocorresse uma evolução no processo industrial no Brasil e a transição de uma política econômica voltada para a agricultura para uma mais focada na urbanização e industrialização. Com isso, buscaremos entender os pontos de convergência ou divergência, em que os trabalhos já realizados a respeito da industrialização no Brasil tiveram em comum entre si, e quais as contribuições destas obras para este trabalho de dissertação, que visa apontar os atores sociais responsáveis para a implementação de uma política industrial na região de Nova Iguaçu, no interior do Rio de Janeiro em meados do século XX.

Entre os principais autores que serão analisados neste início do capítulo, está Boris Fausto com seu livro, *Trabalho urbano e conflito social*.<sup>29</sup> Temos também a importante

<sup>29</sup>FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social (1890 – 1920)*. São Paulo: Difel, 1976.



obra de Sonia Mendonça, *A industrialização brasileira*<sup>30</sup>, que analisa o processo industrial brasileiro desde seus primórdios, ainda no período colonial, até o período da ditadura militar, em 1964. A autora Angela de Castro Gomes, também será analisada neste capítulo, com seu livro *A invenção do trabalhismo*<sup>31</sup>. Outra autora importante, que será analisada nesta etapa do capítulo, será a autora Nícia Vilela, que escreveu a obra *A luta pela industrialização no Brasil*<sup>32</sup> e por fim, teremos uma análise da obra da autora Sônia Draibe, em seu texto intitulado *Rumos e metamorfoses*.<sup>33</sup> Todos estes autores são referências no estudo sobre a industrialização nacional e esta etapa do capítulo analisará os motivos que tais autores interpretaram o processo de industrialização no Brasil e os atores que tiveram preeminência na instauração de indústrias em âmbito nacional.

Um dos autores referência no processo de estudo histórico a respeito das mudanças do eixo econômico, que o Brasil sofreu, principalmente durante o fim do império e início da era republicana é o historiador Boris Fausto. Em seu livro intitulado *Trabalho urbano e conflito social*<sup>34</sup>, o autor apresenta sua análise a respeito dos fatores que impulsionaram o desenvolvimento industrial do país, chegando a conclusão que os lucros gerados pela agricultura cafeeira, fez com que seus proprietários investissem em novos setores, como a inauguração de indústrias, com intuito de dinamizar a sua produção, acarretando mais ganhos econômicos. Este livro, apesar de não ter um enfoque preciso no período de industrialização brasileira, demonstra uma análise do autor, sobre o processo de início da expansão industrial no Brasil.

O livro de Boris Fausto, foca mais precisamente no período da Primeira República, deixando o período de crise deste governo caracterizado por uma política liberal e agrícola de lado. Com isso, o livro vai abranger um período em que ainda havia formas de lutas autônomas dos trabalhadores, onde a recente classe operária brasileira desencadeou métodos de lutas, geralmente através de greves e de formação de sindicatos, acompanhados com o ideal anarquista. O período em que o Estado toma as rédeas da situação e começa a estabelecer métodos de controle, tanto ao processo de reivindicações da classe operária, quanto ao processo de urbanização e industrialização do país, não é de fato estudado pelo autor em seu livro, onde o foco é de fato, um

<sup>30</sup> MENDONÇA, Sonia. *A industrialização brasileira*. Editora moderna. São Paulo. 1995.

<sup>31</sup> GOMES, Angela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. FGV. Rio de Janeiro. 2005.

<sup>32</sup> VILELA, Nícia. *A luta pela industrialização no Brasil*. Editora Alfa Omega. São Paulo. 1978.

<sup>33</sup> DRAIBE, Sônia. *Rumos e metamorfoses: um estudo sobre a constituição do Estado e as alternativas da industrialização no Brasil. 1930 – 1960*. Editora paz e terra.

<sup>34</sup> FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social*. São Paulo. Difel. 1976.

momento histórico em que o Brasil ainda era regido quase que exclusivamente por uma economia liberal e agrícola.

Outra obra importante para a compreensão do processo industrial brasileiro é o livro intitulado, *A industrialização brasileira*<sup>35</sup>, da autora Sonia Mendonça. Neste livro, começa a se estabelecer uma análise histórica a respeito do processo industrial no Brasil, desde o período colonial, no qual a autora aborda em seu livro, processos como o pesado controle da metrópole portuguesa, culminando em diversas dificuldades de se implantar manufaturas no Brasil, onde o alvará de 1785, assinado pela rainha de Portugal, que decretou o fechamento de fábricas e manufaturas no Brasil. A autora atribui importância para o estudo da era colonial, para a compreensão do processo industrial no Brasil, pois, neste período, são assinalados projetos e intervenções, que culminaram no processo lento e gradual, de implantação de indústrias no país.

Sônia Mendonça também estabelece em sua análise, alguns fatores que levaram ao processo de industrialização no Brasil. No ponto de vista da autora, temos uma análise próxima a apresentada pelo historiador Boris Fausto, na qual a autora também defende, que os primeiros empreendimentos industriais foram abertos, devido a um excedente na produção de café no sudeste brasileiro, como podemos analisar abaixo:

O que teria o sudeste de tão especial? Dentre os fatores dessa “especialidade”, destacou-se a avassaladora expansão da lavoura cafeeira ocorrida, a partir de 1870, na Província de São Paulo, enquanto no Rio de Janeiro a cafeicultura ainda tinha destaque. A existência de abundantes terras virgens na região do chamado Oeste Paulista, juntamente com a alta dos preços do café no exterior, determinou uma verdadeira corrida para o interior paulista, fazendo com que extensas regiões de matas, logo se transformasse num mar de cafezais. Em decorrência dessa expansão, um novo dinamismo acalentou nossa economia e sociedade, que passaram a experimentar transformações num ritmo nunca atingido antes.<sup>36</sup>

Com isso, verificamos que a autora defende que, o início da industrialização brasileira esteve intensamente ligado à agricultura e que o cultivo da café no sudeste, trouxe bastante lucro para os agricultores deste produto, gerando capital suficiente para investir em novas fontes de renda, entre elas a indústria. Sonia Mendonça aponta que no início do século XX, o Brasil ainda mantinha suas estruturas agroexportadoras. Ela demonstra que na primeira etapa do século XX, havia uma inexistência de indústrias pesadas no

<sup>35</sup> MENDONÇA, Sonia. *A industrialização brasileira*. São Paulo. Moderna.1995.

<sup>36</sup> MENDONÇA, Sonia. *A industrialização brasileira*. P. 16.

Brasil, gerando assim, maior dependência do mercado externo em relação a adquirir maquinarias propícias para acelerar a produtividade industrial. Assim, a autora aponta que neste período não havia incentivo do Estado em implantar medidas que visariam impulsionar um aumento na produtividade industrial brasileira, submetendo nossa economia somente ao setor agroexportador.

Os atores que a autora atribui a instauração de indústrias nesse primeiro momento de abertura das primeiras fábricas variam. Com isso, temos primeiramente os agricultores, que como já havíamos falado, em virtude dos altos lucros obtidos com o cultivo e comércio do café, possibilitou aos empresários neste ramo, em se aventurar num novo recurso econômico. Havia também os donos de bancos, ou empresas estrangeiras, que também faziam da abertura de indústrias no Brasil uma atividade paralela. E por último, temos os imigrantes que vieram viver no Brasil, onde com o dinheiro que traziam de seus respectivos países, investiam suas economias na abertura de algumas indústrias, fazendo deste grupo, diferente dos outros empresários industriais, pelo fato deles não terem outros recursos para angariar dinheiro, a não ser com os lucros obtidos por suas fábricas. Com isso, ela demonstra uma ampliação da margem interpretativa sobre os sujeitos que desencadearam o processo industrial brasileiro, em relação à análise de Boris Fausto, apontando uma margem maior de sujeitos dispostos a implantar indústrias no Brasil durante o período da Primeira República.

Porém, Sonia Mendonça estabeleceu uma análise destes sujeitos com o Estado. A autora escreve sobre alguns desses indivíduos que eram donos de fábricas no Brasil, apresentando o papel que esses sujeitos iam ganhando gradativamente durante a primeira república, chegando em um certo momento, a pressionarem o Estado para que lhes dessem maior proteção no comércio de seus produtos, objetivando alavancar de vez, a indústria brasileira. Isso demonstra uma nova análise interpretativa da autora, onde ela começa a apresentar a relação destes sujeitos com o Estado nacional e a busca feita por eles, para adquirir certo auxílio e proteção, oriundo do setor governamental<sup>37</sup>.

O período de governo de Getúlio Vargas é analisado por Sonia Mendonça, como um momento de intensa intervenção do Estado na economia. Assim, após a década de 30 ocorre em um primeiro momento, uma política Estatal voltada a proteger o latifúndio e a economia cafeeira da crise de 29, mas também, inicia-se um ambiente propício para a instauração de uma política de incentivo a indústria nacional. Com isso, o Estado toma

<sup>37</sup>MENDONÇA. *A industrialização brasileira*. 1995. P. 35.

para si a responsabilidade de implantação da indústria pesada no Brasil, iniciando um momento de criação de várias empresas públicas, geridas pela administração estatal. A autora atribui o período Vargas como um período de forte centralização administrativa e uma política econômica nacionalista, visando impulsionar a indústria de base nacional<sup>38</sup>.

Essa política de industrialização, visando abertura de empresas públicas, administradas pelo Estado gerou um ambiente de mudanças, mas também de discórdias entre a elite nacional. Sonia Mendonça aponta que o incentivo à industrialização, foi um dos principais motivos que acarretou desavenças entre o governo de Vargas e alguns membros da elite agrária e até da elite urbana brasileira. Segundo a autora, esta desavença provocou a queda de Vargas, mas logo em seguida, não conseguiu evitar a ascensão de Juscelino Kubitschek à presidência.

Durante o governo de Juscelino, a autora aponta uma continuidade com a política industrial de Vargas, mas também como um governo que obteve certas características próprias. Este novo governo é apontado pela autora como um período que:

No governo de Juscelino Kubitschek nossa indústria deu uma guinada de 180 graus, se comparada às características do governo anterior. E isso devido a dois fatores: a opção por desenvolver um novo setor industrial – o setor de bens de consumo duráveis; e a decisão de favorecer a livre participação do capital estrangeiro.<sup>39</sup>

Com isso, a autora demonstra a capacidade de Juscelino, durante seu governo, manter o processo de industrialização no Brasil e ao mesmo tempo, abrir caminho para investimentos de capital estrangeiro, atraindo diversas fábricas internacionais para o Brasil, sem fechar as empresas públicas criadas no governo anterior de Getúlio Vargas.

Podemos perceber, que a análise de Sonia Mendonça a respeito do processo industrial brasileiro, divide-se em três fases, onde a autora aponta que na República velha, o foco dos empresários eram as indústrias de bens de consumo. No governo de Getúlio Vargas, temos uma mudança nos rumos da produtividade industrial no Brasil, onde o incentivo na produção industrial é voltado para as indústrias de bens de produção. Por fim, no governo de Juscelino Kubitschek, temos uma nova mudança no incentivo a produção industrial no Brasil, onde estabelece um maior investimento nas

<sup>38</sup> MENDONÇA, Sonia. *A industrialização brasileira*. 1995. P.49.

<sup>39</sup> MENDONÇA, Sonia. *A industrialização brasileira*. 1995. P. 54.

indústrias de bens de consumo duráveis. Demonstrando como o processo de industrialização no Brasil modificou-se intensamente desde a República Velha, até o governo de Juscelino, já em meados do século XX. Período este em que o município de Nova Iguaçu atravessava uma intensa crise econômica em seu principal produto agrícola que era o cultivo e o comércio de laranjas.

O foco da autora nos indivíduos importantes no processo de surgimento da industrialização no Brasil, também aparece em alguns momentos de sua obra. No período em que a autora foca sua análise, na Primeira República, aparecem nomes de alguns donos de indústrias que empenharam-se em formar os primeiros estabelecimentos industriais em um país em que ainda não havia nenhum incentivo fiscal para que esta função fosse estabelecida. Porém, a partir da análise da era Vargas e do período pós Vargas, culminando no governo de Juscelino Kubitschek, a autora mantém seu foco nas figuras governamentais, principalmente nas do executivo, dando pouca ênfase em outros atores públicos ou privados, que de certa forma puderam, contribuir para este processo.

Outra autora que estabelece importante análise a respeito do processo de formação da indústria nacional é Nícia Vilela Luz. Em seu livro, *A luta pela industrialização no Brasil*<sup>40</sup>, a autora apresenta os diferentes discursos embasados no pensamento nacionalista, que compactuaram para a implantação, ou para o atraso da instauração de indústrias em âmbito nacional, como podemos perceber no trecho em que isso fica esclarecido em seu livro:

Nosso objetivo não é analisar propriamente os primórdios da industrialização brasileira, nem os seus problemas específicos, mas sim o movimento industrialista, que fundamentando-se em argumentos de ordem nacionalista, advogava a industrialização do país como algo imprescindível de prosperidade, de estabilidade econômica e de grandeza nacional.<sup>41</sup>

Com isso, podemos perceber que o ponto crucial em que estabelece o foco da análise da autora, são as divergências entre as diversas correntes políticas e sociais que atuavam no Brasil, gerando um conflito interno para ditar os rumos econômicos que regeriam nosso país. O recorte temporal feito por Nícia Vilela é bastante extenso, agregando diversos períodos da história brasileira. A autora estabelece seu recorte, desde o período do Brasil colonial, onde o rei de Portugal D. João VI tratou de transformar as estruturas da

<sup>40</sup> LUZ, Nícia Vilela. *A luta pela industrialização no Brasil*. Editora Alfa Omega. São Paulo. 1978

<sup>41</sup> LUZ. 1978. P. 17

sociedade brasileira, urbanizando e dando liberdade de indústria, terminando seu recorte temporal, no período da final da Primeira República, onde ela vai apresentar um país com maiores taxas de crescimento industrial e com o pensamento e a economia industrial mais estabelecida nessa sociedade. Logo, assim como Sônia Mendonça, a autora Nícia estabelece em sua análise um amplo recorte temporal, para explicar o processo que levou a implantação de indústrias no Brasil.

A autora, em seu livro, deu preeminência nos debates envoltos pelos representantes políticos e por indivíduos de importância econômica no Brasil, que atuavam nas estruturas sociais brasileiras, durante o período que abrange o recorte temporal em que a autora foca sua análise. Demonstrando quais eram os setores favoráveis e quais eram os setores contrários a instauração de indústrias no Brasil, e como os diversos acontecimentos internos e externos, fizeram com que cada grupo vencesse o debate e mantivesse a estrutura econômica brasileira em torno de suas demandas em um determinado momento. O foco principal da autora, é entender como os defensores do discurso favoráveis ao processo de industrialização, conseguiram fazer com que a estrutura política e econômica brasileira seguisse as suas demandas e instaurasse certo incentivo ao processo industrial do país a partir de finais dos anos vinte.

O livro apresenta em seguida, como cada momento histórico estudado, durante o recorte temporal feito pela mesma, contribuiu para que a industrialização brasileira fosse atrasada. Segundo a autora, em um primeiro momento de tentativa de incentivo a industrialização, os indivíduos favoráveis a essa política tiveram que enfrentar os interesses de concorrentes externas, principalmente dos produtos industriais ingleses, que, visando manter o mercado consumidor brasileiro como seu receptor de produtos manufaturados, visavam estratégias políticas e econômicas para barrar o desenvolvimento industrial brasileiro<sup>42</sup>. Depois, a autora vai apontar o embargo interno que os industriais tiveram que enfrentar, onde os grandes proprietários de terra, preferiam que a economia nacional, mantivesse uma estrutura mais voltada para os interesses agrícolas. Demonstrando como as dificuldades de implantação de indústrias no Brasil, se perpetuavam independente do momento político que o país enfrentava<sup>43</sup>.

O discurso estabelecido pelos principais setores que regeram a economia no Brasil foi bem apresentado pela autora Nícia Vilela. Ela demonstra que a principal

---

<sup>42</sup> LUZ, Nícia. 1978. P. 19.

<sup>43</sup> LUZ, Nícia. 1978. p. 27.

demanda dos defensores da indústria nacional, foi a implantação de medidas governamentais com intuito de aumentar os impostos para os produtos industriais estrangeiros, para que com isso os produtos de indústrias brasileiras pudessem concorrer com as mercadorias vindas do exterior. Enquanto isso, os setores mais favoráveis a uma política econômica voltada para agricultura, defendiam que um aumento de impostos para os produtos industrializados estrangeiros, aumentaria o preço do custo de vida de todos os cidadãos, enquanto a indústria brasileira não conseguiria suprir as necessidades básicas de toda a nação com seus produtos manufaturados.

Ao contrário dos textos citados anteriormente, Nícia Vilela, expõe com bastante frequência, os indivíduos inseridos no debate acerca dos rumos econômicos que a economia brasileira guiou-se durante o século XIX e XX. O livro cita nominalmente figuras inseridas neste cenário de mudanças nas estruturas econômicas e sociais, apresentando sujeitos de ambos os lados no debate. Sendo entre os trabalhos aqui apresentados, o que mais focou na ação dos sujeitos, no processo de industrialização brasileira. Em seu livro é dado destaque para as ações de diversas pessoas importantes para a culminância do processo industrial brasileiro. Como exemplo temos, Comendador Malvino da Silva Reis, o Visconde de São Salvador, Alves Branco, entre outros, que são apresentados de forma bastante clara, demonstrando seus métodos de defesa da política industrial, sua trajetória para que tal discurso ganhasse maior notoriedade. No outro lado, os indivíduos que defendiam uma economia agrícola, ou uma economia industrial fraca, também são citados no texto da autora, onde indivíduos importantes que representavam a lavoura como Souza Franco, além de serem citados, são analisados seus discurso e suas idéias. Assim, a autora apresenta ao longo de seu texto, um longo debate sobre as diversas correntes inseridas no processo de industrialização nacional.

O período republicano configura um novo momento da política interna brasileira. A crise da lavoura foi mudando os rumos econômicos que o país detinha suas bases estruturais, abrindo caminho para um novo cenário econômico e para mudanças de rumos de pensamento para os defensores de uma economia mais voltada para a agricultura, como podemos perceber na citação a seguir.

Os interesses agrícolas foram sendo preteridos pelos do capital, essencialmente urbano, fosse ele industrial, comercial ou bancário. Habilmente manobrada por interesses contrários à industrialização do país, essa oposição à indústria nacional atingiu, entretanto, a própria população urbana, consumando, assim, o divórcio entre os

sentimentos nacionalistas e o movimento industrial que, paradoxalmente, baseava as suas reivindicações em argumentos nacionalistas e que iniciara a sua campanha e realizara as suas primeiras conquistas apoiado, justamente, nesse nacionalismo.<sup>44</sup>

Verifica-se na citação acima, que o discurso liberal estava tomando cada vez mais espaço no cenário político e social no Brasil no início do século XX, fazendo com que setores ligados a uma política econômica voltada para a agricultura, integrassem agora a uma corrente de pensamento mais liberal, porém ligada mais a um tipo de liberalismo que pregava a livre concorrência e a total falta de intervenção do Estado na economia.

Segundo Nícia Vilela, a corrente hegemônica que se estabelece na política brasileira a partir de finais do século XIX e principalmente no século XX, é a vertente liberal. Com isso, os dois setores concorrentes a respeito dos rumos que a economia brasileira deveria seguir, tiveram que se adaptar a essa corrente de pensamento, estabelecendo um discurso que para uma corrente, favoreceria uma política industrial, e em uma outra corrente de pensamento, favoreceria ainda uma baixa industrialização e uma economia predominantemente agrária. Esses discursos são apresentados pela autora, demonstrando que a corrente liberal industrializante, mantinha a sua demanda por políticas estatais que aumentassem os impostos dos produtos industriais estrangeiros, enquanto o lado mais voltado para uma política agrícola, defendia que além de aumento de impostos aos produtos estrangeiros encareceriam o custo de vida dos cidadãos brasileiros, também queriam um livre mercado gerido pela livre concorrência<sup>45</sup>. Portanto, verificamos que a autora no decorrer de seu livro, está sempre apontando o embate entre os liberais favoráveis a uma política de incentivo a industrialização nacional, contra os liberais que queriam cautela no processo de industrialização nacional, porém ela sempre dá mais ênfase ao grupo disposto a industrializar o país, citando o nome de seus representantes e seus argumentos.

O livro de Nícia Vilela é uma importante análise a respeito do processo industrial brasileiro. Seu livro esteve sempre empenhado em apresentar os debates das diversas correntes envolvidas no cenário econômico e político nacional a respeito dos rumos que deveriam se estruturar a economia nacional. As formas de adaptação dessas correntes são apresentadas com bastante precisão em seu livro e demonstram como as

---

<sup>44</sup> LUZ. 1978. P. 101.

<sup>45</sup> LUZ. 1978. P.55



crises e demandas externas, proporcionaram uma vitória, ora para uma corrente econômica industrial, ora para uma corrente econômica voltada para a agricultura.

A autora conclui sua análise, demonstrando que o nacionalismo econômico foi um fator de extrema importância para o processo de formação industrial no Brasil. Ela segue demonstrando que, com esse pensamento de proteção a indústria nacional, os governos posteriores a primeira República, como o de Getúlio Vargas, conseguirão impulsionar o processo industrial brasileiro. Logo, as correntes que defendiam uma política nacional de incentivo a industrialização, lutaram por isso desde os remotos períodos do Brasil colônia, e essa luta foi ganhando forças durante o período republicano, culminando com o período de governo de Vargas, onde finalmente ocorre uma política nacional voltada para a industrialização, fazendo com que o Brasil entre de vez no cenário econômico industrial. Esta obra nos apresenta uma importante análise a respeito de como uma política estatal voltada para industrialização conseguiu tornar-se hegemônica a partir dos anos 30, devido a uma série de debates ocorridos anteriormente e a diversos fatores que proporcionaram uma ascensão da política industrial no Brasil vinculado ao Estado.

Outra autora de profunda relevância que estudou o processo industrial brasileiro é Sônia Draibe. Na análise da autora sobre a industrialização no Brasil em seu texto *Rumos e metamorfoses*<sup>46</sup>, ela estuda a contribuição do intervencionismo estatal para uma nova fase do capitalismo industrial no Brasil e como o auxílio do Estado contribuiu no avanço da industrialização no país. Com isso, o texto visa demonstrar, como o Estado vai se aprimorando para tomar o controle econômico do país a partir da década de 30. Levando em conta que durante a primeira República, o Brasil se estabeleceria como um país oligárquico e descentralizado, Sônia Draibe vai demonstrando todo esse processo de ruptura, que o sistema político e econômico brasileiro se transformou a partir dos governos de Getúlio Vargas. O Estado aparece a partir deste cenário, atuando não só no setor industrial, mas também em setores agrícolas. Demonstrando que, a partir da crise do final dos anos vinte do século XX, a estrutura econômica, gerida durante a primeira república, não conseguiu continuar mantendo-se, com os antigos métodos autônomos e liberais, que haviam ocorridos nos anos anteriores. Isso desencadeou um processo em que o Estado se tornou necessário, para reestruturar as bases econômicas brasileiras.

---

<sup>46</sup> DRAIBE, Sônia. *Rumos e metamorfoses*: Um estudo sobre a constituição do Estado e as alternativas da industrialização no Brasil 1930 – 1960. Editora paz e terra. 2007.

Sônia Draibe, demonstra como Estado nacional buscou aumentar sua influência nos meios econômicos e sociais, criando órgãos de controle e entendimento das estruturas nacionais. Entre esses órgãos estão o IBGE, o SUMOC (Superintendência da moeda e do crédito), o CEXIM (Carteira de Exportação e Importação). A autora vai analisando a criação desses órgãos como mecanismos do Estado aprofundar seu poderio e desestruturar as bases políticas e econômicas anteriores que eram mais separadas da União<sup>47</sup>. Assim, as bases econômicas estruturais brasileiras, passam por um processo de mudança, onde o Estado vai estabelecer um maior controle dos meios de produção nacionais, aumentando a propriedade da União, gerando mais recursos para a implantação de indústrias em solo nacional.

A autora defende que o resultado desta nova política governamental não ocorreu como formas distintas de políticas governamentais no qual o Estado ora queria agradar um grupo, para depois agradar o outro. Sônia Draibe entende que essa estrutura de governo se formou como uma necessidade simultânea pleiteadas por diversos setores governamentais que possibilitaram a ação intervencionista do governo sintetizando os diferentes setores e interesses governamentais e sociais que o Estado apareceria como uma resolução. Havia também, um consenso entre o governo, seus auxiliares e alguns órgãos técnicos sobre a necessidade de fazer uma política de industrialização no Brasil.

Algumas tentativas de grupos empresariais, para fundar bancos de investimentos na área da industrialização no Brasil, foram apontadas no texto, porém, várias dessas tentativas foram frustradas<sup>48</sup>. Isso acaba na maioria dos casos, fazendo com que seja o Estado o desencadeador do processo urbanístico e industrial no país. Isso, é apontado no texto para demonstrar como a autonomia e influência do Estado conseguiu dar cabo ao processo industrial no Brasil demonstrando a centralização na aplicação do projeto urbanizador e industrial.

Logo, o texto da autora Sônia Draibe, demonstra que, o processo industrial esteve altamente ligado ao investimento Estatal. Isso não é um caso isolado do Brasil, pois a autora aponta que mesmo em países com alta influência liberal, como a Inglaterra, o processo industrial, também só foi alavancado a partir de intervenções e regulamentações oriundas do Estado. Esse caso ocorreu também no Brasil, onde graças a diversos métodos e apoio de certa camada da sociedade, o Estado conseguiu se

---

<sup>47</sup> DRAIBE. 2007. P. 91.

<sup>48</sup> DRAIBE. 2007. P.88.

estabelecer e aprimorar os métodos de implantação de indústrias, principalmente as indústrias de base no país.

A autora estabelece uma análise, demonstrando bastante o protagonismo do Estado, dando pouca visibilidade aos indivíduos de um modo geral, mas sim aos métodos que os representantes governamentais se utilizaram para implantar as indústrias no Brasil. As figuras dos atores sociais inseridos no contexto de implantação de indústrias em âmbito nacional, geralmente, são resumidas aos representantes do Estado, principalmente, aqueles do executivo, que para a autora, obtiveram êxito na transformação política e econômica brasileira na época. Portanto, assim como os trabalhos avaliados anteriormente, a figura Estatal é identificada como um fator de extrema importância, para o processo de industrialização nacional.

Outra importante obra que faz uma análise a respeito da formação da estrutura do Estado nacional brasileiro em setores ligados a urbanização e a industrialização do país é o livro de Angela de Castro Gomes. Em sua obra intitulada *A invenção do trabalhismo no Brasil*<sup>49</sup>, a autora vai demonstrar todo o processo que o Estado e as forças governamentais vão estabelecer para construir um projeto trabalhista, que estruturou-se principalmente a partir dos anos 30 no Brasil. Neste livro, a autora demonstra que a intervenção estatal no processo de mudanças socioeconômicas na estrutura nacional, vai além da questão de incentivo à industrialização, mas também no processo de construção e identificação da classe operária brasileira.

Angela de Castro Gomes, foca sua análise na forma de como os trabalhadores reivindicavam por seus direitos, desde o início do século XX, demonstrando as lutas operárias e suas mudanças, desde o período da Primeira República, onde as maneiras de reivindicar eram em sua maioria, estabelecida por métodos autônomos, através de sindicato, greves, sempre livres de representantes políticos. Essas manifestações eram regidas por representantes operários e na maioria das vezes, levantavam a bandeira do anarquismo que era uma idéia bastante forte entre membros da classe operária no período da Primeira República. Logo, a análise da autora demonstra as características autônomas do início das manifestações de trabalhadores brasileiros, sendo suas reivindicações, realizadas por movimentos oriundos do próprio operariado.

No entanto, durante o governo de Getúlio Vargas, a autora aponta que começa a se estabelecer métodos de controle deste grupo de operários nacionais que surgia. O

<sup>49</sup> GOMES, Angela de Castro. *A invenção do trabalhismo no Brasil*. Editora FGV. 2005.

Estado vai gradativamente criando mecanismo de trazer para si, as reivindicações da população trabalhadora, gerando uma política de troca com essa classe, em que, o Estado cedia alguns direitos para os trabalhadores, em troca, não haveria mais greves, distúrbios e o controle de sindicatos seriam realizados pelo próprio Estado. Isso gerou, o que a autora chamou de “ideologia da outorga”, onde o Estado se tornaria uma figura paternal para o operariado brasileiro, e que para que as demandas dos trabalhadores fossem atendidas, seria necessário que os mesmos recorressem ao Estado, e não a greves e distúrbios populares<sup>50</sup>.

Angela de Castro Gomes, não enfatiza sua análise no processo industrial que o país viveria durante o Estado Novo. Porém, sua importante obra aponta alguns mecanismos, que o Estado nacional apresenta naquela época, para ordenar os novos rumos tomados não só pela sociedade brasileira, mas que estava sendo apontado em toda esfera global. Pois, as mudanças de rumos, para uma política industrializante e urbanizadora que começa a ser implantada no Brasil a partir da década de trinta, e a intervenção do Estado nos conflitos entre trabalhador e patrão através da ideologia da outorga, conseguiriam evitar um cenário, onde as lutas de classes seriam acirradas, como podemos observar no trecho a seguir.

A “preservação da personalidade nacional” do risco de uma catástrofe anarquizante – que demarcava, no dizer de Azevedo Amaral, o sentido “restaurador” -, unia-se estreitamente à sua dimensão mais inovadora: o enfrentamento da questão social. Ordem e revolução, tradição e inovação formavam um amálgama cujo sentido fundamental precisa ser explicado para que o projeto político do Estado Novo surja em toda sua dimensão transformadora e conformadora da realidade nacional.<sup>51</sup>

Logo, percebemos que a autora também dá bastante mérito, a participação do Estado nesse processo de contenção das massas, controle da economia e transformações nos métodos sociais de reger a sociedade brasileira, transformando as estruturas da sociedade, sem deixar que lutas sociais mais radicais obtivessem sucesso no cenário nacional.

Podemos perceber que a partir da análise destes diversos autores a respeito do processo de industrialização vivido em nosso país, a figura do Estado aparece como sendo elemento de extrema importância, para dar cabo a esta mudança. Assim, mesmo no texto de Nícia Vilela, na qual figuras de fora da esfera estatal aparecem com mais

---

<sup>50</sup> GOMES. 2005. P.178.

<sup>51</sup> GOMES. 2005. P.193.

relevância, podemos perceber que no final, até mesmo sujeitos mais voltados para áreas industriais que aparentemente estavam de fora da política, acabaram curvando-se ao elemento estatal para que este enfim, pudesse dar cabo, ao processo urbanístico e industrial brasileiro. Tais análises demonstraram que mesmo havendo diversos debates acerca da necessidade de transformar a nossa base econômica, da agricultura para a indústria, o fator que conseguiu levar adiante o processo de transição, sendo bem sucedido nesse quesito, foi a intervenção do Estado nacional.

Outro fator que podemos salientar ao analisar alguns dos estudiosos que dedicaram-se a analisar o processo de industrialização brasileira indicam que, os elementos das políticas locais, representadas por políticos mais distantes da esfera do executivo nacional, quase sempre, não são apresentados nos textos citados anteriormente. Os diversos trabalhos apresentados mantêm o foco em regiões centrais, do Sul e do Sudeste brasileiro, deixando de lado, outras regiões como o Norte e o Nordeste do Brasil também deixando de lado, uma análise sobre as regiões periféricas dos Estados mais estudados por eles, como é o caso de Nova Iguaçu. Sendo assim, este trabalho pretende contribuir com a bibliografia a respeito da industrialização nacional, demonstrando como umas das regiões periféricas, de um dos principais Estados do Brasil se estruturaram e se adequaram, a este novo processo urbano e econômico vivenciado na sociedade brasileira do pós 1930.

Apesar de, à partir da década de trinta, o poder central do executivo, ser aplicado de maneira mais totalizante no cenário nacional, não podemos esquecer, que um governo não conseguiria estruturar suas mudanças, sem uma contribuição de indivíduos com determinada importância política e econômica em menor escala. As contribuições de indivíduos, inseridos nos Estados e municípios, que se juntaram a este novo processo político e econômico abrindo margens para a implantação da política do Estado Novo em suas respectivas regiões, não receberam muito destaque nas análises dos mesmos autores, quando estes passam a estudar o cenário político brasileiro do pós trinta. As análises demonstradas nesta primeira parte do capítulo apresentam um discurso totalizante, tendo a figura do Estado como foco principal de suas abordagens.

Por isso, na próxima etapa deste capítulo, apresentar-se-ão as análises de pesquisadores que focaram seus estudos numa escala menor, tendo como foco principal o município de Nova Iguaçu. Estas análises vão demonstrar como os indivíduos inseridos em um município periférico do Rio de Janeiro, que também continha tradições agrícolas e que apresentavam representantes locais, defensores da agricultura, se

relacionaram com essa nova política estatizante e urbanizadora. As análises que serão apresentadas a seguir, buscam apresentar esse processo de transição, e como o município de Nova Iguaçu se estabeleceu com esses novos rumos políticos e econômicos que o Brasil estava vivenciando nessa nova era iniciada no governo de Getúlio Vargas.

## **12 – Da citricultura à “cidade dormitório”. Análise das bibliografias de uma região em processo de mudança.**

Esta etapa do capítulo tem como objetivo principal, demonstrar a relevância das bibliografias que abrangem o período de crise no plantio e comércio das laranjas, até a década de 50. Este é o período que se inicia o processo de urbanização e até uma política industrial no território de Nova Iguaçu. Busca-se demonstrar como estes trabalhos, levaram em conta certas questões ocorridas no município, como o processo de crise econômica ocorrida após a metade da década de 40 e como os sujeitos inseridos na região, adaptaram-se a este novo processo social, vivenciado pelo município de Nova Iguaçu.

Como já foi informado anteriormente, as análises a respeito da trajetória social, política e econômica sobre Nova Iguaçu, aparecem de maneira escassa no campo historiográfico. Por isso, algumas das principais obras que já foram realizadas a respeito da trajetória deste município, ficaram a critério de outros campos acadêmicos, sendo a obra de Maria Therezinha Soares Segadas *Nova Iguaçu: Uma absorção de uma célula urbana pelo grande Rio de Janeiro*<sup>52</sup>, o trabalho mais antigo já encontrado sobre o período que tange a crise agrícola da cidade. Foi publicado na revista brasileira de geografia no ano de 1962. Este trabalho visava entender como o território de Nova Iguaçu, foi aproveitado após a crise da citricultura local.

Este trabalho foi publicado na década de 60, mas ainda possui bastante relevância com as análises sobre Nova Iguaçu até os dias atuais. Maria Therezinha Segadas busca explicar como Nova Iguaçu, em seus variados ciclos econômicos, continuou mantendo uma relação de interdependência com as áreas centrais do Estado do Rio de Janeiro. A autora também estabelece uma análise do município desde seus

<sup>52</sup>SEGADAS, Maria Therezinha Soares. *Nova Iguaçu: Uma absorção de uma célula urbana pelo grande Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro. Revista Brasileira de Geografia. Junho de 1962.

primórdios, demonstrando que mesmo o processo de formação do município, ocorreu devido a uma expansão ocorrida na área do grande Rio de Janeiro, durante uma fase do desenvolvimento da cidade, onde as condições favoráveis do solo de Nova Iguaçu, representaram um ambiente perfeito para ampliar os rumos do desenvolvimento da cidade do Rio de Janeiro, iniciando o processo de povoamento naquela região.

Nova Iguaçu nestes primeiros momentos de formação, representou uma importante rota de passagem e depois uma importante zona de interesses comerciais gerados, graças à economia cafeeira que saía do Vale do Paraíba, em direção ao extinto Estado da Guanabara. Com isso, as passagens tanto fluviais, quanto terrestres utilizadas pelo Estado Rio de Janeiro para transportar o café, acabaram atraindo um fluxo populacional, criando portos e vilas no município de Nova Iguaçu, fixando nessa região seus primeiros povoados, que perduraram até meados do século XIX.

O abandono do cultivo das várzeas, com as valas e regos que tornavam as terras mais enxutas, o desinterêsse pela conservação e limpeza dos rios e canais, com o advento da estrada de ferro, fizeram reaparecer ou dilatar os brejos, tornando, novamente, insalubre esta região, que já consumira tanto esforço humano para o seu dessecamento. Finalmente, "a abolição da escravatura" veio coroar um processo de decadência econômica, que já se iniciara na Baixada da Guanabara, meio século antes.<sup>53</sup>

Podemos assim observar, que para a autora, esse primeiro fluxo habitacional no município de Nova Iguaçu, foi interrompido graças a inauguração da estrada de ferro D. Pedro II em 1858. Com isso, vilas e portos formados no município que tinham como fonte de renda principal o transporte e comércio de café com o Estado da Guanabara, acaba sendo abandonada pela população, da então chamada Vila do Iguaçu.

Maria Therezinha Segadas continua sua análise, apresentando uma segunda onda de crescimento demográfico no município de Nova Iguaçu. Este crescimento iniciou-se a partir da expansão industrial do centro do Rio de Janeiro em finais do século XIX e início do século XX. Essa expansão fez com que as áreas centrais do Estado, buscassem suprir os municípios vizinhos com infraestrutura de locomoção e habitação para que os habitantes recém-chegados ao Estado, pudessem fixar residência em municípios como Nova Iguaçu e se transportar para o trabalho na área central do Estado do Rio de Janeiro, onde se estabelecia um importante centro industrial, e comercial no país<sup>54</sup>.

---

<sup>53</sup> SEGADAS. 1962. P. 167.

<sup>54</sup> SEGADAS. 1962. P.168.

Percebe-se que a autora aponta o crescimento industrial somente na região central do Estado do Rio, mantendo uma idéia de que neste mesmo período, o município de Nova Iguaçu, mantinha uma economia estagnada, devido a crise dos laranjais.

A autora aponta que esse incentivo ao tráfego e fixação de pessoas para a Baixada, intensificou-se na região de Nova Iguaçu, a partir do momento em que o plantio e comércio de laranjas entrou em declínio naquela região. Este declínio econômico do cultivo das laranjas locais, fez com que ocorresse o surgimento de inúmeros lotes das antigas chácaras de laranjas, gerando terrenos propícios a serem habitados por pessoas de diversas localidades do país. Percebe-se que em sua análise, a autora aponta sempre a relação de dependência e de completa estagnação econômica, estabelecida no município de Nova Iguaçu durante a década de 50<sup>55</sup>.

Para Segadas, os indivíduos que foram atraídos para esta Nova Iguaçu, buscavam trabalho no centro do Rio de Janeiro. Eles aproveitavam-se das facilidades de habitação e locomoção surgidas no município de Nova Iguaçu, devido a sua variedade de lotes disponíveis, preços mais acessíveis de aluguel ou de imóveis, infraestruturas encontradas no local como hospital, igreja e escolas e por fim, facilidade para se locomover aos locais de trabalho que continuavam sendo encontrados e ocupados no centro do Rio de Janeiro como o fragmento do livro da autora expõe.

O número de pessoas que deixa diariamente Nova Iguaçu por transporte rodoviário e ferroviário é outro elemento comprovante de sua condição de subúrbio-dormitório. O total de passageiros que partem de Nova Iguaçu, mensalmente, por via ferroviária e rodoviária, em direção a diferentes pontos do Grande Rio de Janeiro, foi em média de 549 283 no ano de 1958. À via férrea coube transportar 56% desse total de passageiros e as linhas de ônibus e lotações, com destino à Praça Mauá, Cascadura e São João de Meriti transportaram os demais 44%. Há, pois, certo equilíbrio na distribuição de passageiros entre os meios de transporte ferroviário e rodoviário. Apesar de o trem ser incomparavelmente mais barato (Cr\$ 2,00) que os ônibus (Cr 40,00), os freqüentes atrasos da Estrada de Ferro Central do Brasil, o enorme desconforto dos horários de retorno, resultante da coincidência de horários das várias classes de empregados, a pontualidade e maior comodidade do transporte rodoviário fazem-no preferido por todos aqueles que dispõem de um pouco mais de recursos, isto é, pela classe remediada que reside em Nova Iguaçu ou, mesmo, pela classe pobre nas horas do *rush*.<sup>56</sup>

---

<sup>55</sup> SEGADAS. 1962. P. 182.

<sup>56</sup> SEGADAS. 1962. P. 185 – 186.



Sendo assim, a autora estabelecesse o conceito de que Nova Iguaçu, representou naquela época, uma espécie de “cidade dormitório”, no qual sua população, majoritariamente, trabalhava no centro do Rio de Janeiro e fixava residência em Nova Iguaçu, passando o dia inteiro fora do município.

Maria Thereza Segadas, também aponta um singelo processo de industrialização que ocorre na região da Baixada, que estava se desenvolvendo na época em Nova Iguaçu. Porém, a autora deixa claro que este processo ainda representava pouco incentivo e importância na economia tanto do município, atendendo principalmente o mercado consumidor da cidade do Rio de Janeiro. Demonstrando que, mesmo com as indústrias instauradas em Nova Iguaçu, os produtos produzidos por elas, são voltados ao mercado da cidade do Rio de Janeiro.

Podemos assim concluir do texto de Maria Therezinha Segadas, que Nova Iguaçu ao longo de sua trajetória socioeconômica, sempre estabeleceu um elo comercial e estrutural ligado à cidade do Rio de Janeiro. Este modelo de dependência pode ser explicado no trecho de sua obra em que a autora escreve:

De tudo o que ficou acima exposto, depreende-se, pois, que o recôncavo é o complemento natural da cidade do Rio de Janeiro que, se nasceu em uma de suas extremidades, parece ter sido para melhor zelar por êsse conjunto integrado pela Guanabara e seu recôncavo. Constituiu êste a primeira área sôbre a qual a cidade exerceu a sua influência, foi o seu primeiro *hinterland*, a sua primeira região urbana, isto é, foi aquela área dentro da qual a urbe exerceu, desde os primórdios da colonização, predominância econômica e cultural. À medida, porém, que se estabeleciam e se multiplicavam as ligações com o interior montanhoso, a cidade foi crescendo em importância e em população, ampliando cada vez mais a sua esfera de influência. O recôncavo, por sua vez, intensificava suas relações com a metrópole e se tornava cada vez mais indispensável à vida e às atividades desta.<sup>57</sup>

Portanto, mesmo com sua economia modificando-se com o passar do tempo, a ligação de dependência entre Nova Iguaçu e as partes centrais do Estado do Rio de Janeiro permanece, fazendo do município, um local que absorveu e integrou seu desenvolvimento, de acordo com os interesses e necessidades da cidade do Rio de Janeiro.

Essa análise é bastante relevante para este trabalho. Pois, uma das questões levantadas nesta dissertação sobre a industrialização em Nova Iguaçu, é saber como se estabeleceu os laços políticos e econômicos entre Nova Iguaçu e o resto do país, em um

---

<sup>57</sup>SEGADAS. 1962. P. 176.

período em que a política nacional, estava passando por um processo de mudanças, buscando urbanizar e industrializar certas áreas do Brasil, com a política nacional desenvolvimentista imposta pelo governo federal, de Vargas e de Juscelino. Porém, a autora não foca sua análise, nos atores políticos tanto na esfera local, quanto na esfera nacional, que contribuíram para que esta mudança no ciclo econômico e social se desenvolvesse no município, deixando essas questões ainda muito vagas em seu trabalho. Segadas também escreve sobre a ligação do município de Nova Iguaçu com o centro do Rio de Janeiro, mas além de colocar o município sempre como estritamente ligado aos interesses do centro do Estado do Rio, também não demonstrou quem estava interessado nesta ligação ou porque estes indivíduos de ambos os lados colaboraram respectivamente entre si.

Outro autor de suma importância para o reconhecimento histórico do município de Nova Iguaçu, é Waldick Pereira. Em seu livro intitulado *Cana, café e laranja*<sup>58</sup>, publicado no ano de 1977, o autor faz, assim como a autora Maria Therezinha, um apanhado histórico geral do município, explicando os principais ciclos econômicos vivenciados por este local, até o fim do período da citricultura. O livro caracteriza-se como uma história regional e econômica, demonstrando como o município adequou-se aos diferentes ciclos econômicos que nele tentaram se estabelecer, demonstrando que a primeira base econômica implantada em Nova Iguaçu, foi o cultivo e o comércio de cana-de-açúcar.

O livro aponta também que o ciclo do açúcar se desenvolveu também na região de Nova Iguaçu. Porém, segundo o autor, a dificuldade de se adquirir equipamentos propícios ao melhoramento da atividade agrícola no Brasil, devido proibição da metrópole portuguesa de adquirir estes materiais, dificultaram o aperfeiçoamento tanto do plantio, quanto do comércio de açúcar, gerando dificuldades aos agricultores locais de Nova Iguaçu, mesmo que esta não fosse a única atividade agrícola trabalhada no local, pois o autor esclarece que durante esse período do século da cana, que durou de finais do século XVI até o século XVIII, outras atividades agrícolas foram implantadas, como o cultivo de mandioca e de arroz. Logo, entende-se que mesmo com uma agricultura presente no município desde o século XVI, o grande latifúndio teve certa dificuldade em se estabelecer na região.

<sup>58</sup> PEREIRA, Waldick. *Cana, café e laranja*: História econômica de Nova Iguaçu. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro. 1977.

O segundo ciclo econômico apontado no livro de Waldick Pereira, é o ciclo do café, iniciado no Brasil no século XVIII, tendo crescido a sua produção no século XIX. Waldick Pereira esclarece que durante este período, o orçamento do município de Iguazu era fundamentado na arrecadação dos impostos de passagem dos carregamentos de cafés, produzidos em áreas como o Vale do Paraíba, São Paulo e Minas Gerais, pois o Município de Iguazu não era um dos que produziam café no Estado do Rio de Janeiro. Apesar do café não ter constituído um ciclo econômico em Iguazu, esta região estabeleceu importantes portos de embarque de café para a corte. O autor aponta que em finais do século XIX e início do século XX, ocorre um processo de abandono das terras de Nova Iguazu, devido a crise do café que atingiu o Rio de Janeiro, diminuindo a arrecadação de impostos do município sobre a passagem das sacas de café.

Assim, Nova Iguazu abre espaço para o terceiro ciclo econômico agrícola que surge no município, o ciclo da laranja. A laranja, segundo o autor, já era uma fruta cultivada no Brasil desde seus primeiros anos de exploração por Portugal, porém, seu plantio e comercialização no Rio de Janeiro aparecem de maneira flagrante, a partir do ano de 1886. Este produto representa o principal ciclo econômico, baseado na agricultura da região de Nova Iguazu.

Segundo Waldick Pereira, é no governo de Nilo Peçanha que no município de Iguazu passa-se a exigir menores cobranças de taxas sobre o comércio das laranjas. O autor aponta em seu livro, um discurso do então governador do Estado, Nilo Peçanha, referindo-se ao incentivo do mesmo na comercialização de frutas, no Estado do Rio de Janeiro.

O governo reduziu por essa ocasião de novo, a três réis a taxa de estatística de exploração de fructas e promoveu junto de companhias de navegação, a reducção de tarifas para os embarcadores do exterior. A nossa exportação já foi o anno findo de nove milhões de kilogrammas, contra seis milhões do anno anterior. O commercio de fructas augmenta cada dia e das novas culturas do Estado é uma das mais promissoras.<sup>59</sup>

Portanto demonstra-se que neste período, começa a surgir um cenário propício para que indivíduos inseridos tanto na esfera pública, quanto na esfera particular, busquem empenhar-se no cultivo de laranjas. O Estado passa a auxiliar esta medida econômica realizando obras como a drenagem de rios, obras de saneamento básico, pagamentos de salários considerados altos, para atrair pessoas para trabalharem naquela região. Tudo

---

<sup>59</sup> PEREIRA. 1977. P. 117.

isso, segundo o autor, contribuiu para que em Iguazu se estabelecesse um importante centro de cultivo e comércio de laranjas, sendo que, com o decorrer dos anos, a laranja produzida no município seria reconhecida como a primeira em qualidade em todo o Brasil.

O período da laranja foi, para o autor Waldick Pereira, uma representação da fase áurea de Nova Iguaçu. A década de 30 representou um momento de crescente cultivo e comercialização da laranja, este apogeu representou também uma intensa dominação de áreas antes abandonadas, transformando-se em pomares de laranjais. Houve também um crescimento populacional no município e um pequeno desenvolvimento industrial, gerado devido a necessidade de se tratar, encaixotar e transportar o fruto dos pomares. O autor evidencia que na década de 30 do século XX, haviam já dezenove indústrias localizadas em Nova Iguaçu<sup>60</sup>. Logo, a análise do autor, estabelece um enfoque maior, no período em que a citricultura se desenvolveu na região.

Apesar de todo esse processo ascendente, Nova Iguaçu passa a partir de meados da década de 40, a sofrer com a crise no plantio e comércio das laranjas. O autor aponta como fator principal da crise, a paralisação do comércio marítimo graças a segunda guerra mundial, fazendo com que as laranjas não comercializadas para o exterior, apodrecessem nos pomares, desencadeando um aprofundamento na proliferação das moscas do mediterrâneo. O mercado interno não conseguia suprir toda produtividade de laranjas extraídas de Nova Iguaçu, fazendo com que grandes fortunas e investimentos exercidos nesta atividade, entrassem em decadência com queda do comércio estrangeiro como o autor aponta em seu livro.

Em 1955, sob orientação de Altair Pimenta de Moraes e Antonio de Freitas Quintela, este na qualidade de presidente da Associação Comercial e Industrial de Nova Iguaçu, realiza a I Exposição Industrial do Município, dentro do programa festivo em louvor ao padroeiro de Santo Antônio de Jacutinga. Passada a fase agrícola, a indústria abria, sobre os velhos pomares iguaçuanos, novos horizontes.<sup>61</sup>

Podemos perceber nesta citação que, com o fim do ciclo das laranjas, outro ciclo estaria por vir, e que os indivíduos que conquistaram determinada influência no município durante o apogeu da era citricultora, começaram a estabelecer seu foco econômico em

<sup>60</sup> PEREIRA. P. 143. Autor apresenta dados dos números de indústrias e quais as suas fabricações.

<sup>61</sup> PEREIRA. 1977. P. 151.

outros setores, como as indústrias, que iriam representar a nova fase econômica no município.

Waldick Pereira, em seu trabalho, apresenta alguns nomes de indivíduos, ligados a associações de agricultores, e cita nomes e as ações de políticos inseridos, tanto no âmbito nacional, quanto no âmbito municipal, que se empenharam em dar prosseguimento à agricultura na região, mantendo o ciclo econômico das laranjas em plena atividade. Estas informações são de profunda relevância para este trabalho, porém, o estudo do autor para na década de 40, deixa os acontecimentos históricos ocorridos no município na década de 50, uma página não escrita em sua análise histórica da região. Contudo, através das fontes demonstradas e das informações dos sujeitos presentes no cenário político e econômico iguaçuano no período de crise da citricultura local. Este trabalho é de grande importância para o reconhecimento da história de Nova Iguaçu e para o auxílio deste trabalho, que visa explicar as ações dos sujeitos inseridos neste contexto histórico, para alavancar e atrair investimentos industriais para a região.

Outro trabalho de profunda relevância, que estuda o processo de desmantelamento das chácaras de laranjas, após o declínio da era citricultora de Nova Iguaçu, é o trabalho de Sonali Maria de Souza. A dissertação na área de antropologia social intitulada, *Da laranja ao lote: Transformações sociais em Nova Iguaçu*<sup>62</sup>, foi escrito no ano de 1992. Nesta obra, repleta de entrevistas com moradores locais, que vivenciaram o processo de decadência dos laranjais em Nova Iguaçu, a autora pretende contar a experiência dos habitantes e como estes se adequaram ao processo de transição de uma localidade que manteve sua economia fundamentada na produtividade agrário-exportadora, para depois, passar à predominância produtiva urbana industrial. Este trabalho foi o que deu maior visão aos indivíduos que viviam no município, no período de decadência da agricultura local.

A autora inicia sua dissertação apontando como que, após a decadência econômica dos pomares de laranjas, ocorre um abandono dessas áreas, feita pelos seus antigos donos, culminando em um processo de loteamento destes antigos pomares. Estes lotes agora disponíveis geraram um processo de migração intensa de pessoas de diversas partes do país para Nova Iguaçu, sendo em conjunto com a intervenção do

<sup>62</sup>SOUZA, Sonali Maria de. **Da laranja ao lote: Transformações sociais em Nova Iguaçu**. Rio de Janeiro. Dissertação do programa de pós graduação em antropologia social do museu nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1992.

Estado, realizadas diversas obras de políticas públicas, que iam desde melhoramento na locomoção pelo município, na construção de rodovias e de melhoras na estrada de ferro, que interligava Nova Iguaçu ao centro do Rio de Janeiro.

Dentro do contexto da industrialização nacional, em que a acentuação das disparidades regionais foi uma das características, o Estado do Rio teve uma taxa de crescimento populacional, no período de 1950-60, de 4,0% ao ano, taxa maior do que a média anual do país. Esse período caracterizou-se por um acentuado incremento do deslocamento populacional para o município do Rio de Janeiro e municípios próximos (Duque de Caxias, Nilópolis, Nova Iguaçu, São João de Meriti, Niterói e São Gonçalo), o que teve como uma de suas consequências a presença, detectada pelo Censo de 1960, de 1.291.670 habitantes com menos de dez anos de residência nesses municípios, ou seja, 53% de toda a população migrante.<sup>63</sup>

Sonali Maria aponta que, o crescimento populacional na Baixada e o processo de urbanização implementado pela administração estatal do Rio de Janeiro, ocorre devido ao processo de industrialização estabelecido graças à política do nacional desenvolvimentismo que gerou intensa industrialização também nas áreas centrais do Rio de Janeiro, fazendo com que o Estado busque alocar os indivíduos recém-chegados ao Estado nas áreas periféricas dentre elas, Nova Iguaçu.

Em seu trabalho, a autora faz um balanço da história do município de Nova Iguaçu. No segundo capítulo, Sonali Maria aponta o processo de ascensão e declínio econômico do setor agrícola que tinha seu principal produto o cultivo e exportação de laranjas. A autora nos mostra que no processo de crise do setor das laranjas, Nova Iguaçu apresenta elevado número de dispensas de trabalhadores agrícolas que em alguns casos continuarão morando em seus antigos lotes ou juntaram-se a associações camponesas em busca por um pedaço de terra<sup>64</sup>. Isto demonstra que o município apresentava grande número de pessoas que precisavam de trabalho após a crise da citricultura, e também aponta o processo de adaptação destes sujeitos para sobreviver, durante este período de crise.

Por fim, a autora apresenta através de entrevistas com os moradores mais antigos da região, como houve o processo de adequação destes indivíduos, acarretando uma ruptura do processo rural que se instaurava em Nova Iguaçu, por uma nova cultura urbana com o desenvolvimento industrial. O estudo aponta também que a década de 50 foi um período de intenso avanço imobiliário em Nova Iguaçu, onde as áreas que antes

---

<sup>63</sup> SOUZA, 1992. P.27.

<sup>64</sup> SOUZA. 1992. P.80.

eram chácaras e que se cultivavam as laranjas, agora transformam-se em lotes, onde se estabeleceram os povos recém-chegados ao município e as fábricas que iriam se implantar naquela localidade. Esse processo de loteamento trouxe, além de lucros para empresas imobiliárias, também certa urbanização, com o surgimento de empresas de ônibus, comércio, entre outras mudanças na região. Logo, o trabalho da autora vai apontando certas mudanças estruturais, pelas quais o município de Nova Iguaçu vai passando, após o estabelecimento da crise dos laranjais na região.

Sonali focou seu trabalho, num período em que Nova Iguaçu estava passando por um intenso processo de readaptação e reestruturação na economia e na sociedade como um todo. Seu trabalho de dissertação demonstrou como a produção de loteamentos e o crescimento populacional, podem ocasionar transformações numa localidade, trazendo novas organizações sociais, como aponta este trecho da dissertação.

Os loteamentos fizeram surgir uma nova cidade, construída pelos trabalhadores em seu cotidiano e em suas associações, muito distante daquela dos “laranjais floridos”, se não no tempo, certamente no espaço que foi transformado pelas máquinas de terraplanagem.<sup>65</sup>

Essa onda de mudanças sociais e econômicas que ocorreu em Nova Iguaçu, a partir do momento em que se intensifica o processo de indivíduos recém-chegados, saídos de outros Estados ou até de outras zonas periféricas do Rio de Janeiro, onde a partir da heterogeneidade cultural e social, em que cada um trazia consigo, transformaram o espaço social de Nova Iguaçu trazendo para este município características próprias.

Em seu trabalho, Sonali dedica maior visibilidade às questões individuais dentro do município, do que os outros autores citados anteriormente. Porém, mesmo com o foco da análise em certos indivíduos da localidade, as ações desenvolvidas por indivíduos que detinham certa influência política e econômica na região de Nova Iguaçu não representam uma análise mais detalhada feita pela autora na elaboração de sua tese. Sonali também não avalia a contribuição de indivíduos atuantes no cenário político e econômico, no processo de mudança econômica e social no município, apontando tais mudanças apenas como características oriundas do governo central ou de figuras que viviam fora do município. O laço de dependência do município de Nova Iguaçu em relação à parte central do Estado do Rio de Janeiro, também é apontado pela autora, não

---

<sup>65</sup> SOUZA. 1992. P. 142

focando, em nenhum elemento autônomo, estabelecido por sujeitos atuantes do município, para frearem o processo de crise na qual eles atravessavam.

Portanto, a partir da análise dos textos escritos sobre Nova Iguaçu que foram analisados acima, podemos perceber como estes trabalhos realizados buscaram explicar os fatores econômicos e políticos a respeito do município durante o período em que se estabeleceu a crise na fruticultura local. A industrialização no município é citada em todas as três obras mencionadas neste capítulo. Na obra de Waldick Pereira, o processo de industrialização é apontado como um novo ciclo econômico que ocorreria após o declínio dos laranjais. O autor atribui bastante importância ao período da citricultura iguaçuana em sua obra, porém, aponta uma ruptura brusca na economia laranjeira nos finais dos anos 40, não levando em conta as tentativas de alguns citricultores locais em manter a citricultura ativa na região ainda na década de 50.

Na obra de Maria Therezinha de Segadas, a industrialização no município deve-se a um processo de facilidades para implantação de indústrias em Nova Iguaçu, incentivadas e financiadas por políticos e comerciantes oriundos do centro do Estado do Rio de Janeiro. Nesta mesma localidade, também encontraria-se o principal mercado consumidor dos produtos industriais produzidos na Baixada onde também, saíram os principais técnicos e a mão-de-obra especializada, que as indústrias da Baixada necessitavam para trabalharem em algumas fábricas que ali se fixaram. Demonstra-se assim, que para a autora, as mudanças econômicas estabelecidas no município, deram-se graças a contribuição de fatores externos, que auxiliaram o município neste processo, enfatizando a dependência do município ao auxílio do Estado, não apontando os sujeitos inseridos dentro do município, para a instauração de indústrias na região.

Na dissertação de Sonali, a autora demonstra como a crise que se instaurou na citricultura iguaçuana, provocou uma necessidade de adequação dos habitantes deste município a um novo ciclo econômico e social que se ascendia, onde a economia da cidade passava de uma economia agrícola, para uma urbana industrial. A autora constata que, mesmo tendo um elevado número de lotes, e um grupo de trabalhadores urbanos em ascensão, os loteamentos e as novas moradias da cidade de Nova Iguaçu, caracterizavam-se por um processo desordenado de ocupação, diferente das vilas operárias que se formaram em algumas regiões industrializadas, onde se poderia ter maior controle sobre os indivíduos que lá habitavam. Os loteamentos inseridos no município de Nova Iguaçu seriam mais autônomos para os indivíduos que ali habitavam.



Portanto, podemos identificar que durante e principalmente, após o ciclo da laranja em Nova Iguaçu, o fenômeno da urbanização e da vinda de indústrias, traz para região um intenso crescimento demográfico, que vai dar nova característica social e econômica para o município. Buscou-se neste período, não apenas transformar esta localidade somente em “cidade dormitório”, mas sim, ocorreu também uma tentativa de atrair diferentes pessoas, culturas, vivências e a instauração de uma nova característica econômica na localidade, desencadeando um ciclo industrial que se estabelecerá em Nova Iguaçu. Porém, as ações dos indivíduos, que estavam inseridos no município, e que viram a transição econômica ocorrer de fato, ainda não foram enfatizadas por nenhum dos autores citados.

### **13. A era industrial: Bibliografias que retratam uma mudança do paradigma econômico e social, no município de Nova Iguaçu.**

Assim como diversas áreas de estudos se prontificaram a escrever sobre a história de Nova Iguaçu no período de ascensão e crise da citricultura local, as trajetórias daqueles estudiosos que visam estudar o processo industrial no município aparecem também, oriundas de diversas áreas, que vão desde a Economia até a Sociologia e a História. Estas obras serão apresentadas nesta parte do capítulo para demonstrar as distintas análises a respeito do processo industrial que desenvolveu-se em Nova Iguaçu, durante o período da política de incentivo à indústria nacional, estabelecida pelo Governo Federal, que era representado por figuras de Getúlio Vargas e por Juscelino.

Recentemente novos trabalhos vêm surgindo, principalmente após a instalação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) em Nova Iguaçu. Isto possibilitou que diversas obras fossem escritas por estudantes desta instituição, principalmente pelos que moram na localidade e buscam analisar a história de indústrias importantes que apresentam profunda relevância em sua localidade. É o caso de dois trabalhos apresentados por alunos desta instituição, realizados na área de História, que são, os trabalhos de monografia sobre a indústria Bayer, escrito pelo estudante Maicon Sérgio Mota Carvalho e a monografia sobre a indústria Compactor, escrito pela estudante Carolina Bittencourt Mendonça. Estes trabalhos narram o processo de inauguração de indústrias que se instalaram no município durante o período de 1950, quando o projeto nacional-desenvolvimentista vinha estabelecendo-se na política nacional.

Estudos que analisam indústrias instauradas em Nova Iguaçu têm sido elaborados desde muito antes da virada do século XXI, por pesquisadores de instituições diversas. É o caso do trabalho de André Laino, realizado no início dos anos 90, denominada *Memória de metalúrgicos*<sup>66</sup>. Esta obra faz uma análise dos trabalhadores da usina Brazferro, instalada no então bairro de Mesquita, que neste período ainda pertencia ao município de Nova Iguaçu.

Outro trabalho de profunda relevância que estudou o processo industrial no município, foi o de José Ricardo Ramalho. O autor escreveu o livro *Estado patrão e a luta operária*<sup>67</sup>, que relata sobre a Fábrica Nacional de Motores, localizada em Duque de Caxias, na década de 40. Esta obra também é de bastante relevância para o estudo industrial na Baixada, como também para entendermos a relação que o Estado nacional representado pelo presidente, estabelecia com os municípios da Baixada Fluminense durante o período de incentivo à industrialização nacional.

Irá ser analisada também, a dissertação na área de economia escrita por Adrianno Oliveira Rodrigues. Esta obra denominada *De maxambomba a Nova Iguaçu (1833 – 90's)*<sup>68</sup>, analisa os ciclos econômicos de relevância no município de Nova Iguaçu, apontando também a relevância do processo industrial para este município. Assim, visa-se demonstrar o ponto de vista econômico a respeito da transição que o município sofreu, de uma economia baseada na agricultura para uma economia industrial.

O estudo realizado pelo historiador Maicon Sérgio Mota, tem como foco a indústria Bayer instalada, em 1958. Esta obra apresenta elementos importantes no processo de entendimento da industrialização na região de Nova Iguaçu, onde o autor vai entender a implantação desta indústria, como um processo de incentivo por parte do governo nacional, que tinha como seu foco, a ideologia nacional desenvolvimentista, que pretendia aumentar o número de indústrias em todo o país a partir da década de 40. Com isso, pode se perceber o foco da análise do autor, a partir de uma política estabelecida pelo governo federal da época.

<sup>66</sup> LAINO, André. **Memória de metalúrgicos**. São Paulo. Tese de doutorado em História pela UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas). 1991.

<sup>67</sup> RAMALHO, José Ricardo. *Estado patrão e a luta operária: o caso FNM*. Rio de Janeiro. Paz e terra. 1989.

<sup>68</sup> RODRIGUES, Adrianno Oliveira. **De Maxabomba a Nova Iguaçu (1833-90's): Economia e território em processo**. Rio de Janeiro: Dissertação de mestrado UFRJ. 2006.

Como vimos anteriormente, o município de Nova Iguaçu mesmo com o cenário de crise econômica, contava com elementos importantes para o aumento populacional naquela região. As obras de saneamento básico, os baixos preços dos lotes, o funcionamento das estradas de ferro que ligava o município ao centro do Rio de Janeiro, a Rodovia Presidente Dutra que foi inaugurada em 1951, entre outros fatores, geraram um ambiente propício para uma intensa onda de migração na região<sup>69</sup>. Isso fez com que durante a década de 50, Nova Iguaçu apareça como uma localidade propícia a investimentos e instalação de uma política industrial na região.

É neste contexto histórico que é estabelecida a monografia de Maycon Sérgio, sobre a indústria Bayer. Na análise do autor, a primeira questão que chamou a atenção para a instalação desta indústria no município de Nova Iguaçu, era o fato de que a localidade era apropriada para a localização de indústrias devido aos diversos benefícios que a região oferecia na época e ao contingente populacional na região. Estes fatores acarretaram em 1958, a inauguração da indústria Bayer no bairro de Belford Roxo, que pertencia à Nova Iguaçu naquele período.

O autor aponta que o processo de industrialização vivido por Nova Iguaçu ainda na década de 50, ocorre graças ao crescimento econômico e populacional realizado na cidade do Rio de Janeiro. Para o autor neste período a capital do Estado sozinha, não poderia suprir todos os habitantes que haviam chegado na região e nem todas as atividades industriais que ali buscavam estabelecer-se, levando a implantação de algumas indústrias em áreas vizinhas à capital. Nova Iguaçu, assim como outros diversos municípios da Baixada, seriam beneficiados neste processo. Esse apogeu econômico e industrial foi incentivado desde a década de 40, pela política nacional desenvolvimentista implantada por Getúlio Vargas e continuada por Juscelino Kubitschek na década de 50.

Maicon Sérgio também demonstrou sua visão a respeito da política Estatal estabelecida por Vargas e por Juscelino. Ele aponta que, mesmo durante o incentivo à industrialização nas décadas de 30 à 45, no período de governo pleno de Getúlio Vargas, as indústrias brasileiras continuavam sendo financiadas por capital oriundo de atividades agroexportadoras, mas também apontou a importância do Estado, principalmente com Getúlio Vargas e depois com Juscelino, para sinalizar os rumos da economia e direcionar os investimentos, “combinando Estado e empresa privada

---

<sup>69</sup>SEGADAS. 1962.

nacional e o capital estrangeiro para promover o desenvolvimento com ênfase na industrialização”<sup>70</sup>. Com isso, o autor apresenta um cenário em que o Governo Federal obteve bastante protagonismo no processo industrial brasileiro, fazendo com que empresas como a Bayer, pudessem se fixar na região de Belford Roxo que era pertencente ao município de Nova Iguaçu.

Sobre a participação dos sujeitos que viviam na localidade no processo de industrialização de Nova Iguaçu, verificamos que o autor dá pouca ênfase a essa questão. Percebemos que na análise do autor, ocorre quase uma nulidade em questões referentes aos cidadãos presentes no município de Nova Iguaçu, estabelecendo sua análise referente à implantação da indústria Bayer no município, como um acontecimento determinado, quase que exclusivamente de cima para baixo. As ações dos indivíduos presentes no cenário político e econômico da região, não são muito focadas em seu trabalho, e o entendimento da instauração da indústria em que ele foca seus estudos, aparece como uma ação composta somente em escala nacional, não levando em questão, os indivíduos que habitavam a região em que a indústria seria instaurada e se tal implantação, seria bem aceita ou não pelos mesmos, deixando um vácuo referente a esta análise.

Outra pesquisa importante e que dá continuidade a este processo de estudos na área historiográfica a respeito da industrialização em Nova Iguaçu, é o trabalho de monografia, também realizada pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, escrito pela autora Carolina Bittencourt Mendonça. Este trabalho denominado, “*Escrevendo uma história: a experiência da Cia. De canetas Compactor em Nova Iguaçu (1955 – 1995)*”<sup>71</sup>, teve como objetivo, analisar o processo industrial na Baixada Fluminense, e as condições que proporcionaram ambiente propício à instauração da Cia. de canetas Compactor, e como a instalação dessa indústria esteve interligado ao processo industrial que concentrou-se no município de Nova Iguaçu desde a década de 50 do século XX. Esta obra também marca os estudos recentes sobre o processo industrial na região.

<sup>70</sup> CARVALHO, Maicon Sérgio Mota. *Bayer e Belford uma experiência industrial na Baixada Fluminense*. Rio de Janeiro. Monografia apresentada ao curso de História do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). 2011. P. 33.

<sup>71</sup> MENDONÇA, Carolina Bittencourt. *Escrevendo uma história: A experiência da Companhia de canetas Compactor em Nova Iguaçu (1955 – 1995)*. Rio de Janeiro. Monografia apresentada ao curso de história da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). 2014.

A autora aponta que, ao realizar a análise dos censos demográficos em Nova Iguaçu da década de 20, e das décadas de 40 e 50, pode-se averiguar um intenso aumento populacional naquela localidade. Sua obra relata que obras de infraestrutura como a construção da Avenida Brasil em 1946 e da rodovia Presidente Dutra em 1951, beneficiaram o fluxo de pessoas e indústrias para aquela região. Junto dessas obras de infraestrutura, o incentivo governamental, auxiliando na implantação de indústrias no sudeste, acarretou a migração intensa de pessoas oriundas do nordeste do país para esta região, onde essas pessoas, passam a serem atraídas para municípios vizinhos como Nova Iguaçu, devido, entre outros fatores, a maior facilidade de locomover-se para o centro do Estado, graças a linha férrea que ligava as duas regiões e a cobrança de tarifa única, que acarretava uma viagem mais barata para o trabalhador. Isso demonstra certa aproximação da análise da autora com análises já estabelecidas sobre o município, como o trabalho de Maria Segadas.

Carolina Bittencourt também vai focar sua análise na política econômica em vigência no cenário Federal. Assim, a autora entende que, em meados da década de 50, principalmente com a política nacional desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek, várias indústrias são atraídas para a região da Baixada Fluminense, sendo a indústria Compactor, uma delas, obtendo um crescimento significativo. Logo, assim como podemos identificar na análise de Maicon Sérgio, a presença do Estado na elaboração e na atração de indústrias de vários segmentos, e de várias regiões do mundo para o Brasil e principalmente, para o Sudeste, acarretou em um profundo desenvolvimento industrial também, para região de Nova Iguaçu, que já contava com grande número populacional, que seriam mão-de-obra para as indústrias e também, com condições específicas de infraestrutura, lotes mais baratos e mercado consumidor para que estas indústrias pudessem se estabelecer naquela localidade.

O trabalho de Carolina Bittencourt, assim como o de Maicon Sérgio, apresenta uma visão de que a industrialização em Nova Iguaçu, foi levada a cabo, somente pelo projeto nacional-desenvolvimentista em voga no período. Assim, os autores deixam de lado, a participação dos indivíduos inseridos na política regional, e que detinham também certa influência econômica dentro do município, em relação à implantação de indústrias na região. Mais uma vez, o processo de industrialização aparece como sendo um fenômeno implantado somente de cima para baixo, esquecendo de apresentar como os políticos locais, adaptaram-se a estas mudanças e se eles se contribuíram ou não para que tal processo fosse estabelecido na região.

O trabalho mais antigo encontrado sobre industrialização na região de Nova Iguaçu até o momento é o de André Laino. Esta obra denominada *Memória de metalúrgicos*<sup>72</sup>, escrito em 1991, é um trabalho de doutorado a respeito da memória dos trabalhadores daquela fábrica e as relações de trabalho, em que eles se encontravam a partir de determinadas mudanças, tanto na sociedade em si, quanto nas formas de trabalhar, adquirindo novos métodos e técnicas no processo de produtividade fabril. Este trabalho tem como foco apresentar uma visão mais próxima dos sujeitos inseridos no processo industrial que estava ocorrendo na região de Nova Iguaçu. André Laino também busca apresentar fatores que auxiliaram no processo industrial de Nova Iguaçu. Assim, em um primeiro momento, o autor escreve sobre o processo de instauração da Usina no início da década de 40 em Mesquita, que era naquele momento, um bairro pertencente ao Município de Nova Iguaçu. Demonstrando que, naquele período, a classe operária que compunha a mão-de-obra naquela usina, era marcada por laços e práticas camponesas, lembrando que, quando a usina foi implantada no município, o cultivo da laranja ainda era a principal base econômica na região<sup>73</sup>. O autor aponta também como obras de infraestrutura, como a chegada do trem elétrico a região em 1935, influenciando a instauração da Usina para aquela região. Logo, percebe-se como as obras de infraestruturas são apresentadas em todas as análises sobre o processo de industrialização em Nova Iguaçu.

O autor também enfatiza a expansão urbana ocorrida no município à partir da década de 50. Para isso, André Laino aponta que este processo de urbanização, estava mais atrelado às áreas centrais do município, deixando as localidades periféricas, ainda sem condições necessárias para um processo de urbanização. Porém, é apontado no trabalho de André Laino, duas novas instalações fabris no então bairro de Mesquita, uma fábrica de guarda-chuvas e uma oficina de reformas de vagões ferroviários.

O texto também vai revelar o processo de expansão da usina conforme os lotes de laranja em sua volta foram se acabando. O autor aponta que, já no final da década de 40, se transformando na maior fábrica daquela localidade, até o período de crise na usina no ano de 1983, onde vários trabalhadores desempregados acabaram tornando-se agiotas locais, e também acarretando na compra da firma por um grupo empresarial de São Paulo. Essa crise também traz diversos prejuízos para os trabalhadores, que não

<sup>72</sup> LAINO, André. *Memória de metalúrgicos*. Doutorado em história. Universidade Estadual de Campinas. São Paulo. 1991.

<sup>73</sup> LAINO. 1991. P. 35.

podiam contar com seus salários em dia, ou recebimento do décimo terceiro, fazendo com que a compra da Usina por empresários paulistas, fosse bem recebida pelos trabalhadores da fábrica. Assim, o texto estabelece uma análise completa da indústria, que vai desde sua ascensão na década de 40 e 50, até a sua decadência na década de 80.

A obra em questão prioriza a memória dos trabalhadores daquela Usina. As análises destas memórias foram obtidas através de entrevistas concedidas por alguns trabalhadores mais antigos daquela fábrica. Com isso, o autor aponta também as relações de trabalho, e as mudanças sociais provocadas pela instalação da Usina, em uma área periférica do município de Nova Iguaçu.

Outro trabalho importante que apresenta um estudo acerca das indústrias na região de Nova Iguaçu, é o livro escrito na área de Sociologia por José Ricardo Ramalho. Este livro é denominado *Estado patrão e luta operária: O caso da FNM*<sup>74</sup>, onde autor escreve a respeito da Fábrica Nacional de Motores, instaurada no Rio de Janeiro no início da década de 40. Esta é a única obra, que foca sua análise a respeito de uma empresa Estatal inserida na região.

O livro demonstra como o processo de incentivo industrial desenvolveu-se também em regiões mais afastadas das áreas centrais do Rio de Janeiro. O autor aponta o papel do Estado na construção desta fábrica, onde a força patriarcal estabelecida pelo governo de Getúlio Vargas durante o Estado Novo estava presente, em conjunto com o intuito, por parte do governo, de utilizar essa indústria como exemplo de escola para criar força de trabalho disciplinada e treinada para atividades fabris. Esta fábrica foi instaurada na região correspondente a Duque de Caxias, que no período em que esta foi instalada, ainda fazia parte do município de Nova Iguaçu<sup>75</sup>. A FNM representou uma das primeiras grandes fábricas instaladas no município de Nova Iguaçu que tinha o Estado estabelecendo sua administração total.

No decorrer de seu livro o autor aponta os motivos para instalação de uma fábrica de motores na região de Nova Iguaçu. A explicação que o autor encontra para justificar a implantação da fábrica naquela região foi que a Baixada Fluminense havia sofrido um caso recente de Malária, fazendo com que setores governamentais em esfera federal, passassem a dar mais visibilidade para aquela localidade, buscando supri-la

---

<sup>74</sup> RAMALHO, José Ricardo. *Estado patrão e a luta operária: O caso da FNM*. Rio de Janeiro. Paz e terra. 1989.

<sup>75</sup> RAMALHO. 1989. P. 33.

com obras de infraestrutura e saneamento básico<sup>76</sup>. A análise apresentada por José Ricardo vai além das outras, representadas por teóricos em questão, que focam seus argumentos basicamente, na infraestrutura que Nova Iguaçu obtinha para que com isso, chamasse a atenção das indústrias a fixarem-se no local.

O autor também vai apontar outros fatores que levaram o governo a dar maior visibilidade à Nova Iguaçu. Demonstra-se que políticos que representavam o governo federal e o governo estadual, foram levando o progresso representado pela industrialização, já que tal região, continha elementos naturais propícios para a instalação de indústrias como podemos observar neste fragmento do texto de José Ricardo Ramalho.

Além desses fatores, pesaram também técnicos e econômicos em favor da construção de uma fábrica de motores de aviação na Baixada: um terreno ao nível do mar, meios de comunicação fixados em estradas de ferro e de rodagem, água em abundância, luz, áreas planas para campo de repouso etc.<sup>77</sup>

O autor leva em conta que para a implantação da indústria FNM na região de Nova Iguaçu, é que tal localidade continha recursos naturais e geográficos propícios à instauração de indústrias, como terreno ao nível do mar, água em abundância, meio de comunicação fixados em estradas de ferro, o que deu maior visibilidade para a região onde a fábrica foi implantada. Apresentando neste trecho, a idéia de que a instauração da FNM em Nova Iguaçu esteve ligada a questões geográficas e ambientais, mas também foi atraída devido a questões de infraestrutura que havia no local.

O autor José Ricardo também apresenta em seu artigo, como se estabeleciam as relações de trabalho no interior da Fábrica Nacional de Motores. Em seu livro, o autor aponta que vigorava um regime de hierarquia em que o comando da fábrica era entregue a setores militares, podendo até encarcerar quem desobedecesse à suas ordens. Nessa primeira fase de funcionamento desta indústria, também haviam condições precárias de trabalho, que só foram melhoradas quando a empresa passa a focar sua produtividade no setor automobilístico, e a administração da empresa passa a empenhar-se em trazer operários e suas famílias para morarem próximo à empresa, incentivando a formação técnica de seus trabalhadores. Logo, percebe-se que a questão das relações de trabalho interno na fábrica foi se amenizando no passar dos anos.

---

<sup>76</sup>RAMALHO. 1989. P. 32

<sup>77</sup>RAMALHO. 2007. P. 121.



A Fábrica Nacional de Motores passou a sofrer com a instabilidade política, vivenciada pelo país na década de 60, sendo desmantelada por setores liberais que buscavam privatizá-la, o que ocorre de fato, no ano de 1968, em que a FNM foi vendida para a empresa italiana Alfa Romeo<sup>78</sup>. O texto de José Ricardo Ramalho se utiliza, de documentos sobre a fábrica e de entrevistas realizadas com antigos trabalhadores. Demonstrando mais um capítulo de uma importante indústria fixada na região que hoje equivale ao município de Duque de Caxias, mas quando foi instalada, teve o município de Nova Iguaçu como cenário de sua implantação por parte governamental, em uma experiência que buscava não só industrializar algumas áreas da Baixada, mas também transformar o operariado desta região, em cidadãos aptos a esse novo paradigma social almejado pelo governo federal.

Na área da Economia, foi escrito um trabalho de dissertação por Adrianno Oliveira Rodrigues em 2006, que faz um balanço das principais bases econômicas presentes no município de Nova Iguaçu ao longo de sua história. O autor em sua dissertação, apresenta toda a trajetória econômica vivenciada no município de Nova Iguaçu, em sua história. Porém, é no segundo capítulo de seu trabalho de mestrado, que Adrianno apresenta o processo industrial que instaurou-se no município, analisando os possíveis fatores que viriam a proporcionar o surgimento industrial naquela localidade.

Adrianno Oliveira avalia que, a ascensão econômica proporcionada pela agricultura que tinha como o plantio e comércio de laranjas sua principal base econômica, proporcionou um maior investimento em setores de urbanização e saneamento no município de Nova Iguaçu. Este processo de aumento econômico também trouxe inúmeras pessoas de outras localidades, para trabalharem na citricultura do município, causando um aumento populacional. O apogeu foi terminado devido à praga das moscas do mediterrâneo que pôs fim ao processo agrícola, que dava sustentabilidade econômica ao município.

O surto industrial vivido pelo Brasil no pós-guerra, fez com que houvesse um maior incentivo para a implantação de indústrias na região central do Rio de Janeiro. Este incentivo causou um aumento populacional em Nova Iguaçu, devido à sua proximidade com o centro e as facilidades de deslocamento que este município oferecia para os trabalhadores chegarem aos seus locais de trabalho. Os lotes a preços baixos e a infraestrutura do município, também são citados pelo autor para demonstrar o processo

---

<sup>78</sup> RAMALHO. 1989. P. 34.

de aumento significativo no número de habitantes no município de Nova Iguaçu durante este processo de surto industrial influenciado pela política nacional. Com isso, mais uma vez, as análises sobre o processo de industrialização, a questão da infraestrutura é colocada em pauta.

Adrianno Oliveira aponta também outros fatores que incentivaram a instalação de indústrias em Nova Iguaçu. O autor demonstra em sua obra, que foram as facilidades dadas por setores governamentais, para que donos de estabelecimentos industriais, se fixassem na região, como incentivos fiscais, impostos mais baratos, tolerância de construções clandestinas e o mínimo de exigências burocráticas para a instalação de construções, gerando facilidades para a instalação de indústrias na Baixada Fluminense<sup>79</sup>. Esta análise já se aproxima um pouco em entender as ações de indivíduos no processo de atração para a instalação das fábricas na região, porém, o autor passa por esta questão sem estabelecer um foco preciso nestas relações.

O autor demonstra em seu trabalho, as principais indústrias do município e o processo no qual a região sofreu ao mudar sua base econômica que era majoritariamente agrícola para uma economia industrial. Mesmo o município contendo ainda relevante participação de setores agrícolas na sua arrecadação econômica, Nova Iguaçu passa a partir da década de 50, a estabelecer e fixar-se como cenário industrial no Rio de Janeiro, mantendo forte participação econômica para o Estado. O que demonstra como a década de 50 foi importante para o processo de transição do município, fazendo com que neste período, Nova Iguaçu possa ser entendido como um local que representava bem mais do que somente uma “cidade dormitório”.

Os nomes dos indivíduos que contribuíram para o processo industrial em Nova Iguaçu, também não são focados neste trabalho. O autor Adrianno Oliveira apresenta a região como receptora de implantações políticas e econômicas, oriundas da esfera nacional. Os agentes sociais que viviam no município na época, ainda aparecem como sujeitos passivos em relação a essas mudanças estruturais que a região estava vivenciando, assim como o desaparecimento do ciclo agrícola representado pelo cultivo das laranjas, que neste trabalho aparece de forma abrupta, sem levar em conta as ações dos sujeitos que sobreviviam dos lucros deste produto agrícola, e suas tentativas de manter a continuidade da citricultura como elemento fundamental na economia em

<sup>79</sup>RODRIGUES, Adrianno Oliveira. *De Maxambomba à Nova Iguaçu: Economia e território em processo*. Dissertação de mestrado apresentado ao curso de mestrado em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Rio de Janeiro. 2006. P. 60

Nova Iguaçu. Demonstrando que neste trabalho, as ações dos sujeitos atuantes e que estavam inseridos dentro do município, ainda não são bem utilizadas no estudo a respeito da industrialização iguaçuana.

Com isso, ao estabelecer uma análise geral dos autores que debruçaram-se a respeito do processo urbanístico e industrial na Baixada Fluminense no pós 50, percebemos que tais autores apontam diversos pontos em comum. Estas obras demonstram que a região já contava com infraestrutura para a instalação de indústrias, como também recebeu incentivos para que houvesse tais mudanças, em que o governo almejava transformar a localidade e os cidadãos que nela habitavam, de trabalhadores agrícolas, em trabalhadores industriais, adequados à nova ordem econômica estabelecida durante o governo Vargas e sendo continuada no governo de Juscelino Kubitschek. Com isso, as análises dos autores demonstram como Nova Iguaçu passou a se estruturar mesmo após a crise da citricultura local.

Podemos perceber, que todos os autores, que tiveram como foco o processo industrial na Baixada Fluminense, apresentam argumentos semelhantes sobre a prática de instalação das suas respectivas indústrias na região. A política nacional desenvolvimentista, o processo de urbanização e a nova prática econômica em voga no Brasil da época, são fatores constantes nessas análises. Porém, as ações dos indivíduos dentro do município, para a implantação de indústrias na região, quase não aparecem nessas análises, deixando de lado certas indagações a respeito de que, o processo industrial na região, só foi possível, porque naquela localidade haviam indivíduos com certa influência, que vinculavam-se a esse novo tipo de pensamento nacional desenvolvimentista que estavam dispostos a transformar as bases econômicas e sociais dentro do município, através da industrialização. Porém, percebe-se na análise destes autores, uma certa imposição da política federal, ao processo de mudanças que ocorreram em Nova Iguaçu, onde os sujeitos atuantes na política e na economia local, pouca participação tiveram neste processo de transição econômica e social.

#### **14 As visões sobre a mudança econômica do município de Nova Iguaçu**

A análise das bibliografias geradas a respeito do processo de urbanização em âmbito nacional, se comparadas com as bibliografias focadas no processo de urbanização local, ocorrido na Baixada Fluminense e principalmente em Nova Iguaçu, demonstram um papel significativo em que, o Estado representado em grande escala

pelo poder executivo, determinou os rumos econômicos, que seriam delimitados em escala nacional. Ambas as análises, demonstram a importância que a transição política, ocorrida com a revolução de trinta, e continuada nos anos seguintes, representaram para que a transição nos rumos econômicos traçados pela sociedade brasileira, fossem mudadas, deixando a hegemonia agrícola, para trás, abrindo espaço para uma política mais voltada para a urbanização e industrialização. Com isso, se percebe que as mudanças ocorridas em Nova Iguaçu aparecem como sendo estabelecidas de cima para baixo.

As mudanças socioeconômicas em Nova Iguaçu, aparecem nessas bibliografias, a partir do momento que o Estado necessita implantar uma política econômica mais voltada para a urbanização em âmbito nacional. Esta política incentivada pelo Governo Federal da época, acaba gerando também, a necessidade de mão-de-obra para trabalharem nas fábricas que estavam se desenvolvendo no país, fazendo com que as áreas periféricas também obtivessem melhores condições de habitação, locomoção e condições de trabalho para esses indivíduos que chegariam nesta região. Por isso que, nas bibliografias a respeito de Nova Iguaçu, o município aparece como localidade propícia não somente para a instalação de algumas indústrias na região, como também local de moradia e repouso para as recentes chegadas dos migrantes que vieram a se estabelecer naquele local.

Porém, ainda há muito para saber sobre os indivíduos ligados a setores importantes na política e na economia local, para entendermos como esses sujeitos se adaptaram a esse processo de transição. Pois, Nova Iguaçu também havia montado sua elite agrária através do plantio e do comércio de laranjas. Este setor que se manteve ativo durante o período de crise dos finais da década de vinte, não resistiu à uma nova onda de crises geradas devido a segunda guerra mundial. Isso provocou bastante desgaste e muito prejuízo aos citricultores da região, fazendo com que a década de cinquenta, fosse um período de intensa transição política e econômica para o município.

Nas esferas administrativas em âmbito nacional, havia se iniciado esse processo de transição e o incentivo para a urbanização e industrialização nacional. Porém, Nova Iguaçu e suas elites, antes sustentadas pelo comércio de laranjas, tiveram que adaptar-se à essa nova regra em voga na sociedade brasileira. São as ações dos sujeitos inseridos dentro deste município, diante deste novo processo em que a localidade vivia, é que os próximos capítulos irão se pautar.

## **Capítulo 2: A aproximação de representantes políticos e econômicos iguaçuanos com a mudança política brasileira do pós 1930.**

Este capítulo visa estudar as ações que, os sujeitos inseridos no município de Nova Iguaçu estabeleceram, para aproximar a demanda do município com a política urbanizadora e industrial em voga no Governo Federal da época, culminando no incentivo ao processo de instalação de indústrias em Nova Iguaçu. Procuraremos explicar como indivíduos atuantes no campo político ou que tinham certa relevância no campo econômico, adaptaram-se durante o processo de crise no setor agrícola da região de Nova Iguaçu, e como este processo de adaptação destes sujeitos unificou-se ao cenário industrial que estava sendo colocado em prática, pela política governamental instaurada por Getúlio Vargas e por Juscelino Kubitschek. Portanto, verificaremos como a ideia de industrializar o município foi instaurada pelos grupos sociais que habitavam a região, e como estes sujeitos conseguiram colocar em prática a ideia de atrair indústrias para se instalarem em Nova Iguaçu.

O autor Giovanni Levi, em seu livro *a herança imaterial*<sup>80</sup>, apresenta as formas de resistência e adequação, em que indivíduos inseridos numa sociedade que atravessa um processo de mudanças, estabelecem ao adaptarem-se a uma inevitável transição, sem que com isso, a nova sociedade que se forma, deixe de levar, algumas características herdadas e preservadas pelos sujeitos que nela habitam. Sendo assim, as novidades surgidas durante uma transição e principalmente, com o advento de uma nova forma de organizar a sociedade, politicamente e economicamente, acabam carregando consigo, dados e elementos oriundos de antigas características sociais, tidas erroneamente como ultrapassadas. É como se houvesse uma troca de elementos, vivências e necessidades, demonstrando que as velhas tendências podem ter sido ultrapassadas, porém, elas simplesmente não somem na história, mas deixam marcas nesses novos aspectos sociais, que mesmo conseguindo se estabelecer como hegemônicos, carregam alguns hábitos e costumes das sociedades passadas, sem conseguir exercer seu protagonismo, por completo.

<sup>80</sup>LEVI, Giovanni. *A herança imaterial: Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira. 2000.

As épocas podem mudar, assim como os hábitos e costumes, porém, os indivíduos inseridos dentro desta esfera social, continuam sendo os mesmos seres de carne e osso, que carregam consigo, características que permanecessem fortes e que não apagam-se da noite para o dia. Podemos constatar que numa sociedade composta por vários sujeitos de diferentes vivências e convicções, estes hábitos já característicos de um determinado grupo de pessoas, demoram ainda mais para desaparecer. Por isso, um analista, ao focar sua pesquisa histórica, em uma perspectiva vista de cima para baixo, pode apresentar determinadas falhas na compreensão de como as fases atravessadas pela sociedade, podem sofrer embargos, serem barradas ou sofrerem mutações e adaptações, até que as mudanças sejam de fato aceitas e colocadas em prática. Também há o fato de que nem sempre, as mudanças ocorrerem como ela era preestabelecida anteriormente, levando características que as vezes, estavam fora de questão, quando se pensava na instalação de determinado projeto de mobilidade social.

Contudo, a partir da análise de Giovanni Levi, iniciaremos este capítulo. Teremos como foco demonstrar como os habitantes do município de Nova Iguaçu, participaram e se adequaram ao processo de mudanças significativas ocorridas, no cenário político brasileiro após 1930 com a chegada de Getúlio Vargas ao poder. Depois, com a crise do comércio de laranjas, que era um importante produto para a economia do município de Nova Iguaçu, e por fim, com a política desenvolvimentista implantada por Juscelino Kubitschek. Demonstrando como certos grupos de indivíduos iguaçuanos aceitaram este processo de troca no cenário econômico da região, mas ao mesmo tempo, mantiveram algumas características da sociedade na qual faziam parte.

A história do município de Nova Iguaçu possui algumas diferenças em relação a história econômica brasileira de um modo geral. A região, até o século XX, não possuía uma agricultura forte, sendo uma localidade desenvolvida graças as taxas de distribuição de carregamentos do café produzido por Minas Gerais e São Paulo para o resto do Estado do Rio de Janeiro<sup>81</sup>. A economia do município irá se fortalecer a partir do século XX, pois é nessa época que desenvolve-se a citricultura na região. Por isso uma análise a respeito das modificações da estrutura econômica do município, pautada somente a partir da influência do Governo Federal, para incentivar novos rumos na economia local, é algo que mesmo tendo certa relevância, não coloca em questão como os sujeitos presentes no município aceitaram ou se adaptaram neste processo.

---

<sup>81</sup> PEREIRA, Waldick. *Cana, café e laranja: História econômica de Nova Iguaçu*. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro. 1977.

O plantio e comércio de laranjas haviam gerado uma elite local, donas das terras e dos meios de produção. Ocorre também, uma massiva migração populacional, onde pessoas de diversas áreas do país, vinham em busca de empregos nas plantações de laranjas, essa economia agrícola, também havia dado visibilidade para o município, sendo diversas vezes visitado por representantes importantes da política nacional, abrindo o mercado do município para o comércio mundial<sup>82</sup>. Esse apogeu da citricultura criou em Nova Iguaçu, uma sociedade acostumada a estruturar-se, pelo viés econômico embasado pela agricultura, porém, diferente da elite do resto do país, a mão de obra que se utiliza nesta economia crescente vindo da citricultura, não era escrava, devido ao fato do apogeu dos laranjais no município, ter ocorrido em período tardio, após o fim da utilização da mão de obra escrava no Brasil. Porém, o sucesso do comércio de laranjas, criou em Nova Iguaçu uma sociedade agrícola, com elementos rurais, mesmo dentro de um Estado que buscava a qualquer custo ser o espelho para o progresso e para o desenvolvimento nacional que era o Rio de Janeiro.

A partir do momento em que, aprofunda-se a crise do comércio de laranjas, o município passa a sofrer um processo de mudanças nas estruturas sociais, dificultando a vida dos produtores da fruta, que tiveram que se adaptar a um cenário de crise de uma sociedade pautada basicamente, na economia agrícola. Paralelamente a isso, os representantes do governo em escala federal, passam a incentivar uma política de urbanização e industrialização no Brasil, mudando os parâmetros econômicos do país, minando o foco da agricultura, passando a dar ênfase em um modelo econômico pautado na substituição de importações. Logo, a década de cinquenta do século vinte, representa um período que indivíduos ligados a importantes cargos no município de Nova Iguaçu, passam a vincular-se com representantes da política econômica em voga em âmbito nacional.

A análise do capítulo anterior demonstra que, mesmo com o sucesso da revolução de trinta, as relações do Estado nacional, com a economia agrícola, não foi desvencilhada de maneira abrupta. O corte de relações com a agricultura abrindo brecha para um investimento estatal pautado na industrialização nacional, não aparece como sendo uma iniciativa do Estado em si, mas sim em uma mudança ocorrida graças a forças maiores, onde a própria crise econômica do setor cafeeiro, fez com que indivíduos ligados a uma política mais industrial e protecionista, angariassem mais

---

<sup>82</sup> PEREIRA. 1977.

forças para sua causa, fazendo com que o Estado, se unisse a suas demandas, no intuito de fazer o Brasil sair da crise. Em Nova Iguaçu não foi diferente, a crise no setor agrícola, fez com que indivíduos, antes ligados a agricultura, se unissem a política em voga a partir de 1930, para atrelar o município, neste novo contexto econômico e social. Veremos no decorrer do capítulo, que as relações de sujeitos de importância política e social em Nova Iguaçu e importantes indivíduos da política nacional, começaram a aproximar-se atrelando seus interesses a partir do governo de Vargas, pois, a revolução de trinta tinha seus representantes também no município de Nova Iguaçu. Um destes entusiastas, era Getúlio de Moura, que não foi somente mero telespectador do processo de transição política, mas também o chefe do movimento rebelde durante a instauração da revolta em 1930, que culminou com a chegada de Getúlio Vargas ao cargo de presidente da República<sup>83</sup>. Getúlio de Moura torna-se prefeito de Nova Iguaçu e figura importante da política local durante o período de governo de Getúlio Vargas e mais adiante no governo de Juscelino Kubitschek, tornando-se um importante elo de análise entre a política vigente no cenário nacional, com a política local do município de Nova Iguaçu.

Este capítulo irá destacar aos indivíduos ligados a este processo de transição dentro do município de Nova Iguaçu em diferentes épocas, demonstrando quais ações foram tomadas por indivíduos que detinham os principais postos políticos e econômicos dentro da cidade, para mudar o foco econômico da região, buscando urbanizá-la e de certa forma industrializá-la. Com isso, será de extrema importância realizar uma análise dos governos de prefeitos de Nova Iguaçu, como Luiz Guimarães, Ary Schiavo, e Sebastião de Arruda Negreiros, pois eles foram homens que governaram o município durante o período de decadência da citricultura no local e período de discussão e implantação das primeiras grandes fábricas no município. Estes sujeitos representam os principais políticos que estiveram a frente da prefeitura municipal, durante o processo de transição política instaurada em âmbito nacional com a revolução de trinta e com a política industrial oriunda de políticos que estiveram a frente do Governo Federal das décadas de 30, 40 e 50.

É importante também analisar, as ações de figuras importantes dentro do campo econômico, como Sebastião Herculano de Mattos, que foi presidente do sindicato dos

---

<sup>83</sup> Acervo FGV. Publicado em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/getulio-barbosa-de-moura>. Acesso em 12 de jun. 2019. 16:06.



fruticultores, durante o período áureo da citricultura na região, até o seu período de crise<sup>84</sup>. As ações destes sujeitos, suas relações com a política vigente em âmbito nacional e seus aliados dentro e fora do município, serão de profunda importância para entender como os sujeitos de Nova Iguaçu que mantinham sua renda focada na citricultura, se comportaram diante da inevitável mudança que o município estava sofrendo. Verificaremos com isso, se estes sujeitos procuraram adaptar-se ao projeto de industrialização no município ou ofereceram resistência a este modelo econômico.

A união de indivíduos situados numa região remota dentro do Estado do Rio de Janeiro, com o processo nacional desenvolvimentismo e suas ações para a implantação desta nova política representada pelas ações administrativas tomadas por Vargas e Juscelino Kubitschek em âmbito nacional, irão demonstrar, como o povo iguaçuano buscou adaptar-se a essas novas estruturas, e como Nova Iguaçu, foi se modificando a partir das ações destes sujeitos internos. Assim, a crise do setor agrícola, que durante algum tempo, foi de profunda importância não só para a economia do município, mas para a economia do país, faz com que os indivíduos em Nova Iguaçu acabassem sendo forçados a deixar pra trás as estruturas majoritariamente agrícolas da região, para implantar uma nova política urbana e econômica. Questões referentes ao fato de o município ter se guinado por completo a estas mudanças, e saber o quanto de troca de vivências e necessidades ocorreu neste processo de mudanças, serão o foco deste capítulo.

### **2.1. Getúlio de Moura e Arruda Negreiros: O início da relação política entre Nova Iguaçu e Getúlio Vargas.**

A revolução de 30 ocorre no Brasil, em um momento que o mundo atravessava uma crise sem precedentes, que colocou em xeque, a política liberal que dominava o cenário econômico em vários países do mundo, inclusive no Brasil. Esta crise, conhecida como a crise de 1929, fez com que diversos países, buscassem implantar meios de atrelar o Estado na vida econômica da sociedade, já que, o capitalismo sem regras e sem tutela mais ampla do Estado, não conseguiu frear a crise que se acirrava cada vez mais, conforme a década de 30 passava. O Brasil não fica de fora desta crise,

---

<sup>84</sup> PEREIRA. 1977.

onde assim, como no resto do mundo, a crise de 29 acaba afetando por completo as estruturas liberais que regiam a economia brasileira da época.

Em alguns países da Europa, como Alemanha e Itália, a busca desesperada para sair da crise, gerou uma intervenção Estatal, que instaurou-se, através de uma política autoritária e repressora com as minorias e seus opositores, tendo o ideal fascista como sua principal base, levando o continente para a segunda guerra mundial já no final dos anos trinta. Enquanto nos Estados Unidos, a política de intervenção Estatal surge através do surgimento do estado de bem estar social, idealizada pelo New Deal de John Keynes e colocada em prática pelo presidente estadunidense da época, Franklin Roosevelt. Portanto, a década de 30, caracteriza-se como um período em que a política liberal acaba caindo por terra e a intervenção Estatal torna-se a regra na política econômica mundial.

O Brasil também acaba sendo afetado pela crise de 1929. Esta crise fez com que o setor cafeeiro, que era o principal produto de exportação e sustentáculo da economia brasileira, tivesse altas taxas de queda nas suas vendas e exportações, porém, no início da década de 30, a intervenção Estatal, foi fator predominante para que a economia cafeeira continuasse em funcionamento, mas não conseguiu impedir que a crise agrícola se agravasse no Brasil<sup>85</sup>. Logo, a crise mundial abalou as estruturas do setor agrícola no Brasil, gerando em nosso país, não só uma instabilidade econômica, mas também uma instabilidade política. A falta de perspectiva de combate a crise utilizando apenas o café como base estrutural de nossa economia, acabou gerando cenário propício para a instalação de uma política que estabelecesse uma maior intervenção Estatal na economia que pudesse modificar as estruturas que regiam a economia nacional, dando voz a projetos urbanizadores e industriais<sup>86</sup>.

Essa política estatal iniciada no governo de Getúlio Vargas, vai além de acabar com a influência plena dos agricultores paulistas na economia e na política nacional. O novo governo de Vargas fez também com que o Estado representado pela figura do presidente e de seus ministros e interventores, buscassem implantar um incentivo ao processo urbanizador e industrial no Brasil, onde o Estado vai incentivar a formação de novas indústrias, ligadas aos bens de produção. A partir daí, instaura-se no Brasil, uma política voltada para a industrialização. Esta política foi diferente da industrialização no

<sup>85</sup> FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. São Paulo. Difel. 1959.

<sup>86</sup> LUZ, Nícia Vilela. *A luta pela industrialização no Brasil*. São Paulo. Editora Alfa Omega. 1978.

período da República velha, pois dessa vez, o impulso industrial brasileiro será incentivada pelo governo federal.

Claro que esta política de incentivo a industrialização, voltada para os bens de produção não ocorre da noite para o dia. Dessa forma, esse incentivo Estatal, não foi algo feito com intuito de substituir uma base econômica que estava indo bem. A crise do capitalismo liberal espalhava-se pelo mundo inteiro, e o setor de café não estava mais conseguindo suprir nossa economia, por isso, era preciso guiar o país para novos rumos econômicos, com intuito de melhorar a economia nacional e gerar condições do governo recém instaurado de se preservar no poder. Portanto, a industrialização não vem para o Brasil somente por capricho do novo governo, mas sim, por uma necessidade que o país atravessava na época.

Enquanto inicia-se uma nova fase do capitalismo, pautado na participação do Estado e de seus representantes, que irá gradativamente levar o Brasil a se industrializar, o município de Nova Iguaçu passava por um momento econômico, totalmente diferente do cenário vivenciado por quase todos os setores produtivos do Brasil. O município atravessava um momento de intensa comercialização e produtividade do setor agrícola de laranjas, produto que, segundo diversas fontes, elevou a renda do município, deu características próprias ao local, elevou seu número de habitantes e aumentou também, as infraestruturas e a visibilidade do local. Por isso, as estruturas econômicas que ditavam os rumos do município de Nova Iguaçu, mantiveram-se agrícolas durante os anos 30 e boa parte dos anos 40, tendo sido colocadas em prática somente nos anos 50.

É neste cenário político e econômico, que instaura-se na política nacional, a revolução de trinta, que retirou do governo o presidente Washington Luiz, e acabou empossando Getúlio Vargas ao cargo de presidente da República, mesmo tendo perdido as eleições para seu então adversário Júlio Prestes. Esta revolução, que durante a década de 30 ainda visa estabelecer medidas protecionistas ao principal sustentáculo da economia nacional, que estava ligado a cafeicultura, vai, com o passar dos anos, implantando uma mudança nos paradigmas econômicos brasileiros, substituindo gradativamente os produtos industrializados importados, para iniciar uma etapa de produção da indústria de base no Brasil, como podemos observar no trecho do livro de Sonia Mendonça.

Com os preços do café em baixa e a dificuldade de importar bens manufaturados (muito caros desde a crise de 29), mas com o poder de

consumo interno preservado, inaugurou-se um período bastante favorável à expansão da indústria brasileira. Pela primeira vez em nossa história, os preços dos produtos nacionais aqui fabricados eram mais vantajosos do que os importados.<sup>87</sup>

Ou seja, era necessário suprir o mercado interno com produtos industrializados antes importados, que com o agravamento da crise de 29, fez com que o Estado brasileiro tome as rédeas da situação, iniciando um processo gradual de transição para implantação das primeiras indústrias de base nacionais voltada para os bens de produção.

Mesmo com as divergências na base estrutural onde, Nova Iguaçu arrecadava grandes margens de lucros com a agricultura local, enquanto a crise ainda assolava o país. O governo de Getúlio Vargas também estabelece uma relação com o município de Nova Iguaçu. Esse primeiro contato entre Vargas e o município, aparece através de atitudes de pessoas importantes dentro da política e da administração iguaçuana local, que aproximaram-se da figura de Getúlio Vargas e atrelaram a cidade de Nova Iguaçu, aos novos interesses nacionais. Este processo de aproximação entre os indivíduos iguaçuanos e sujeitos que detinham lugar de destaque na política nacional, aparecem primeiramente na esfera política. Porém, a estrutura econômica do município manteve-se, já que durante os anos 30, o plantio e comércio de laranjas no município estava indo bem.

Duas das principais lideranças em Nova Iguaçu são os políticos Getúlio de Moura e Arruda Negreiros. Através de uma investigação de suas vidas, podemos perceber como eles foram importantes para que houvesse uma convergência e aproximação do município de Nova Iguaçu com o presidente da República recém empossado no cargo. Esses dois homens não estabeleceram apenas elos entre o governo Federal e o município de Nova Iguaçu, eles também são figuras importantes dentro do município, onde aparecem como lideranças dentro de seus respectivos partidos durante muitos anos.

Getúlio Barbosa de Moura foi um entusiasta da revolução de 30 desde seu princípio. Foi o chefe do movimento rebelde em Nova Iguaçu e um dos responsáveis pelo afastamento do prefeito da época, Alberto Soares de Souza e Mello. Getúlio de Moura chegou a exercer o cargo de prefeito do município por menos de um ano, até ser afastado a mando do próprio interventor do Estado do Rio de Janeiro, Plínio Casado.<sup>88</sup>

<sup>87</sup> MENDONÇA, Sonia. *A industrialização brasileira*. Editora Moderna. São Paulo. 1995.

<sup>88</sup> CPDOC/ FGV. Disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/getulio-barbosa-de-moura>. Acesso em: 15 de jun. de 2019. 16:00:00.

Porém, com todo o conflito, Getúlio de Moura continua atuando no cenário político e estabelecendo papel importante no processo de ligação política do município de Nova Iguaçu com a política vigente no Governo Federal da época.

Mesmo afastado do cargo de prefeito, e tendo seu relacionamento com o governo estadual e federal em crise, Getúlio de Moura, continua ativo na vida política iguaçuana. Ele exerceu o cargo de presidente da câmara dos vereadores de Nova Iguaçu nos anos de 1936 e 1937<sup>89</sup>. Também volta a exercer o cargo de prefeito do município no ano de 1945<sup>90</sup>, além de exercer o cargo de deputado federal no final da década de 40<sup>91</sup>. Getúlio de Moura torna-se figura importante não só nas relações políticas do município com o então poder executivo de Getúlio Vargas, mas também torna-se uma liderança forte, entre os membros da câmara dos vereadores de Nova Iguaçu, principalmente do seu partido, o PSD, que também formava a base da política de Getúlio Vargas, junto com o PTB. Getúlio de Moura exerceu diversos mandatos durante sua trajetória política, ligado ao PSD, partido base do governo Vargas e mais tarde, de Juscelino Kubitschek tornando-se figura importante no cenário político iguaçuano, dando maior visibilidade ao município durante o período de governo de Getúlio Vargas e de Juscelino Kubitschek.

A influência de Getúlio de Moura no município, ultrapassa a década de 30, mantendo esta personalidade política de Nova Iguaçu, uma figura importante entre os políticos do legislativo local até na década de 50. Neste período, ele aparece nos ofícios da câmara dos vereadores diversas vezes, como podemos observar em alguns requerimentos aprovados pela câmara como; “requerimento do vereador José de Lima e outros, congratulando-se com o deputado Getúlio de Moura, pelo discurso pronunciado no banquete oferecido ao comandante Ernani de Amaral Peixoto”<sup>92</sup>. Outro exemplo é quando a figura de Getúlio de Moura é defendida na câmara dos vereadores após ser atacado por um vereador de oposição, como demonstra o texto retirado da Ata:

Requerimento do vereador Nilo Dias Teixeira quanto a prevenção contra doenças epidêmicas no município; sobre o assunto falou o autor expondo a situação das crianças doentes do município; tendo tomada

<sup>89</sup> AZEREDO, Luiz; BARROS, Ney Alberto Gonçalves de. *Memória da câmara municipal de Nova Iguaçu*. Câmara dos vereadores do município de Nova Iguaçu. Rio de Janeiro. 2000.

<sup>90</sup> MATUS, Moduan. *História de Nova Iguaçu: Recortes de uma cronologia ilustrada*. Traço e texto. Rio de Janeiro. 2018.

<sup>91</sup> CPDOC/ FGV. Disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/getulio-barbosa-de-moura>. Acesso em: 15 de jun. de 2019. 16:00:00.

<sup>92</sup> Ata das reuniões da Câmara Municipal de Nova Iguaçu. Livro 05. 18/11/55 à 08/11/57. P. 32.

parte nos debates os vereadores Sebastião Pereira Pontes e Manoel Quaresma que criticou a displicência dos postos de saúde do município; falou a seguir o vereador Russani Elias José, defendendo a figura de Getúlio de Moura, antes atacada pelo vereador Manoel Quaresma<sup>93</sup>.

Percebe-se que, mesmo em um debate sobre saúde no município, a figura de Getúlio de Moura é lembrada, sendo defendido pelos vereadores simpáticos ao político. Outro exemplo da influência de Getúlio de Moura, aparece quando o vereador Jorge Ayres de Lima é escolhido para liderar a bancada do PSD e em seu discurso o o vereador diz: “Falou a seguir o vereador Jorge Ayres de Lima que fez o histórico de sua atividade política dentro do PSD, baseada na política de Getúlio Barbosa de Moura a quem classificou como homem de grande valor”<sup>94</sup>. Isso demonstra o quanto a figura de Getúlio de Moura esteve presente entre os políticos de Nova Iguaçu, mantendo-se figura ativa e influente na política local mesmo durante a década de 50.

A atuação de Getúlio de Moura como deputado federal, fez com que a ligação entre o município de Nova Iguaçu e o governo federal se ampliasse, e o prestígio de Getúlio de Moura no município aumentassem durante todos esses anos. Ele manteve seu prestígio, principalmente entre os representantes políticos locais, como podemos observar neste fragmento retirado da ata da câmara dos vereadores de Nova Iguaçu.

Falou então o vereador Russani Elias José elogiando Getúlio de Moura e suas obras, citando a maternidade, o fórum o patronato, estradas etc. citou verbas conseguidas por Getúlio de Moura para Nova Iguaçu, mesmo após a sua derrota, o que demonstrava grande desprendimento.<sup>95</sup>

Logo, podemos observar a importância política deste indivíduo que, mesmo afastado das atividades políticas dentro do município, ao assumir o cargo de deputado federal, continuava mantendo suas relações com figuras públicas da região, sendo voz ativa e estabelecendo ligação entre as necessidades políticas e econômicas de Nova Iguaçu, com representantes da política nacional.

Getúlio de Moura era constantemente citado e homenageado por políticos de seu partido dentro da câmara dos vereadores do município de Nova Iguaçu. Pois, além de líder, obtinha bastante respeito por seus políticos aliados que mantinham seu nome sempre presente na política interna de Nova Iguaçu. Ele também manteve um elo

<sup>93</sup> Ata das reuniões da Câmara dos vereadores de Nova Iguaçu. Livro 05. 18/11/55 à 08/11/57. P.47.

<sup>94</sup> Ata das reuniões da Câmara Municipal de Nova Iguaçu. Livro 06. 08/1157 à 04/02/60. P. 84

<sup>95</sup> Ata das reuniões da Câmara Municipal de Nova Iguaçu. Livro 06. 08/11/57 à 04/0260. P. 92.

estabelecido com a política de Vargas e mais tarde com a política de Juscelino Kubitschek. Com isso, através das ações de indivíduos como Getúlio de Moura, podemos observar que os políticos de Nova Iguaçu não estavam a parte do que acontecia na política administrativa nacional, muito pelo contrário, os representantes políticos do município estiveram bastante ligados com os assuntos políticos da época, e de certa forma, buscava se atrelar com as forças políticas atuantes no cenário nacional, principalmente do poder executivo, desde a instauração do governo de Getúlio Vargas, mantendo relações bem próximas, com os governos posteriores a Vargas como o governo de Juscelino e de seus aliados.

Podemos observar através de algumas conversas das atas da câmara dos vereadores, como se estabeleceu o processo de aproximação entre políticos atuantes na câmara de Nova Iguaçu com o poder executivo nacional vigente na época. Esta proximidade entre o governo Federal, Estadual e os políticos de Nova Iguaçu, aparecem em algumas fontes, como demonstra este trecho retirado da ata da câmara: “Fora a seguir lidos e postos em votações requerimentos do vereador Dionísio Bassi e José Naim Fares, congratulando-se com o governo da República recém empossado, requerimentos estes que foram a seguir aprovados”<sup>96</sup>. Outro exemplo desta aproximação da política iguaçuana com a política nacional, aparece na ata, no discurso feito pelo vereador Byron Doré após ser reeleito presidente da câmara dos vereadores onde o autor afirma:

Falou finalmente o vereador Bayron Doré, presidente reeleito, que agradeceu a confiança em si depositada, e a tomava como um incentivo; disse que sempre procurou imprimir uma linha de imparcialidade nesta casa, o que continuava a manter como norma de conduta, sentido-se satisfeito e honrado com o gesto de seus colegas; elogiou a seguir as ações do prefeito municipal e a cooperação existente entre os poderes executivos e legislativo, verberando contra as campanhas negativas dos que desconhecem os fatos ou agem com má fé; fez um apelo final para que Nova Iguaçu se integrasse e ajudasse a campanha de renovação nacional imprimida pelo novo governo da República<sup>97</sup>.

Neste discurso, podemos averiguar a preocupação de representantes da política local em integrar-se a política vigente no governo Federal, que na época era representado pelo presidente Juscelino Kubitschek. Ou seja, desde a instauração da revolução de 30, e principalmente na década de 50, período em que as fontes foram analisadas, demonstra

<sup>96</sup> Ata das reuniões da Câmara Municipal de Nova Iguaçu. Livro 05, 18/11/55 à 08/11/57. P. 11 e 12

<sup>97</sup> Ata das reuniões da Câmara Municipal de Nova Iguaçu. Livro 05, 18/11/55 à 08/11/57. P. 15.

que, sujeitos atuantes na política de Nova Iguaçu, já estavam atrelando-se a campanha política posta em prática pelo governo Federal.

Sendo assim, a política econômica adotada pelos governantes do Executivo Federal, a partir de 1930 e continuada com o governo de Juscelino Kubitschek, acaba sendo penetrada no município através de ações de aproximações dos agentes políticos iguaçuanos com o governo Federal. Com os governos de Vargas e de Juscelino, o município foi alçado para este novo cenário político e econômico que passa a se implantar no Brasil, causando mudanças estruturais significativas na sociedade brasileira, tendo a cidade, aos poucos integrando-se e fazendo parte dessas mudanças em que o Brasil estava gradativamente passando na época. Porém, como foi demonstrado no capítulo anterior, esta aproximação deu-se em um primeiro momento no cenário político, sendo somente mais tarde atrelada também ao setor econômico, como será demonstrado no decorrer do capítulo.

Outra figura de importância, na trajetória política de Nova Iguaçu e, um dos responsáveis pela mudança para que o município passe a estabelecer laços, com o governo de Getúlio Vargas, foi o político Sebastião de Arruda Negreiros. Desde antes da revolução de 30, Arruda Negreiros já obtinha um cargo de vereador pelo município, exercendo a função de presidente da câmara dos vereadores de Nova Iguaçu no ano de 1923<sup>98</sup>. Ele foi o prefeito que substituiu Getúlio de Moura, quando este tomou posse em 1930, sendo Arruda Negreiros, nomeado prefeito, pelo então interventor do Estado do Rio de Janeiro, Plínio Casado<sup>99</sup>.

Arruda Negreiros era de um partido visto como oposição ao governo de Vargas, a UDN. Ele teve uma importante trajetória de vida no município, tendo exercido o cargo de prefeito de Nova Iguaçu por três vezes, sendo que, duas vezes foi eleito democraticamente. Também estabeleceu um elo, entre a política local do município de Nova Iguaçu e o governo federal de Vargas, pois apesar de ser filiado à um partido historicamente entendido como oposição ao partido do presidente, Arruda Negreiros, consegue manter na região, os elos políticos com os representantes governamentais do Estado Novo, estabelecendo de fato, uma relação mais pacífica entre estas as correntes políticas ligadas diretamente ao governo de Getúlio Vargas e de Juscelino que tinham em seus grupos políticos do PTB e PSD, e os políticos de oposição que tinham em seus

<sup>98</sup> AZEREDO, Luiz; BARROS, Ney Alberto Gonçalves de. *Memória da câmara municipal de Nova Iguaçu*. Câmara dos vereadores do município de Nova Iguaçu. Rio de Janeiro. 2000.

<sup>99</sup> AZEREDO; BARROS. 2000.



grupos, políticos ligados a UDN. Com isso percebemos que o atrelamento político de Nova Iguaçu com a política de Vargas e de Juscelino não estava restrita somente aos seus partidários, tendo sido levada adiante por políticos inseridos em partidos vistos como de oposição.

Mesmo que em determinados momentos, as tensões entre membros de partidos favoráveis a política de Vargas, e vereadores que mantinham uma postura de oposição ao governo se agravassem, a figura de Arruda Negreiros era importante para o município, pois, a ele mantinha bons laços com os representantes do Estado Novo, e também era figura bastante respeitada dentro de seu partido. Seu terceiro mandato como prefeito de Nova Iguaçu, foi marcado por grandes articulações e renovações políticas dentro do município, onde partidos vistos largamente como de oposição, como o PTB e a UDN, escolheram um líder em comum para ambas as bancadas que expõe a Ata do dia 3 de março de 1959:

Falou então o vereador Antônio Gaspar dizendo que as bancadas do PTB e da UDN escolheram como seu líder, o vereador Darcy Ciani Marins, usou da palavra o vereador Darcy Ciani dizendo que sabe da responsabilidade e do trabalho que a liderança trará, mas com prazer dará sua energia e boa vontade desejando sempre a vitória para as causas justas<sup>100</sup>.

Isso demonstra como o município de Nova Iguaçu passou a estabelecer uma política de conciliação partidária entre partidos distintos e a pessoa de Sebastião de Arruda Negreiros, era uma figura importante para a aplicação desta política conciliatória.

Getúlio de Moura e Arruda Negreiros, mesmo que aparentemente parecessem de lados políticos distintos, se tornaram figuras importantes no processo de aproximação política de representantes políticos de Nova Iguaçu com a política vigente no cenário nacional. A análise que podemos concluir através de uma observação mais detalhada da atuação política de ambos, demonstra que eles estiveram à frente de um processo que fez com que Nova Iguaçu, se alinhasse com o cenário político vigente em território nacional a partir da década de 30. Estes dois prefeitos exerceram seu mandato durante um período de intensas mudanças na vida política brasileira, e os dois acabaram usando seu prestígio dentro de suas linhagens políticas e ideológicas, para fazer com que Nova Iguaçu se aliasse a esta mudança política, sendo de certa forma responsáveis, ao processo de adaptação que o município obteve, durante a transição da política nacional,

<sup>100</sup> Ata das reuniões da Câmara Municipal de Nova Iguaçu. Livro 06: 08/11/57 à 04/02/60. P. 84.

da República Velha, para o período em que Getúlio Vargas e logo após Juscelino Kubitschek, estiveram a frente do poder executivo.

O fato dos dois prefeitos serem de partidos tidos como divergentes, facilitou também, a aceitação do governo de Getúlio Vargas na região. Pois, como estudamos anteriormente, ambos mantiveram laços com a política em voga no Governo Federal, e ambos eram membros influentes em seus respectivos partidos e campos ideológicos. Apesar de, a UDN, manter uma postura de oposição, a política trabalhista, instaurada durante o governo de Getúlio Vargas, estas ações adotadas por ele, como o modelo de substituição de importações, foram bem aceitas em Nova Iguaçu, lembrando que em 1942, já havia sido instaurada no município, a fábrica nacional de motores FNM<sup>101</sup>. Estes dois atores, junto com outros importantes membros da política e da economia do município, acabam sendo figuras importantes pelo processo de transição em que Nova Iguaçu se encontrou, principalmente no momento em que o principal produto agrícola que dava sustentabilidade à economia do município, que era o plantio e comércio de laranjas, entra em colapso e Nova Iguaçu precisa adequar-se a um novo processo econômico.

A aproximação de representantes políticos iguaçuanos, com o governo federal desde sua implantação em 1930, fez com que a partir da crise dos laranjais, Nova Iguaçu tivesse mais visibilidade e facilidade para a aplicação de uma política urbanizadora e até mesmo industrial. Mesmo que, durante os primeiros anos de governo de Getúlio Vargas, a estrutura econômica de Nova Iguaçu manteve-se atrelada a agricultura, a aproximação de representantes políticos do município fez com que Nova Iguaçu tivesse maior visibilidade do Governo Federal vigente e que fosse mais fácil o processo de aproximação dos representantes políticos ao cenário econômico colocado em prática pelo governo Federal pautado na urbanização e industrialização. Ainda neste capítulo, serão analisados alguns outros importantes indivíduos que utilizaram-se de sua influência para fazer com que o município transitasse para este novo processo econômico e social colocado em prática na política nacional a partir da década de 30.

<sup>101</sup> RAMALHO, José Ricardo. *Estado Patrão e a luta operária: O caso FNM*. Rio de Janeiro. Paz e terra. 1989.

**Tabela 1 - Cargos políticos exercidos por Getúlio de Moura e Arruda Negreiros.**

Getúlio de Moura <sup>102</sup>	Arruda Negreiros <sup>103</sup>
1930 - Prefeito de Nova Iguaçu	1923 – Presidente da câmara dos vereadores de Nova Iguaçu
1933 – Elegeu-se suplente de deputado pelo Estado do Rio de Janeiro.	1930 – Nomeado prefeito de Nova Iguaçu
1936-1937 – Presidente da câmara de vereadores de Nova Iguaçu.	1946 – Eleito prefeito de Nova Iguaçu pela segunda vez <sup>104</sup>
1945 – Prefeito de Nova Iguaçu de março à dezembro do mesmo ano.	1958 – Eleito pela terceira vez prefeito de Nova Iguaçu. <sup>105</sup>
1945 – Deputado Federal pelo Estado do Rio de Janeiro.	
1950 – Deputado Federal pelo Estado do Rio de Janeiro.	
1954 – Reeleito mais uma vez deputado Federal pelo Estado do Rio de Janeiro.	
1958 – Disputou o governo do Estado do Rio de Janeiro perdendo a eleição.	
1959 – Assumiu a presidência da rede ferroviária Federal no governo de Juscelino Kubitschek.	

<sup>102</sup> CPDOC/ FGV. Disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/getulio-barbosa-de-moura>. Acesso em: 15 de jun. de 2019. 16:00:00.

<sup>103</sup> AZEREDO, Luiz; BARROS, Ney Alberto Gonçalves de. *Memória da câmara municipal de Nova Iguaçu*. Câmara dos vereadores do município de Nova Iguaçu. Rio de Janeiro. 2000.

<sup>104</sup> BATISTA, Alofs Daniel. *Onze prefeitos em onze anos: O campo político iguaçuano nas páginas do Correio da Lavoura*. Dissertação apresentada ao programa de pós graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Rio de Janeiro. 2014.

<sup>105</sup> BATISTA. 2014.

1962 – Eleito deputado Federal pelo Estado do Rio de Janeiro.	
1966 – Torna-se vice-líder do MDB – Partido de oposição à ditadura militar.	

## **2.2. Prefeito Luiz Guimarães – Período de crise dos laranjais e mudanças nos paradigmas econômicos do município.**

À partir da década de 50 do século XX, uma crise elevada faz com que o município de Nova Iguaçu seja cenário de um novo momento econômico em sua trajetória. A segunda guerra mundial provoca o declínio do comércio das laranjas produzidas no município. Esta crise foi gerada, devido a paralisação do comércio deste produto para o exterior conforme a segunda guerra mundial ocorria. Essa queda brusca na exportação do principal produto que dava base à economia do município, gerou uma superprodução de laranjas que não era suprida pelo mercado consumidor, já que a maioria delas eram vendidas para o exterior. O mercado interno, não conseguia suprir a proporção produzida de frutas pelo município, como escreve Waldick Pereira.

Grandes fortunas estavam empenhadas no comércio de laranja e o mercado estrangeiro era o sustentáculo da situação socioeconômica ostentada pelos laranjeiros. Pela ordem de importância segundo a quantidade importada estavam: Inglaterra, Argentina, Holanda, França, Bélgica, Alemanha, Suíça, Chile, Dacar e Suécia, quase todas essas localidades afetadas pela guerra.<sup>106</sup>

Portanto, a falta de mercado consumidor fez com que as laranjas em excesso apodrecessem nos pomares, o que também, fez com que o surto de pragas como a mosca do mediterrâneo se intensificasse nos laranjais, colocando um empecilho na economia dos laranjais, que havia gerado tantos benefícios para os produtores de laranja e a população do município.

Devido a crise que se alastrava, algumas tentativas de resgate da economia laranjeira foram tomadas por representantes políticos e oligárquicos do município. Em

<sup>106</sup> PEREIRA, Waldick. *Cana, café e laranja*: História econômica de Nova Iguaçu. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro. 1977. P. 145.

Nova Iguaçu, esses representantes locais em conjunto com os citricultores, buscaram por maior apoio do governo federal, através de cartas e manifestos ao ministério da agricultura. Em determinado momento, a tentativa de encontrar soluções para a crise na citricultura ocorre através de ações de representantes locais como Getúlio de Moura, que chega a fazer severas críticas ao Governo Federal “por abandonar a citricultura iguaçuana”<sup>107</sup>. Essas medidas tomadas com intuito de barrar a crise, acabam de fato não dando certo, e a crise dos laranjais iguaçuanos vai aumentando conforme os anos quarenta terminam e inicia-se a década de cinquenta.

Na década de 50, acaba o período de apogeu do plantio e do comércio de laranjas em Nova Iguaçu. Essa intensidade da crise também é manifestada através de matérias no jornal “Correio da Lavoura”, que lamentava em suas páginas, o regresso na citricultura nacional escrevendo em uma de suas manchetes, “O Brasil está ficando pra trás na produção mundial de laranjas, tendo obtido recorde mundial de produção deste produto no ano de 1940”<sup>108</sup>. Também no ano de 1950, havia matérias no mesmo jornal criticando “a falta de investimentos do governo Federal na agricultura brasileira”<sup>109</sup>, porém as perspectivas de melhoras estavam cada vez mais longe de serem implantadas. Com isso, Nova Iguaçu precisou se reinventar e adequar-se gradativamente, a nova política econômica que se implantava aos poucos no Brasil, onde o governo Federal passou a focar cada vez mais nas relações trabalhistas e industriais.

É nesse contexto, que Luiz Guimarães tornou-se prefeito do município. Seu mandato, inicia-se em um período de crise, em que Nova Iguaçu, já não conseguindo retomar o controle do comércio de laranjas e o elevado lucro e desenvolvimento por ele representado nas décadas anteriores, fez com que o prefeito arrumasse um meio para se adequar a crise que já atingia o município. Portanto, Luiz Guimarães, que toma posse do cargo de prefeito em 1951, teve que estabelecer métodos políticos para tentar salvar a economia do município, que naquele momento estava em grande declínio.

A crise nos laranjais provocou também um expressivo abandono dos donos das chácaras de laranjas ao seu território, loteando e vendendo seu pedaço de terra, transformando o município de Nova Iguaçu em um grande lugar de terrenos abandonados. Por mais que ainda houvesse uma tentativa de resgatar os lucros, com o comércio de laranjas, a inevitável transição que estava ocorrendo, acaba fazendo com

---

<sup>107</sup> PEREIRA. P. 148.

<sup>108</sup> CORREIO DA LAVOURA. Rio de Janeiro: Nº 1.739, 16 de Jul. de 1950.

<sup>109</sup> CORREIO DA LAVOURA. Rio de Janeiro: Nº 1740. 23 Jul. 1950.

que o governo de Luiz Guimarães ampliasse uma política econômica que vai causar uma mudança significativa nas estruturas econômicas do município. Assim, a década de 50, também representa um período em que Nova Iguaçu estabelece um processo de urbanização, e conseqüentemente, inicia-se uma política que buscou atrair cada vez mais indústrias para o município.

Os representantes políticos e econômicos em Nova Iguaçu buscavam, de um lado negociar com o governo federal, medidas para reviver a agricultura local e a reconstrução do plantio e do comércio de laranjas para o município, e por um outro lado, os mesmos representantes também passaram a incentivar uma maior tentativa de urbanização e industrialização para o município. Como exemplo disso, temos o jornal, “Correio da Lavoura” que no dia 23 de abril de 1950, divulgou uma matéria que criticava a falta de empreendimentos no município, escrevendo: “Os homens públicos pouco fazem para gerar mudanças na cidade e as obras que são necessárias não saem do papel, anunciando as obras, só para encherem os olhos do povo”<sup>110</sup>. Logo, podemos perceber que a inevitável resolução da crise, fez com que os agentes políticos e econômicos do município fossem aos poucos, sendo forçados a adaptar-se ao novo cenário econômico e social vigente no país, que se empenhava mais em uma política urbanizadora e industrial, do que em uma política que focasse seus interesses na agricultura.

Como já vimos na parte anterior do capítulo, o prefeito que assumiu o cargo antes de Luiz Guimarães, foi Sebastião de Arruda Negreiros, que assumiu a prefeitura de Nova Iguaçu pela segunda vez, e que já tinha em seu histórico político, estabelecido certa aproximação com Getúlio Vargas durante seu governo. Com Luiz Guimarães a frente da prefeitura, o município passa por mais um mandato com um representante oriundo da UDN, que apesar de ser historicamente reconhecida como um partido de oposição à Vargas, Juscelino e seus aliados, em Nova Iguaçu, acaba alinhando-se a uma característica do governo Vargas que era o incentivo à industrialização. Logo, Luiz Guimarães herda uma prefeitura que já havia estabelecido laços de proximidade com a política urbanizadora e industrial de Vargas e essa aproximação com este tipo de política pode ser representado, com a implantação da Fábrica Nacional de Motores no município, que era uma fábrica Estatal, introduzida na região que hoje é Duque de Caxias, mas na época, ainda fazia parte de Nova Iguaçu.

<sup>110</sup>CORREIO DA LAVOURA. Rio de Janeiro: Nº 1727. 23 abr. 1950.

O processo de declínio do plantio e do comércio de laranjas e a herança com a política urbana e industrial estabelecida pelo Governo Federal, representado pela figura de Getúlio Vargas, fez com que o governo de Luiz Guimarães fosse um governo de continuidade com a política de urbanização no município, dando cada vez menos ênfase na agricultura do município. Com isso, a partir da análise das atas da prefeitura de Nova Iguaçu, podemos averiguar que seu governo teve um maior empenho em dar continuidade a este processo de transição, onde podemos observar medidas postas em prática pelo prefeito que fazia doações de áreas de terra pertencentes ao município para o governo federal, ou governo estadual como está transcrito abaixo.

É doada ao govêrno do Estado do Rio de Janeiro, a área de terra partencente ao Patrimônio Municipal com 6.999 metros quadrados, situada na Avenida Manoel Duarte, Bairro Guararapes, em Mesquita, 1º distrito do Município para a construção de um grupo escolar<sup>111</sup>.

Outro exemplo ocorreu quando o prefeito sanciona o decreto de isenção de impostos as indústrias que fossem instaladas no município de Nova Iguaçu, escrevendo em Ata; “Ficam isentas de impostos municipais, por cinco anos, as indústrias sem similares neste Município, que forem instaladas a partir da data desta Resolução”<sup>112</sup>. Logo, mesmo com a UDN a frente da prefeitura municipal, percebe-se que o projeto econômico voltado para a industrialização começa a ser implantado no município no início da década de 50. Essa busca em aproximar-se da política estadual e nacional, em atrair indústrias para a região, aparece através de isenção de impostos para indústrias, doação de áreas de terra para o Estado, entre outras medidas, que buscavam atrelar os interesses econômicos de Nova Iguaçu, com a política econômica vigente no governo Federal.

É claro que Luiz Guimarães teve certo apoio do legislativo para impulsionar esta transição socioeconômica. O prefeito geriu seu mandato em conjunto com uma assembléia legislativa, composta por 6 vereadores da UDN, 5 PSD, 4 do PTB e 2 do PSP<sup>113</sup>. Porém, apesar da UDN que era o partido do prefeito, contar com maior bancada na câmara dos vereadores, ele era constantemente cobrado pelos mesmos, para ampliar

<sup>111</sup> Ata da Prefeitura Municipal de Nova Iguaçu. Ano 1951. Resolução nº 172. 31 de agosto de 1951.

<sup>112</sup> Ata da Prefeitura Municipal de Nova Iguaçu. Ano 1951. Resolução nº 188. 1 de Outubro de 1951.

<sup>113</sup> MATUS, Moduan. *História de Nova Iguaçu: Recortes de uma cronologia ilustrada de 510 anos*. Editora Traços e textos. Rio de Janeiro. 2018.

esta política urbanizadora e industrial, ficando enfraquecido politicamente, diante dos partidos tidos como oposição ao governo que eram o PSD e o PTB, que formavam juntos, bancada maior do que a da UDN, além de reivindicar através de requerimentos, uma ampliação da urbanização e de infraestrutura para suas localidades.

Além disso, o presidente da Câmara Municipal era Ary Schiavo do PSD<sup>114</sup>, partido tido como oposição à UDN, demonstrando a força desta oposição, mesmo durante o período que este partido esteve a frente do executivo municipal. Podemos observar nas atas da câmara dos vereadores uma série de projetos que visavam urbanizar o município, projeto estes que vão desde solicitação de limpeza de valas, onde as Atas demonstram: “Foi aprovado um requerimento do vereador Eurico Cortes solicitando ao prefeito, limpeza de vala, situada na Rua Ocidental, no Bairro Silvania”<sup>115</sup>. Havia requerimentos para colocação de manilhas visando melhorar o saneamento básico, onde aparecem nas atas; “Requerimento aprovado do vereador João Henrique da Silva, solicitando ao Prefeito colocar 6 manilhas na rua Silvio Rocha , esquina da Rua Aurea, em Belford Roxo”<sup>116</sup>, entre outros projetos e requerimentos que visavam ampliar a urbanização e a infraestrutura do município. Logo, essa composição da câmara dos vereadores, também contribuiu para a ampliação de políticas públicas voltadas para uma maior urbanização do município, até porque os dois partidos que juntos, compunham a maioria da câmara dos vereadores, eram ligados à política estabelecida pelo governo federal vigente na época, que era o de Getúlio Vargas.

Os próprios vereadores municipais da UDN, também eram partidários da idéia desenvolvimentista ligada a urbanização e industrialização. Nas atas da câmara dos vereadores, aparecem informações de algumas reuniões em que vereadores da UDN buscavam se aproximar de representantes industriais e comerciais dentro do município, como aparece em um dos requerimentos apresentados na câmara dos vereadores de Nova Iguaçu, no qual “O vereador Manuel Quaresma da UDN, solicita que seja oferecido ao senhor Fausto Ladeira, confratulações pela inauguração da nova agência do banco do comércio e indústria de Minas Gerais”<sup>117</sup>. Os vereadores da UDN também

<sup>114</sup> AZEREDO, Luiz; BARROS, Ney Alberto Gonçalves de. *Memória da câmara municipal de Nova Iguaçu*. Câmara dos vereadores do município de Nova Iguaçu. Rio de Janeiro. 2000.

<sup>115</sup> Ata da Câmara das reuniões da Câmara Municipal de Nova Iguaçu. Livro 04: 27/03/53 à 16/11/55. P.1.

<sup>116</sup> Ata da Câmara das reuniões da Câmara Municipal de Nova Iguaçu. Livro 04: 27/03/53 à 16/11/55. P. 3.

<sup>117</sup> Ata da Câmara das reuniões da Câmara Municipal de Nova Iguaçu. Livro 04: 27/03/53 à 16/11/55. P.7.



votam favoráveis a projetos que autorizam doação de áreas de terras do município de Nova Iguaçu, como demonstra nas Atas da câmara dos vereadores, “Foi a seguir posto em votação, em segunda discussão com parecer favorável, o projeto 232/53, do vereador Antônio Cunha UDN, que autoriza o executivo a permutar uma área de terra do patrimônio Municipal, por um imóvel, esse projeto foi aprovado”<sup>118</sup>. Isso demonstra como os representantes dos diversos partidos que compunham a câmara dos vereadores de Nova Iguaçu estavam predispostos a estabelecer uma política voltada para a urbanização e industrialização no município.

Observa-se que, o governo de Luiz Guimarães não representa o início da aproximação entre a política iguaçuana e o governo federal da época. Mas, o mandato de Luiz Guimarães representa de fato, o início de um novo processo de adequação do município de Nova Iguaçu, à uma política que estava sendo gradativamente estimulada pelo governo federal, e que com a crise do comércio de laranjas e a falta de perspectiva em relação a melhora econômica deste produto, levou o representante municipal em conjunto com os vereadores e parte da elite local, a estabelecerem métodos de incentivo à uma política de industrialização e urbanização dentro do município. Como resultado desta política, começam a surgir em Nova Iguaçu, importantes empresas que até os dias atuais estão em pleno funcionamento dentro do município, como a fábrica de canetas Compactor, instaurada no município em 1953<sup>119</sup>, a USIMECA, a fábrica de cereais Granfino, instaladas no município em 1951<sup>120</sup>, e a Forjas Brasileiras, que hoje opera no município de Queimados, mas na época, tal município era parte de Nova Iguaçu<sup>121</sup>. Todas essas empresas foram instaladas no município, durante o governo de Luiz Guimarães.

Além disso, o fluxo migratório para a região, fez com que já em 1951, Nova Iguaçu fosse o terceiro município mais populoso do Estado do Rio de Janeiro. Vale lembrar que, naquela época havia o Estado da Guanabara, onde hoje é a região central do Estado, e que era separado do Estado do Rio de Janeiro devido ao fato da Guanabara, ser a capital do Brasil<sup>122</sup>. Esse fluxo migratório, principalmente de nordestinos, fez com

---

<sup>118</sup> Ata da Câmara das reuniões da Câmara Municipal de Nova Iguaçu. Livro 04: 27/03/53 à 16/11/55. P.3

<sup>119</sup> MATUS, Moduan. *Histórias de Nova Iguaçu*: Recortes de uma cronologia ilustrada. Rio de Janeiro. Traço e texto. 2018

<sup>120</sup> MATUS. 2918.

<sup>121</sup> MATUS 2018.

<sup>122</sup> MATUS, Moduan. *Histórias de Nova Iguaçu*: Recortes de uma cronologia ilustrada. Rio de Janeiro. Traço e texto. 2018.

que um dos membros da câmara dos vereadores, chamado Manoel Quaresma da UDN, fizesse um apelo para se criar condições mais humanas para os nordestinos que migrassem para o Rio de Janeiro, onde demonstra nas atas: “Requerimento do vereador Manoel Quaresma de Oliveira no sentido de criar situações humanas para os Nordestinos que migram para o Rio”<sup>123</sup>. Isso demonstra como a década de 50 foi um período de intensa modificação no cenário urbano e populacional no município de Nova Iguaçu, que vinha atrelando-se cada vez mais com a política nacional-desenvolvimentista.

Em conjunto com projetos que visavam urbanizar e industrializar o município, ocorre na região um fluxo contínuo de crescimento demográfico. Esse fluxo de pessoas para o município intensifica-se a partir da década de 50, fazendo com que no início da década de 60, Nova Iguaçu fosse estampado na capa do jornal “Correio da Lavoura” com a manchete escrita, “Nova Iguassú, o Município que mais cresce no Brasil”<sup>124</sup>. Assim, através de uma análise histórica, percebemos que os políticos que substituíram Luiz Guimarães deram prosseguimento à política urbana e industrial no município, fazendo com que em 1968 Nova Iguaçu tornasse o município mais populoso do Estado do Rio de Janeiro e que o número de pessoas vivendo em área urbana dentro do município, fosse mais que o dobro em relação àquelas que viviam em áreas rurais<sup>125</sup>.

Como exemplo do processo de crescimento urbano, que Nova Iguaçu estabeleceu a partir do período de governo de Luiz Guimarães, temos os apontamentos do Censo de 1968. Demonstra-se que em 1968, 257.516 pessoas viviam na zona urbana do município de Nova Iguaçu, enquanto 101.848 pessoas viviam nas áreas rurais do município. Observa-se assim, que desde o ano de 1960, até o ano de 1968, a população urbana de Nova Iguaçu cresceu 231,1%<sup>126</sup>. Logo, podemos perceber que a política de incentivo à urbanização e industrialização do município, estabelecida por figuras de diferentes partidos atuantes na política iguaçuana, a partir da crise do comércio de laranjas, obteve resultados crescentes para a região, apontando números positivos de crescimento populacional e urbano, independente da ideologia partidária que tomava a frente da prefeitura do município. O governo de Luiz Guimarães representa o momento

<sup>123</sup> Ata das reuniões da Câmara Municipal de Nova Iguaçu. Livro 04: 27/03/53 à 16/11/55. P.21.

<sup>124</sup> CORREIO DA LAVOURA. Rio de Janeiro. Nº 2.271. 26 de Set. 1960.

<sup>125</sup> IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Nova Iguaçu*: Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 1970.

<sup>126</sup> IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Nova Iguaçu*: Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 1970.

em que personalidades políticas do município de Nova Iguaçu, buscam adequar-se ao processo nacional desenvolvimentista através da esfera econômica.

### **2.3. Ary Schiavo: a continuação do projeto urbano e industrial em Nova Iguaçu.**

Em janeiro de 1955, o município de Nova Iguaçu conheceu o seu mais novo representante do poder executivo, seu nome era Ary Schiavo. Foi, durante os anos anteriores ao seu mandato de prefeito, membro atuante na câmara dos vereadores do município e, ao contrário de seu antecessor Luiz Guimarães, Ary Schiavo era do PSD, partido convergente com as idéias de Getúlio Vargas e que foi o mesmo partido do presidente da República Juscelino Kubitschek, que assumiu a presidência no ano de 1956. Logo, estes dois representantes do poder executivo, atuaram no mesmo período respectivamente, cada um no seu campo, onde um exercia o mandato de prefeito em um município que buscava reerguer seu cenário econômico em crise, e o outro buscava ampliar a política econômica de Getúlio Vargas, estabelecendo novos parâmetros para incentivar e aumentar o processo industrial que o Brasil estava tomando naquela época.

Com Ary Schiavo no governo, Nova Iguaçu daria uma continuidade a política urbanizadora e industrial, como também estaria em congruência com a demanda desenvolvimentista estabelecida pelo presidente da época. A sua atuação na política iguaçuana, começa quando ele foi eleito vereador em 1947, conseguindo a reeleição em 1950. Além disso, ele atua como presidente da câmara dos vereadores do município durante o seu segundo mandato pelo partido PSD<sup>127</sup>. A trajetória política de Ary Schiavo demonstra que, mesmo com os governos da UDN sendo colocados na prefeitura de Nova Iguaçu, na câmara dos vereadores, os partidos que apoiavam a política nacional-desenvolvimentista de Vargas e Juscelino sempre estiveram presentes na vida pública iguaçuana.

Como presidente da câmara, durante o governo de Luiz Guimarães, Ary Schiavo viu o fortalecimento de seu partido na câmara dos vereadores. Enquanto o partido de situação da época que era a UDN, conquistou a maior bancada durante o governo de Luiz Guimarães, passava também por discordâncias internas, levando até ao abandono

<sup>127</sup> BATISTA, Allofs Daniel. *Onze prefeitos em onze anos: O campo político iguaçuano nas páginas do correio da Lavoura (1964 – 1975)*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2014.

do líder da bancada udenista, o vereador Jesus de Castro, devido a desacordos referentes a governabilidade do prefeito da época, e a falta de investimentos de Luiz Guimarães em certas regiões onde o eleitorado do vereador situava-se, como fica evidenciado na Ata da câmara dos vereadores.

Passou-se então a ordem do dia quando tomou a palavra o vereador Jesus de Castro Vieira que expõe um longo discurso de sua vida política desde seu ingresso na UDN e suas árduas lutas em favor daquela agremiação política; disse que apesar de sua dedicação e sacrifício, nenhuma obra pública foi realizada no Distrito de Belford Roxo, que representa, o que o levou a abandonar temporariamente a liderança da bancada... Disse finalmente que dado a esses fatos, resolveu aceitar a oferta do deputado Paranhos de Oliveira para ingressar no Partido Social Progressista o que fazia neste momento<sup>128</sup>.

Com a onda de discordâncias políticas e abandono de representantes oriundos do partido da oposição, entende-se que o PSD, que era atrelado ideologicamente com o presidente Vargas e Juscelino, esteve cada vez mais fortalecido, estabelecendo ainda mais sua demanda na política local, que por sua vez, estava atrelada ao projeto de urbanização e industrialização colocada em prática pelo governo Federal.

Estas demandas constantes oriundas por parte dos vereadores, que reivindicavam melhorias em seus bairros e por mais implantações de obras de infraestrutura no município, levaram o governo de Luiz Guimarães a ficar cada vez mais debilitado, causando ambiente propício para eleição de Ary Schiavo ao cargo de prefeito em 1955. Junto com sua eleição, cresce também o número de representantes do legislativo municipal, que compunham o partido de Ary Schiavo o PSD, partido este, que consegue a maior bancada, com nove representantes, seguido da UDN com cinco<sup>129</sup>. Seu mandato é marcado pela continuidade dos laços de proximidade com a política nacional desenvolvimentista, unindo ainda mais, o município de Nova Iguaçu, com a política vigente no cenário nacional, onde diversas questões referentes ao governo de Juscelino Kubitschek foram debatidas e apoiadas nas reuniões da câmara dos vereadores de Nova Iguaçu.

<sup>128</sup> Ata das reuniões da Câmara Municipal de Nova Iguaçu. Livro 04: 27/03/53 à 16/11/55. P. 18

<sup>129</sup> MATUS, Moduan. *Histórias de Nova Iguaçu*: Recortes de uma cronologia ilustrada. Rio de Janeiro.

A política urbanizadora e desenvolvimentista destaca-se no cenário político iguaçuano não apenas com a vitória de Ary Schiavo como prefeito, já que este era membro do mesmo partido do presidente da República. Ocorre também a vitória de sua base aliada na câmara dos vereadores, que era composta por representantes do PSD, e também do PTB. Estes partidos também buscavam reforçar os laços entre Nova Iguaçu e o poder executivo nacional, já que isso é exposto em ata, quando o vereador Byron Doré do PTB, ao ser reeleito presidente da câmara dos vereadores de Nova Iguaçu, faz um discurso apelando para que, “Nova Iguaçu se integrasse e ajudasse a campanha de renovação nacional imprimida pelo governo da República”<sup>130</sup>.

Nas avaliações das atas da câmara dos vereadores, podemos observar que essa maior aproximação política e ideológica, dos representantes políticos de Nova Iguaçu, com os representantes políticos que atuavam no Governo Federal, são expostas em vários momentos. As atas demonstram que, telegramas do presidente da República e do seu vice-presidente João Goulart, são enviados e lidos nas sessões da câmara dos vereadores de Nova Iguaçu, como fica evidente neste trecho da ata da câmara dos vereadores, “O expediente constou da leitura de ofícios do senhor prefeito Municipal número 26/55 e telegrama assinado por Juscelino Kubitschek, o presidente da República eleito”<sup>131</sup>. Assim, como foram enviados também, telegramas do general Henrique Teixeira Lott, que foi um dos leais defensores da democracia no episódio em que tentaram barrar a posse de Juscelino Kubitschek, quando este foi eleito presidente da República, como aparece nas atas da câmara dos vereadores “O expediente constou da leitura de dois telegramas, um assinado pelo General Henrique Teixeira Lott, e outro da Federação Fluminense de Desportos”<sup>132</sup>. Logo, percebe-se que Nova Iguaçu durante este período não esteve isolado, pelo contrário, os representantes políticos do município estiveram constantemente em contato com os governantes nacionais da época.

Porém, não é apenas por troca de homenagens e telegramas que estabeleceu-se o processo de aproximação, entre políticos de Nova Iguaçu e os representantes da política nacional. Ocorre também a visita do presidente Juscelino, a festa da laranja e mais tarde, o mesmo visita o município, quando é inaugurada a indústria Bayer<sup>133</sup>. Isto demonstra

<sup>130</sup> Ata das reuniões da Câmara Municipal de Nova Iguaçu. Livro 05: : 18/11/55 à 08/11/57. P. 15.

<sup>131</sup> Ata das reuniões da Câmara Municipal de Nova Iguaçu. Livro 05. 18/11/55 à 08/11/57. P. 6.

<sup>132</sup> Ata das reuniões da Câmara Municipal de Nova Iguaçu. Livro 05. 18/11/55 à 08/11/57. P. 3.

<sup>133</sup> MATUS, Moduan. *Histórias de Nova Iguaçu*: Recortes de uma cronologia ilustrada. Rio de Janeiro.

uma notoriedade que Nova Iguaçu vinha conquistando e também os novos modelos econômicos que o município traçava durante o governo de Kubitschek.

Logo, durante o governo de Ary Schiavo e de Juscelino Kubitschek, os representantes do legislativo iguaçuano buscavam aproximar-se cada vez mais do governo federal. Assim, muitos requerimentos foram redigidos, buscando estabelecer relações diretas entre estes representantes políticos, demonstrando como houve neste período, uma intensificação dos vínculos entre estes atores políticos que, atuavam em esferas diferentes, mas obtinham pontos ideológicos em comum. Estes dois governos demonstram que, além de indivíduos inseridos na vida política de Nova Iguaçu, estarem de acordo com o Governo Federal, desde a revolução de 30 e a gestão de Vargas; foi durante a década de 50 que, procurou-se conciliar, em comum acordo, os rumos que a economia iguaçuana estabeleceria de acordo com a política econômica em voga na esfera nacional.

A aproximação entre os representantes políticos iguaçuanos, com sujeitos que exerciam cargos de importância na política federal, fez com que Nova Iguaçu angariasse alguns benefícios, que vieram junto com a administração de Kubitschek. Durante este período, houve uma iniciativa do presidente em buscar durante seu mandato, estabelecer uma política urbanizadora e industrial que favorecesse a entrada de capital estrangeiro e a vinda de empresas multinacionais para o país, como podemos perceber através da análise de Sonia Mendonça.

Assim, a segunda característica da industrialização brasileira no pós 50 foi o fato de as indústrias de bens duráveis de consumo serem de propriedade do capital estrangeiro, isto é, empresas multinacionais diretamente instaladas no país. Tal foi o caso, sobretudo das grandes montadoras, como a Volkswagen, a Mercedes Benz, a General Motors, a Ford e outras que aqui vieram estabelecer-se com o apoio do Estado.<sup>134</sup>

Este trecho, extraído do livro de Sonia Mendonça, demonstra que o plano econômico, posto em prática por Juscelino para o Brasil, visou atrair indústrias de diversas partes do mundo que investiriam no Brasil e que para isso, seria necessário encontrar aqui uma infraestrutura propícia, mercado consumidor para seus produtos e mão-de-obra necessária para sua instalação no Brasil. Portanto, neste mesmo período, o município de Nova Iguaçu começa a buscar estruturar-se ao máximo, visando preencher esta demanda colocada em prática pelo Governo Federal da época.

<sup>134</sup> MENDONÇA, Sonia. *A industrialização brasileira*. São Paulo. Editora Moderna. P. 56.

Este modelo político e econômico que se reflete no município de Nova Iguaçu, através da implantação de indústrias como a Bayer, que apesar de não ser inaugurada durante o mandato de Ary Schiavo, teve o acordo de que a empresa seria firmada no município de Nova Iguaçu no ano de 1956. Esta notícia foi recebida com euforia pela câmara dos vereadores de Nova Iguaçu, onde através das atas, encontramos evidências desta euforia no qual diz o vereador Dionísio Bassi, “Falou então o vereador Dionísio Bassi, que comunicou à casa sua satisfação em saber que seria instalada em Nova Iguaçu indústria química da Cia. Bayer, o que viria enriquecer o parque industrial do Município”<sup>135</sup>. Isso demonstra a forma como, neste período, os representantes políticos de Nova Iguaçu já estavam imbuídos com a idéia de urbanização e industrialização que era incentivada pelo Governo Federal da época.

Portanto, a administração de Ary Schiavo, ficou marcada como um governo pautado na urbanização e industrialização do município. Neste processo de modificações das estruturas econômicas e sociais de Nova Iguaçu, o prefeito obteve certo sucesso, pois na sua gestão, o município passou a ser considerado o município mais progressista do Brasil, tendo elevado sua urbanização e sua infraestrutura, sendo matéria principal do jornal “A Noite” no dia 8 de fevereiro de 1957, onde o jornal faz um balanço dos dois anos de administração do governo de Ary Schiavo, relatando algumas características do município da época, como está exposto abaixo

Fomos visitar o município de Nova Iguaçu em virtude do seu propagado progresso cultural, social, comercial, agrícola e industrial. Ouvimos o homem do povo e sentimos que o Senhor Ary Schiavo, à testa da administração municipal como seu prefeito eleito, está correspondendo plenamente à confiança que lhe foi depositada pelos eleitores<sup>136</sup>.

O jornal continua sua matéria sobre o município, apontando “Nova Iguaçu como um município de grande futuro”<sup>137</sup>. Isso demonstra o caráter progressista e desenvolvimentista com que Nova Iguaçu passa a ser caracterizada, e principalmente como a administração de Ary Schiavo, leva adiante essas características, fazendo com que isso fosse reconhecido publicamente, a partir de reportagens como esta do jornal “A noite”.

<sup>135</sup> Ata das reuniões da Câmara Municipal de Nova Iguaçu. Livro 05. 18/11/55 à 08/11/57. P. 18.

<sup>136</sup> A NOITE. Rio de Janeiro. 8 de fev.1957.

<sup>137</sup> A NOITE. Rio de Janeiro. 8 de fev.1957.

O governo de Ary Schiavo foi de profunda importância para o fortalecimento das relações entre os representantes políticos do município de Nova Iguaçu, com os representantes governamentais das esferas estaduais e federais. Esta proximidade que já existia desde o início do governo Vargas, não foi apenas levada adiante por Ary Schiavo, mas também foi aprofundada. O modelo político que começa a ser posto em prática pelo governo federal, que estrutura-se em uma campanha de industrialização nacional, visando atrair multinacionais, passando também a ganhar forças também no município de Nova Iguaçu.

A crise do comércio de laranjas faz com, que os sujeitos atuantes no cenário político e econômico do município, visem se estruturar para participar do novo cenário econômico vigente na época. Gradativamente, o município vai modificando as suas estruturas a partir de ações de indivíduos ligados ao cenário político, para estabilizar-se economicamente e reestruturar-se como um município que antes obtinha grande notoriedade, durante a década de 50 do século XX. Estas ações são tomadas, em um momento histórico que a crise da agricultura iguaçuana não conseguia ser contida, fazendo com que os sujeitos atuantes do município se juntassem ao modelo econômico pautado na industrialização e urbanização, para retomar o crescimento de Nova Iguaçu e seu reconhecimento como um importante município do Estado do Rio de Janeiro.

#### **2.4. A elite iguaçuana: o processo de adaptação à mudança política em 1930.**

Este trecho do capítulo irá demonstrar como os indivíduos que eram os principais representantes da elite econômica iguaçuana, relacionaram-se com a política administrativa de Getúlio Vargas desde sua instauração em 1930. É bom frisarmos que, esta elite era majoritariamente representada por donos de chácaras que plantavam e comercializavam as laranjas produzidas no município, que teve seu crescimento a partir de meados da década de vinte do século XX<sup>138</sup>. Essa proximidade de interesses entre os representantes da fruticultura de Nova Iguaçu e os representantes da política nacional, teve um tímido início, ainda durante a década de vinte e manteve, mesmo com a saída dos governos tidos como oligárquicos de São Paulo e a ascensão política de Getúlio Vargas.

<sup>138</sup>PEREIRA, Waldick. *Cana, café e laranja*: História econômica de Nova Iguaçu. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro. 1977.



O cultivo e o comércio de laranjas geraram em Nova Iguaçu, um elevado incentivo na agricultura local, sendo este o principal sustentáculo da economia municipal durante toda a década de 30. Essa base agrícola fez com que surgisse uma elite, que passa a buscar apoio em representantes do executivo federal, para incentivar as exportações e melhorar a produtividade em seus laranjais. Essa busca de incentivos oriundos do Governo Federal, era feita pelos fruticultores iguaçuanos, desde o período da República Velha.

A ascensão do comércio das laranjas de Nova Iguaçu, também trás para o município uma visibilidade na agricultura municipal, que inicia-se na década de vinte, pelas elites políticas nacionais. Isso é demonstrado no livro de Waldick Pereira, especificando o episódio em que os empreendedores dos laranjais receberam destaque da política nacional, acarretando até na visita do presidente da República Washington Luís em 1929.

A visita do presidente Washington Luís, em 1929, e sua comitiva cercou-se de ruidosa festividade e serviu para consolidar o prestígio de uma nova elite social de Iguaçu – “os laranjeiros”. Deve-se a associação dos fruticultores de Iguaçu, considerável parcela de contribuição na formação econômica do ciclo da laranja. Repetidas vezes seu presidente se dirigia às autoridades reivindicando, sugerindo, apelando, criticando e acusando sempre que os interesses municipais eram sacrificados na problemática da citricultura.<sup>139</sup>

Com isso, percebemos que já havia uma demanda da elite local iguaçuana, por maior incentivo para a produtividade das laranjas no município. Essa elite estava desde a década de vinte, estabelecendo uma aproximação com representantes políticos em escala federal, para que a produtividade do principal produto que regia a economia do município fosse continuada e também ampliada.

Contudo, ocorre em 1930, uma mudança no cenário político nacional que coloca Getúlio Vargas na presidência da República. Os representantes políticos de Nova Iguaçu adequaram-se rapidamente a revolução de 30 e também inseriram-se na política estabelecida a partir desta década, mantendo os laços de proximidade que o município já detinha junto aos representantes da política nacional. Enquanto os representantes da elite econômica iguaçuana, também buscaram adequar-se a nova política nacional representada pela figura de Vargas.

---

<sup>139</sup> PEREIRA. 1977. P. 131.

Esta elite vai dar continuidade a sua campanha de aproximação com o representante do executivo nacional, no intuito de que o executivo atendesse seus interesses. Isso também é demonstrado no livro de Waldick Pereira, que narra a visita de Getúlio Vargas ao município, a pedido de representantes da associação dos fruticultores de Nova Iguaçu:

Ainda há quem afirme que Getúlio Vargas veio em 1931, a convite de determinados líderes políticos iguaçuanos, o que não é verdade. Foi a diretoria da Associação dos Fruticultores de Iguaçu que, em repetidos apelos ao governo estadual, ao Ministério da Agricultura e, por fim, à Presidência da República, no interesse de resolver problemas atinentes à citricultura, conseguiu a vinda de Getúlio Vargas. Imediatamente, a política municipal viu a possibilidade de se apresentar como anfitriã de tão ilustre visitante, apressando inaugurações de obras públicas, cuidando do protocolo da recepção, melhorando o aspecto de certas ruas e se esmerando em discursos e homenagens.<sup>140</sup>

Este trecho, extraído do livro de Waldick Pereira, demonstra que a principal elite iguaçuana que representava os interesses dos fruticultores, também se aproximou-se da figura de Vargas, conseguindo até a visita do presidente da República ao município no mês de junho de 1931.

Ao estabelecermos uma análise nas relações entre os representantes da elite econômica local de Nova Iguaçu e a presidência da República recém instaurada, podemos perceber, no entanto, que a política econômica de Getúlio Vargas, não ataca a hegemonia agrícola da elite nacional, ao contrário, busca aproximar-se delas. Em uma análise mais ampla da política de Vargas, entende-se que foram as circunstâncias diversas, que levaram a crise econômica, atingindo a exportação do café brasileiro; afetando profundamente os lucros dessa elite a partir de finais da década de 20 do século XX. Essa crise, que ficou conhecida como crise de 29, acaba fazendo com que a política econômica de Getúlio, visasse transformar as bases estruturais da economia nacional.

Em Nova Iguaçu não foi diferente, durante a década de 30 ocorre o apogeu da citricultura iguaçuana. O município passa a se estruturar ainda mais, visando ampliar a produtividade do comércio de laranjas. Assim, ações são tomadas neste intuito, e a aproximação da elite produtora de laranjas com o governo federal, culmina com a ampliação da produtividade das laranjas do município, criando as chamadas “Packing

---

<sup>140</sup> PEREIRA. P. 136.

Houses”, que eram locais que possuíam estruturas propícias para melhorar o tratamento e a comercialização das laranjas cultivadas e extraídas no município, lá ocorriam também a fabricação de caixas, o transporte, o tratamento das frutas e outros requisitos. Outro quesito ocorrido em paralelo a ascensão dos laranjais em Nova Iguaçu, foi o vertiginoso crescimento demográfico que o município obteve, com o sucesso do plantio e do comércio de laranjas, passando de pouco mais de 30.000 na década de 20, para mais 135.000 na década de 40 do século vinte<sup>141</sup>. O que demonstra como o período de apogeu dos laranjais, trouxe uma elevada taxa de crescimento e infraestrutura para o município durante seu período de progresso.

Com o declínio dos laranjais a partir da década de 40, a elite agrícola iguaçuana, teve que adequar-se de outra forma ao cenário econômico em voga durante o período em que os mesmos se situavam. Alguns foram embora do município loteando suas chácaras e migrando para outras regiões do país. Enquanto outros mantiveram-se no município e buscaram modificar sua base econômica, adaptando-se a nova era em que o governo federal já havia dado os primeiros passos no intuito de impulsionar a economia do país, a industrialização. Estes sujeitos que ficaram no município, tiveram que estabelecer meandros de adaptar-se a um novo cenário econômico em que a agricultura não lhes garantia mais lucros.

Como exemplo de sujeitos que migraram para uma base econômica da agricultura para a industrialização, temos Sebastião Herculano de Mattos. Ele foi o fundador e presidente do sindicato agrícola de Nova Iguaçu em 1923 como afirma Waldick Pereira neste trecho de seu livro.

Sebastião Herculano de Mattos sabia o que afirmava, farmacêutico de profissão, fora ele um elemento de destaque na constituição do ciclo econômico da laranja em Iguaçu, fundador e presidente do Sindicato Agrícola de Iguaçu em 1923, entre outras agremiações scioeconômicas<sup>142</sup>.

Sebastião Herculano foi figura importante na aproximação entre os representantes da elite iguaçuana e os representantes da política federal, buscando apoio de políticos desde Washington Luís até Getúlio Vargas. Com isso, através das atas da ACINI (associação Comercial e Industrial de Nova Iguaçu), percebe-se que Sebastião Herculano passa de presidente do sindicato agrícola de Nova Iguaçu para vice-

<sup>141</sup> RODRIGUES, Adrianno Oliveira. *De Maxabomba a Nova Iguaçu (1833-90's): Economia e território em processo*. Rio de Janeiro: Dissertação de mestrado UFRJ. 2006. P. 41.

<sup>142</sup> PEREIRA. 1977. P. 123.

presidente da Associação comercial e industrial do mesmo município, onde no livro da Associação encontra-se escrito: “Na presidência ficou Antônio Pinheiro Guimarães Victory, e na vice-presidência ficou Sebastião Herculano de Mattos, João Alves da Costa e José Augusto de Mattos”<sup>143</sup>. A crise dos laranjais, não apartou Sebastião Herculano da vida econômica do município onde, devido à intensa crise que a agricultura do município atravessava, fez com que este se adaptasse à nova demanda em que o presidente Vargas buscava estimular os rumos econômicos do Brasil, incentivando a industrialização.

Através destas análises, presenciemos que figuras importantes do município como Sebastião Herculano de Mattos, prosseguiram na tentativa de manter-se ativo dentro do cenário político e social iguaçuano. Eles se adaptaram a um novo período em que o Brasil estava vivenciando, adaptando-se a uma troca no cenário econômico que, ia da agricultura para a industrialização. Indivíduos ligados à agricultura, também mantiveram seus laços com a nova trajetória política em voga no cenário federal da época, demonstrando que a proximidade de indivíduos ligados ao setor agrário de Nova Iguaçu, com o governo federal representado pela figura de Getúlio Vargas, não ficou restrito somente ao campo político. A elite agrária do município, de certa forma, também adaptou-se a essa nova fase, fazendo com que o município de Nova Iguaçu fosse representado por seus atores políticos e figuras importantes de sua sociedade, que empenharam-se na mudança de rumos que este município enfrentou a partir de finais da década de 40 e início da década de 50 do século XX.

Através do estudo das classes econômicas mais abastadas do município de Nova Iguaçu, percebemos que a política implantada por Getúlio Vargas no Brasil, não representou a quebra dos laços entre a política econômica nacional com os oligarcas, ao menos em um período mais imediato. Pois, percebemos que Getúlio Vargas, ao assumir a presidência da República, não mexeu nem atacou certas estruturas agrícolas que vigoravam em municípios como o de Nova Iguaçu. Getúlio, ao contrário de tentar implantar medidas de enfraquecimento do plantio e do comércio de laranjas, para aplicar uma política de industrialização no município, em certa medida, buscou estabelecer métodos de auxiliar os donos das chácaras e ampliar a produtividade destes produtos.

<sup>143</sup> ASSOCIAÇÃO Comercial e Industrial de Nova Iguaçu. *ACINI: Uma história de lutas, 50 anos*. Edição da Associação Comercial e Industrial de Nova Iguaçu. Rio de Janeiro.

É certo que, ao mesmo tempo, Getúlio Vargas também vai aos poucos incentivar a vinda de indústrias para região. Como exemplo, temos a instalação da Fábrica Nacional de Motores no município em 1942, que se estabelece como a primeira fábrica Estatal colocada no município ainda durante o apogeu da citricultura local. Porém, são as próprias condições de quebra na comercialização e mais tarde, a dificuldade no cultivo das laranjas iguaçuanas, que fizeram com que a fruticultura da região entrasse em decadência. Logo, a crise econômica provocou prejuízos para a elite iguaçuana e fez com que a mesma acabasse buscando adaptar-se aos interesses políticos e econômicos pautados pela política do governo federal, e embarcasse nas novas perspectivas econômicas pautadas na industrialização.

## **2.5. A importância dos indivíduos no processo de mudanças numa sociedade.**

Este capítulo procurou demonstrar como os indivíduos ligados a importantes cargos políticos e econômicos de Nova Iguaçu, relacionaram-se com a mudança política e administrativa implantada em escala nacional, a partir da entrada de Getúlio Vargas na presidência da República em 1930. Percebemos, através da análise das fontes, que houve uma adaptação da elite iguaçuana, à nova política implantada no cenário nacional a partir de 1930, e que este processo de aproximação entre esses sujeitos de diferentes campos, ocorreu rapidamente no município e manteve-se mesmo durante a alternância presidencial em 1956, quando Juscelino Kubitschek assumiu o cargo de chefe do poder executivo nacional. Demonstra-se assim, que este processo de aproximação manteve-se, mas foi aos poucos sendo colocado na vida cotidiana do município, aparecendo primeiro através de ligações entre os sujeitos atuantes na política, para depois se estabelecer uma aproximação da estrutura econômica.

Na esfera política, sabe-se que o último prefeito eleito antes da revolução de 1930 foi o ex-vereador, Alberto Soares de Souza e Mello, que também era filho de Bernardino de Souza e Mello, figura de destaque no cenário político e econômico de Nova Iguaçu. Além de dono da fazenda “São Bernardino”, o mesmo exercia importantes cargos políticos atuando como presidente da câmara dos vereadores nos anos de 1909 até 1912<sup>144</sup>. Alberto Soares de Souza e Mello que foi eleito prefeito em

<sup>144</sup> AZEREDO, Luiz; BARROS, Ney Alberto Gonçalves de. *Memória da câmara municipal de Nova Iguaçu*. Câmara dos vereadores do município de Nova Iguaçu. Rio de Janeiro. 2000.

1929 e afastado do seu cargo com a implantação da revolução de trinta, acaba exercendo pouca relevância no município, após a sua retirada do cargo. Com isso, pouco se sabe das medidas opositoras tomadas por ele e seus partidários para impedir seu afastamento e manter-se no cargo no qual havia sido eleito, ou barrar o avanço da influência varguista no município, sendo tais medidas, caso tenham ocorrido de fato, ainda pouco estudadas por pesquisadores que debruçaram-se sobre a história do município de Nova Iguaçu.

O afastamento do prefeito Alberto Soares de Souza, faz com que Getúlio de Moura assumo o cargo de prefeito e logo depois, Sebastião de Arruda Negreiros, seja nomeado interventor do município. Inicia-se assim, o elo político entre indivíduos que obtinham importantes cargos na administração de Nova Iguaçu e setores políticos ligados a Getúlio Vargas em âmbito nacional. Este processo de ligação demonstrou como a política nacional-desenvolvimentista, foi bem aceita pela sociedade civil iguaçuana da época.

No campo econômico, percebemos que representantes da fruticultura do município que haviam conquistado elevadas taxas de arrecadação com o plantio e o comércio de laranjas, buscaram atrair investimentos oriundos do poder executivo, independente da vertente político partidária estabelecida em âmbito nacional. Pois os representantes do sindicato dos fruticultores haviam se aproximado do presidente Washington Luís em busca de fundos e benefícios para sua área de atuação econômica e depois, com a subida de Vargas ao cargo de presidente da República, os mesmos representantes dos fruticultores buscaram aproximar-se do então presidente no intuito de angariar benefícios para seu produto. Assim, percebe-se que os representantes da citricultura local estavam em busca de auxílio estatal, independente da vertente política que esteve no poder.

Nota-se, no entanto, que a aproximação entre sujeitos em cargos de importância política e econômica no município de Nova Iguaçu com indivíduos atuantes na política nacional aprofunda-se ainda mais com a revolução de 30. Esta aproximação manterá as estruturas econômicas do município, ainda agrária e produtora de laranjas. Isso vigorou durante boa parte do governo Vargas que não interveio de fato nas estruturas econômicas que obtinham grande relevância no município naquele período, criando uma elite de fruticultores que ligaram-se a estrutura governamental implantada por Getúlio Vargas.

A partir da década de 40, e principalmente na década de 50, essa estrutura agrária acaba sofrendo grandes déficits, o que não separa os laços instaurados entre atores políticos e econômicos presentes no município com representantes políticos atuantes em esfera federal. No campo político, a busca de inserir o município nas estruturas urbanas e industriais iniciada no governo Vargas é continuada durante a administração de Juscelino Kubitschek. Essa crise das estruturas agrárias, fez com que vereadores e prefeitos de Nova Iguaçu buscassem estabelecer medidas e aprovar projetos com o intuito de urbanizar o município e atrair indústrias e investimentos para a região. Já na esfera econômica, alguns produtores de laranja buscaram driblar a crise agrícola aproximando-se da nova onda industrializante em voga na política nacional, onde a atração de indústrias para o município geraria uma nova classe de capitalistas industriais.

O município de Nova Iguaçu, já havia através de seus representantes, estabelecido certo grau de proximidade com os novos representantes políticos que governaram o país após a revolução de 30. Porém, o sucesso econômico das plantações de laranjas, fez com que fosse mantido a característica agrária do município, onde a fruticultura era seu principal produto. A crise dos laranjais, em meados da década de 40 e início da década de 50 do século XX, fez com que os indivíduos ligados a setores políticos e econômicos em Nova Iguaçu, buscassem se inserir de vez, na política nacional-desenvolvimentista, traçando um novo rumo para o município, onde o incentivo à industrialização seria algo de total importância. Logo, a industrialização no município de Nova Iguaçu, deve-se muito a este processo de aproximação que importantes indivíduos ligados a setores políticos e econômicos, estabeleceram com a política de Vargas, desde a década de 30 e mantiveram essa relação de proximidade, durante o governo de Juscelino Kubitschek.

**Tabela com os prefeitos de Nova Iguaçu de 1929 à 1963<sup>145</sup>**

<b>PREFEITO</b>	<b>ANO DE MANDATO</b>
Alberto Soares de Souza e Melo	1929
Getúlio de Moura	Dezembro de 1930 (Governo Provisório afastado logo em seguida pelo governo

<sup>145</sup> MATUS, Moduan. *História de Nova Iguaçu*: Recortes de uma cronologia ilustrada de 510 anos. Rio de Janeiro. Traço e texto. 2018.

	Federal)
Sebastião de Arruda Negreiros	Dezembro de 1930 – Agosto 1936
Ricardo Xavier da Silveira	Agosto de 1936 - Março 1943
Bento Santos de Almeida	Março de 1943 – Fevereiro de 1945
Getúlio Barbosa de Moura	Março de 1945 – Novembro de 1945
Manoel Augusto da Silva	Novembro de 1945 – Abril de 1947
Humberto Berutti Augusto Moreira	Abril de 1947 – Outubro de 1947
Sebastião de Arruda Negreiros	Outubro de 1947 – Janeiro de 1951
Luís Guimarães	Janeiro de 1951 – Janeiro de 1955
Ary Schiavo	Janeiro de 1955 – Janeiro de 1959
Sebastião de Arruda Negreiros	Janeiro de 1959 – Janeiro de 1963



### **Capítulo 3: O processo industrial em Nova Iguaçu.**

Neste capítulo, iremos estudar os resultados desenvolvidos pela aproximação de sujeitos que, exerciam cargos de importância econômica e administrativa em Nova Iguaçu, com a política nacional desenvolvimentista do Governo Federal, para gerar as mudanças estruturais ocorridas na década de 50, culminando com a implantação de indústrias no município. Será avaliada a importância dada por agentes políticos como os prefeitos, já mencionados no capítulo anterior e os representantes do legislativo da câmara dos vereadores, ao projeto de industrialização do município. Demonstraremos através de estudos e análises de fontes, quais foram as ações tomadas por esses indivíduos, e os resultados dessa modificação, mesmo que gradativa, da economia do município de Nova Iguaçu, durante a década de 50 e 60, onde ocorre a mudança de uma economia majoritariamente agrária, para uma economia empenhada cada vez mais na urbanização e industrialização.

No capítulo anterior, vimos como os grupos de indivíduos que exerciam cargos importantes na esfera política e econômica do município de Nova Iguaçu, passaram a se aproximar da política de Getúlio Vargas, que esteve vigente no governo federal a partir da década de 30. Essa aproximação irá causar certa renovação no cenário político iguaçuano, porém manteve-se, em um primeiro momento, as estruturas econômicas que sustentavam a elite local do município, que era a agricultura baseada no plantio e comércio de laranjas para a exportação. Essa aproximação no campo político serviu para integrar Nova Iguaçu ideologicamente, ao projeto nacional-desenvolvimentista, mesmo que durante boa parte da década de 40, o município mantivesse sua economia pautada na agricultura.

A aliança que vigorou entre representantes do município de Nova Iguaçu e o Governo Federal, após a década de 30, acaba agrupando certos representantes políticos locais, na linha ideológica presente no governo nacional instaurado por Vargas. Trouxe também para o município, certa visibilidade oriunda do Governo Federal, algo que como vimos também no capítulo anterior, agradou a elite local que já tentava apoio federal desde a década de 20. Demonstrando que, o processo de aproximação de sujeitos atuantes no município de Nova Iguaçu com o governo Federal deu-se no campo político e econômico.

Esta aproximação manteve-se com os governos federais posteriores, fazendo com que a elite política de Nova Iguaçu continuasse estabelecendo laços de proximidade também, com o governo de Juscelino Kubitschek. Os governos federais que estabeleceram-se após a era Vargas, mantiveram uma política econômica mais voltada para a industrialização do Brasil, mesmo que este projeto tenha sido iniciado por Vargas. Porém, diferente de Vargas, que buscava uma industrialização voltada para empresas nacionais e estatais, com Juscelino havia o incentivo a vinda de indústrias estrangeiras, para alavancar o parque industrial no Brasil<sup>146</sup>.

É durante esse período que ocorre a crise dos laranjais em Nova Iguaçu, onde o município depara-se com uma imensa defasagem no seu principal produto de exportação, fazendo com que seja necessária certa modificação em sua estrutura social e econômica. Esta crise ocorre no final dos anos 40, porém, é na década de 50 que os indivíduos ligados a importantes cargos políticos e econômicos, começaram a estabelecer métodos de tentar combater a crise no setor. Com o acirramento da crise e com a política nacional desenvolvimentista sendo incentivada pelo Governo Federal, Nova Iguaçu se tornaria um local ideal para o estabelecimento de indústrias em sua localidade.

Os métodos estabelecidos por indivíduos dentro do município, no intuito de atrair as indústrias é algo bastante importante para ser estudado, pois, as mudanças dos rumos econômicos de uma determinada sociedade não ocorrem da noite para o dia, é preciso que ações de determinados grupos de indivíduos ocorram, para que haja certo incentivo à vinda de indústrias para região. É de total relevância que estes sujeitos estejam de acordo com as mudanças nos rumos da economia local, em conjunto com a opinião pública da população que compunha a localidade, para estabelecer métodos e ações que auxiliem na transição das estruturas econômicas no município. Isso demonstra que a partir das ações destes sujeitos, que o parque industrial de Nova Iguaçu foi desenvolvendo-se, por isso, buscará explicar como a partir da década de 50, desenvolve-se entre os atores sociais do município de Nova Iguaçu, a idéia de transição da economia e da sociedade iguaçuana, incentivando uma política voltada para a urbanização local, junto com um aumento populacional, industrial e econômico.

<sup>146</sup> MENDONÇA, Sônia. *A industrialização brasileira*. São Paulo. Editora moderna. 1995.

### 3.1. Década de 30 e 40: A renovação política

Como já vimos anteriormente, a década de 30, representa um período de renovação no cenário político nacional, quando instaura-se a revolução que coloca Getúlio Vargas no poder. Esta renovação política atinge também o município de Nova Iguaçu, que modifica seus representantes tanto na esfera legislativa, quanto no poder executivo, onde o cargo de prefeito, que antes pertencia a Alberto Soares de Souza e Mello, passa para Getúlio de Moura e pouco depois, para Arruda Negreiros. Logo, a revolução de 30 modifica as estruturas políticas do poder executivo iguaçuano ainda em seu primeiro momento, demonstrando a integração que ocorreu no município ao processo de renovação política vivida em território nacional.

No campo legislativo, a política também foi substituída em Nova Iguaçu após a instauração da revolução de 30. O cenário político do município, que na década de vinte era representado em sua maioria, por membros da elite local ou indivíduos ligados a ela, passam a ser substituídos por outros indivíduos ligados a outros setores da sociedade, conforme observamos no quadro abaixo de vereadores municipais, onde essa diferença entre os representantes do legislativo iguaçuano fica mais especificada.

#### **Vereadores (1924 – 1927) – Presidente da câmara – João Telles Bittencourt<sup>147</sup>**

Cap. Gaspar José Soares
Cap. Mario de Moura Almeida
Coronel João Telles Bittencourt
Coronel Peregrino Esteves de Azevedo
Dr. Américo Vespúcio de Barros Souza e Mello
João Castro Vieira

<sup>147</sup> AZEREDO, Luiz; BARROS, Ney Alberto Gonçalves de. *Memória da câmara municipal de Nova Iguaçu*. Câmara dos vereadores do município de Nova Iguaçu. Rio de Janeiro. 2000.

José Antônio Martins
Major Izaac Manoel da Câmara
Manoel da Costa Pereira.

**Vereadores (1927 – 1929) – Presidente da câmara – Peregrino Esteves de Azevedo**

Cap. Gaspar José Soares
Cap. Innocencio dos Santos
Cap. Mario de Moura Almeida
Coronel Peregrino Esteves de Azevedo
Dr. Américo Vespúcio de Barros Souza e Mello
Dr. João Barbosa Ribeiro
João de Castro Vieira
José Antônio Martins Porto
Major Izaac Manoel da Câmara
Manoel da Costa Pereira.

**Vereadores (1936 – 1939) – Presidente da câmara – Getúlio Barbosa de Moura**

Alberto Soares de Souza e Mello
Antônio Gonçalves Ferreira Neto
Carlos Hor-Meyll Fraga
Christovam Correa Berberêa
Getúlio Barbosa de Moura
João de Moraes Cardoso Júnior

José dos Campos Manhães
Luiz José da Hora
Miguel Jaskú
Murilo Augusto Esteves da Costa
Natalício Tenório Cavalcante de Albuquerque
Pantaleão Rinaldi
Sebastião Herculano de Mattos
Thomas Joaquim da Fonseca <sup>148</sup>

Logo, podemos observar que antes de 1930, a política de Nova Iguaçu era representada majoritariamente, por figuras mais ligadas à elite agrícola local, tendo entre seus representantes, figuras que obtinham cargos de capitães, coronéis e doutores ou, indivíduos que obtinham certo grau de proximidade a elite agrícola de Nova Iguaçu<sup>149</sup>.

A instauração da revolução de 30 e o sucesso na adesão desta revolução por indivíduos que simpatizavam com ela em Nova Iguaçu, passam a abrir margens para a entrada de figuras ligadas a setores populares, da camada mais pobre da população. Assim, começam a aparecer pessoas como Natalício Tenório Cavalcante de Albuquerque<sup>150</sup>, e até mesmo, o próprio Getúlio Barbosa de Moura, que não possuíam

<sup>148</sup> AZEREDO, Luiz; BARROS, Ney Alberto Gonçalves de. *Memória da câmara municipal de Nova Iguaçu*. Câmara dos vereadores do município de Nova Iguaçu. Rio de Janeiro. 2000. P. 40 – 41.

<sup>149</sup> AZEREDO, Luiz; BARROS, Ney Alberto Gonçalves de. 2000.

<sup>150</sup> Importante político da Baixada Fluminense. De origem humilde, Natalício Tenório Cavalcante foi um Alagoano que migrou para o Rio de Janeiro no ano de 1926, onde trabalhou em diversas funções, até envolver-se com fazendeiros da região que hoje é o município de Duque de Caxias, (Na época, pertencente à Nova Iguaçu), se tornando um pistoleiro na região e sendo detido algumas vezes. Tenório foi adquirindo terras pouco valorizadas, fadadas a valorizar-se quando se concluíse as obras de saneamento da Baixada Fluminense. Natalício Tenório Cavalcante entra na política pelas mãos de Getúlio de Moura, elegendo-se vereador em 1936, porém manteve oposição ao governo Estadual e também ao governo de Getúlio Vargas. Tenório Cavalcante teve uma crescente participação política na Baixada Fluminense, onde consegue eleger-se deputado Estadual no ano de 1947 e deputado Federal em 1950 pela UDN, partido de oposição à Vargas. Seu mandato é marcado por diversos conflitos armados entre ele e integrantes do governo de Getúlio. Tenório também funda um jornal “Luta democrática em 1954”, onde atacava o governo de Vargas e seus simpatizantes, sendo no início aliado de Carlos Lacerda, principal opositor do governo Federal. Em 1954 Tenório Cavalcante, foi reeleito deputado Federal, com maior número de votos do Rio de Janeiro, sendo eleito novamente no ano de

fazendas, nem ligação direta com os citricultores da região. Demonstrando que o processo de renovação política abriu margem, para pessoas de classes sociais menos abastadas a se introduzirem no campo político iguaçuano.

Claro que os representantes da elite agrícola continuavam atuando na política local, assumindo cargos de vereadores. Esse grupo era representado por figuras como Sebastião Herculano de Mattos, há também a pessoa de Pantaleão Rinaldi que, em 1934 foi o terceiro maior exportador de laranjas do município, e Gaspar José Soares, que era outro importante exportador de laranjas<sup>151</sup>. Quem também atuou como vereador do município, foi Alberto Soares de Souza e Mello, que era o antigo prefeito afastado, durante a tomada de Getúlio Vargas ao poder culminando na nomeação de Sebastião de Arruda Negreiros como prefeito do município<sup>152</sup>. Demonstrando assim, a resistência de uma parte da elite agrícola local em se manter atuante no campo político do município.

Percebe-se que a década de 30, representa uma mudança no cenário político local em Nova Iguaçu. A adesão à essa nova política instaurada em âmbito nacional, acaba gerando uma ligação entre representantes políticos de Nova Iguaçu e representantes políticos federais, liderados por Getúlio Vargas. Claro que essa renovação na política nacional ocorre também no cenário Estadual, onde o governador do Estado do Rio de Janeiro, foi nomeado interventor pelo governo federal. Toda essa mudança gerou também uma aproximação entre políticos iguaçuanos com figuras de destaque no governo do Estado, além de estabelecer vínculos e aproximações com representantes políticos em outras escalas como o vice-presidente da República e até gerais ligados à política do Estado Novo.

Esta relação entre indivíduos ligados a política, que assumiam importantes cargos no município de Nova Iguaçu com a política instaurada no executivo Estadual e nacional, acarretou com o passar dos anos, um processo de mudanças na estrutura do

---

1958. Rompe com a UDN e com Carlos Lacerda em 1960, se tornando líder do PST (Partido Social Trabalhista). Candidatou-se duas vezes ao cargo de governador do Estado da Guanabara. Durante a década de 60, quando foi se aproximando de alas políticas mais progressistas e trabalhistas, tendo angariado aliados entre o PTB e até entre o PCB. Teve seu mandato cassado durante a ditadura militar, porém, nunca deixou de fato a vida política. Tenório Cavalcante foi uma importante figura política da Baixada Fluminense, tendo obtido bastante notoriedade no cenário nacional, virando até tema de filme no ano de 1986. (VERBETE FGV – CPDOC. *Tenório Cavalcante*. Disponível em: <FGV/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/cavalvanti-tenorio>. Acesso em 23. Nov. 2019 às 21.00.)

<sup>151</sup> PEREIRA, Waldick. *Cana, café e laranja: História econômica de Nova Iguaçu*. Fundação Getúlio Vargas. 1977. P. 128.

<sup>152</sup> Acervo FGV. Publicado em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/getulio-barbosa-de-moura>. Acesso em 12 de jun. 2019. 16:06.

município. Isso acaba contribuindo para mudar não só o campo político local, mas também modificando a esfera social que, com o apogeu econômico angariado com o comércio de laranjas, e depois, com a política de urbanização, a ampliação de lotes vazios e as obras de infraestruturas dentro do município, faz com que auxiliados pelo governo federal, o cenário social de Nova Iguaçu vai se renovando primeiramente, com a migração intensa de pessoas de diversas partes do país. O município vai modificando seu cenário e cada vez mais vai sendo mais povoado por pessoas chegando de diversas partes do país.

Esse processo de modificação nas estruturas sociais do município gerado através da migração populacional, é explicado em diversos trabalhos realizados sobre o município. Um exemplo é a análise da dissertação de Sonali Maria de Souza, que em sua obra afirma:

Através da intervenção de políticas públicas no decorrer do Estado Novo, como o saneamento da Baixada Fluminense, a eletrificação dos trens de passageiros, o Decreto-Lei nº 58, que regulamentou o loteamento de terras, foram dadas as bases para a aceleração desta ocupação, que recebeu novos incentivos com a abertura ao tráfego da Avenida Brasil e da rodovia Presidente Dutra. A nível da política local, as intervenções estadonovistas se fizeram sentir, por exemplo, com a deposição, em 1930, do prefeito Alberto Soares de Souza e Melo, que veio a ser o último representante, neste cargo, de uma família proprietários rurais que controlavam o poder político a cem anos<sup>153</sup>.

Podemos perceber neste trecho, como a importância da associação política entre representantes de Nova Iguaçu e do governo federal, acabou dando maior visibilidade para o local e por fim, acaba gerando um aumento demográfico significativo, devido à obras de infraestruturas no município. Mais tarde, essa aproximação de Nova Iguaçu com a esfera federal vai desencadear também, certo apoio a industrialização na região.

Com toda essa mudança estrutural e com o sucesso do plantio e do comércio de laranjas no município nas décadas de 30 e 40, o território iguaçuano já vinha se modificando e aumentando o seu número populacional. Porém, é na década de 50, que transformam-se realmente as estruturas municipais. A crise econômica da citricultura fez com que indivíduos ligados a política e a sociedade de modo geral de Nova Iguaçu, se empenhassem em achar métodos de barrar a crise que se intensificava no município,

<sup>153</sup> SOUZA, Sonali Maria de. *Da Laranja ao Lote: Transformações sociais em Nova Iguaçu*. Dissertação em Antropologia social. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1992. P. 05.

enquanto a aproximação com o governo federal, fez com que houvesse um aumento de obras de infraestrutura e também, um incentivo para a vinda de migrantes de diversas regiões do Brasil para instalarem-se em Nova Iguaçu. Portanto, a década de 50 é um período em que se estabelece um marco inicial no processo de mudanças econômicas no município e que inicia-se uma política econômica pautada em industrializar e urbanizar a cidade que, até antes deste período, mantinha uma política econômica pautada na citricultura.

### **3.2. A urbanização e o fluxo populacional da década de 50 e 60.**

A política nacional-desenvolvimentista passa a buscar urbanizar o território nacional, porém, a mesma concentra-se majoritariamente na região sudeste e Sul, mais precisamente, Rio de Janeiro e São Paulo<sup>154</sup>. O processo de urbanização gerido pelo governo federal leva para essa região um aumento industrial, que fica concentrado nestas áreas, como demonstram as análises realizadas pelo Censo industrial realizado em 1960, que aponta os principais locais com mais indústrias por população, tendo São Paulo ocupado o primeiro lugar, com 307 habitantes por indústria<sup>155</sup>. O Estado da Guanabara ficava na segunda posição, com 398 habitantes por indústria, Rio Grande do Sul na terceira posição com 449 habitantes por indústria e o Estado do Rio de Janeiro em quarto com 683 habitantes por indústria<sup>156</sup>. Logo, as análises do Censo industrial de 1960, demonstram como a região Sudeste e Sul, obteve certo destaque no processo industrial brasileiro, desempenhado com os governos de Vargas e de Juscelino.

Esse processo de urbanização e industrialização, gerou uma necessidade de abastecer esses locais com mão-de-obra necessária, para efetuar as obras de infraestrutura locais, e para trabalharem nas fábricas que vinham estabelecendo-se nessa localidade. O que explica essa intensa onda de migrantes de diversas partes do Brasil, oriundos de regiões que não receberam tanto auxílio do governo federal no processo de urbanização e que foram morar nas regiões mais urbanizadas e industrializadas do país,

<sup>154</sup> CENSO INDUSTRIAL 1960. *Recenseamento geral do Brasil*. IBGE Serviço nacional de recenseamento. Rio de Janeiro. 1967.

<sup>155</sup> CENSO INDUSTRIAL. 1967.

<sup>156</sup> CENSO INDUSTRIAL 1960. *Recenseamento geral do Brasil*. IBGE Serviço nacional de recenseamento. Rio de Janeiro. 1967.



em busca de melhor qualidade de vida. Neste processo, que baseia-se em análises de autores como Maria Therezinha Segadas.

Como já vimos, a autora explica que essa política de incentivo a migração, trouxe um intenso fluxo populacional para a Baixada Fluminense. Isto ocorre devido a infraestrutura do local, com hospitais, escolas e fácil acesso para as áreas centrais do Estado do Rio de Janeiro e Guanabara, devido a estradas que ligavam Nova Iguaçu à Guanabara e a estrada de ferro que também facilitava o transporte dos operários e trabalhadores de modo geral<sup>157</sup>. Isso reforça a ideia da autora em entender o município apenas como “cidade dormitório”, não estabelecendo muitos vínculos ao processo de industrialização que estava ocorrendo, incentivado pelo governo Federal.

Esse fluxo populacional acaba fazendo com que Nova Iguaçu apontasse elevados índices de crescimento populacional. Assim, o município acaba tornando-se o município mais populoso do Estado do Rio de Janeiro na década de 50, como consta em matéria do jornal “Luta democrática” de 1977, que além de enfatizar o aumento populacional que o município passava na década de 50, aponta também que há vinte anos Nova Iguaçu não recebia a visita de um presidente<sup>158</sup>, este jornal em reportagem escreve:

Apesar de ser desde o Censo de 1960 o 8º município do país e atualmente o 7º em população (um milhão e 200 mil habitantes) e o mais populoso do Estado do Rio desde a década de 50, Nova Iguaçu levou 20 anos para receber a visita de um presidente da República. Isto aconteceu em outubro passado, quando o presidente Geisel, acompanhado do governador Faria Lima, compareceu ali, para inaugurar melhoramentos – como rede de água de Queimados – realizados pela União, o Estado e a Prefeitura.<sup>159</sup>

Isso demonstra como que a década de 50, representou um momento de modificações intensas nas estruturas municipais, gerando um intenso fluxo demográfico para região e que aos poucos, foi articulando-se rumo a urbanização e industrialização do município, que desde a década de 30, mantinha relação de aproximação entre as forças políticas atuantes no governo federal, e os representantes políticos instaurados em Nova Iguaçu.

O processo de aproximação entre indivíduos ligados ao campo político e econômico iguaçuano, com o Governo Federal também fica evidente. Somente na

<sup>157</sup> SEGADAS, Maria Thereza. *Nova Iguaçu: A absorção de uma célula urbana pelo grande Rio de Janeiro*. Revista brasileira de geografia e estatística. Rio de Janeiro. 1962.

<sup>158</sup> TUDO ISTO É NOVA IGUAÇU. *Luta democrática*. Rio de Janeiro. 8, 9 e 10 de janeiro de 1977.

<sup>159</sup> TUDO ISTO É NOVA IGUAÇU. *Luta democrática*. Rio de Janeiro. 8, 9 e 10 de janeiro de 1977.

década de 50, o município recebeu a visita de Getúlio Vargas, no início da década, em 1951 para inauguração de casas destinadas a trabalhadores da região<sup>160</sup>. O que demonstra uma política de auxílio do governo federal para incentivar a migração para Nova Iguaçu.

Na mesma década, ocorre também a visita do presidente Juscelino Kubitschek duas vezes. Na primeira, o presidente vai à festa da laranja na Associação Rural de Nova Iguaçu em 1956, em seguida, o mesmo visita o município quando é inaugurada a indústria Bayer em Nova Iguaçu em 1958<sup>161</sup>. Essas visitas constantes de representantes do governo federal neste período, demonstram que a década de 50, representou um período de maior aproximação de representantes da política local com o governo federal, gerando um incentivo ao crescimento populacional e também, uma mudança nos paradigmas que pautavam a economia do município, abrindo espaço para mudanças estruturais que acarretaram também, um maior incentivo a um processo de instalação de indústrias dentro dele, que antes pautava-se majoritariamente pela agricultura.

Esse expansivo crescimento demográfico, pode ser observado através de análises realizadas a respeito da demografia do município. Uma dessas fontes é a pesquisa feita pelo IBGE demonstrando que na década de 1960, “Nova Iguaçu possuía 359.364 habitantes, marcando um acréscimo de 146,7% em relação a 1950”<sup>162</sup>. Este mesmo trabalho aponta que “a população urbana do município cresceu 231,1% entre os dois Censos”<sup>163</sup>, indicando, que além do crescimento populacional ocorrido em Nova Iguaçu a partir da década de 50, ocorre também um processo de urbanização no município que causa um elevado índice de pessoas vivendo na área urbana de Nova Iguaçu. Isso demonstra um intenso processo de modificação nas estruturas da cidade, que aos poucos, vai deixando de ser majoritariamente agrícola para ligar-se ao processo de urbanização e depois, de industrialização que estava vigente na política do Governo Federal da época.

Outras análises realizadas por outros órgãos posteriormente, também demonstram o crescimento demográfico em Nova Iguaçu ocorrido a partir da década de

<sup>160</sup> ARQUIVO NACIONAL. *Cine Jornal informativo*. V. 2 nº 34. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-f2Esd7ZGQk>. Acesso em: 19/07/2019. Às 12:05:00.

<sup>161</sup> MATUS. Moduan. *Histórias de Nova Iguaçu*: Recortes de uma cronologia ilustrada de 510 anos. 1ª edição. Editora: traços e textos. Nova Iguaçu, Rio de Janeiro. 2018.

<sup>162</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Nova Iguaçu*: Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 1970.

<sup>163</sup> IBGE. 1970.

50. Podemos observar no trabalho realizado pela Fundação para o desenvolvimento da Região Metropolitana, que afirma em suas conclusões:

Nova Iguaçu apresentou entre 1950 e 1960 uma das expansões populacionais mais vigorosas da região metropolitana do Rio de Janeiro, sendo uma taxa média anual de crescimento de 9,5%, apenas inferior à apresentada pelos municípios de Duque de Caxias e São João de Meriti.<sup>164</sup>

Estas análises demonstram o avanço significativo de migrantes que passam a estabelecer-se na região de Nova Iguaçu, a partir da década de 50; tudo isso com o auxílio do Governo Federal, que incentivava a vinda de migrantes para Nova Iguaçu, contribuindo na urbanização e infraestrutura do município que aos poucos, via a necessidade de modificar sua base econômica.

O estudo realizado pela fundação FUNDREM, também demonstra o aumento da população urbana em Nova Iguaçu. Assim, a análise demonstra que em 1950 a população urbana no município era de 53%, se elevando para 72% em 1960 e chegando em 99,6% da população iguaçuana residindo em agrupamentos urbanos em 1970. A conclusão que se tira através dessas informações é que as aproximações entre sujeitos políticos atuantes na esfera local, com os governantes que estiveram a frente da governança estadual e federal, trouxeram para o município de Nova Iguaçu, algumas mudanças, que foram aparecendo a partir do momento em que o município teve que modificar sua base econômica, devido a crise do comércio de laranjas.

Essa modificação forçada levou os indivíduos atuantes no cenário político iguaçuano a buscar integrar de vez, o município no projeto nacional-desenvolvimentista. Assim, ocorreu um empenho em modificar suas estruturas econômicas, deixando cada vez mais de lado a busca por melhorias na agricultura para adentrar nos novos paradigmas sociais estabelecidos pelo governo federal, que estava disposto a urbanizar o país, atraindo também, uma intensa corrente populacional para as áreas urbanas. Com isso, a década de 50 representa um marco na mudança dos paradigmas não só política, mas também estrutural e econômica de Nova Iguaçu que vai integrando-se, a partir das ações de sujeitos atuantes na esfera política e econômica, no projeto pautado pelo Governo Federal da época.

<sup>164</sup> FUNDREM – Fundação Para o Desenvolvimento da Região Metropolitana do Rio de Janeiro 1975-1979. *Unidades Urbanas Integradas de Oeste*. Governo do Estado do Rio de Janeiro. Convênio entre e FUNDREM e a Prefeitura de Nova Iguaçu. Rio de Janeiro. 1977. P. 17.

Nova Iguaçu representa o momento político vivido pelo Brasil da época. Pois, o município a partir da década de 50 vai urbanizando-se, ajudado pelo governo federal, e este processo de urbanização e baixo custo nos valores dos terrenos e moradias da região, faz com que o município receba um intenso número de migrantes que passam a ocupar as antigas chácaras de laranjais, para povoar ainda mais o município, que além de se urbanizar, buscou no decorrer da década de 50, estabelecer uma política econômica voltada para a industrialização e urbanização. Algo que fica cada vez mais em evidência, a partir da análise dos discursos estabelecidos pelos sujeitos que compunham cargos de importância dentro do município.

Junto com a política nacional em voga naquele período, que incentivava este processo de mudança na estrutura econômica e social em todo país, a década de 50 representa um período em que Nova Iguaçu vai adentrando cada vez mais, numa política urbana e industrial, ligada ao nacional desenvolvimentismo. Portanto, a década de 30 fica marcada na história do município como um período de renovação política, enquanto que na década de 50 representa um período de renovação econômica, estrutural e social, em que Nova Iguaçu, vai empenhando-se para modificar a estrutura econômica e social, no qual ele havia sido nacionalmente reconhecido nas décadas de 30 e 40.

### **3.3. O processo industrial em Nova Iguaçu na década de 50.**

Todo o processo de transformação social vivenciado no Brasil, durante a década de 50, modificou a estrutura econômica do país. Essa alteração fez com que a política de expansão industrial, chegasse a diversas áreas do Brasil, abrangendo também a região da Baixada Fluminense, onde Nova Iguaçu abarcou essa idéia de transformação social. Assim, a sociedade brasileira vai gradativamente, deixando de lado suas estruturas agrícolas, para abrir espaço para a construção de uma sociedade mais urbana e industrial.

Como o Brasil ainda na década de 50, era um país estruturado em uma agricultura muito forte, a política de urbanização e industrialização acaba sendo colocado em prática aos poucos, sendo ao longo das décadas, o processo de urbanização e industrialização do país ficando mais visível<sup>165</sup>. Diversas obras mostradas nos

<sup>165</sup> FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. São Paulo. Difel. 1959.

capítulos anteriores, demonstram o processo de ruptura que a economia brasileira vem sofrendo a partir da década de 30.

Para observar as modificações estabelecidas ao longo dos anos, trazemos a tona análise de recenseamentos realizados durante o período de transformação das estruturas sociais no Brasil. Nestes Censos realizados, o de 1940 demonstra que, dos mais de 41 milhões de habitantes do país na época, 9 milhões de indivíduos dedicavam-se a atividade agrícola, enquanto pouco mais de 1 milhão de pessoas, exerciam funções ligadas a atividades industriais<sup>166</sup>. Essa maioria de trabalhadores agrícolas vão mantendo-se nos recenseamentos seguintes, porém os Censos apresentados nos anos de 1960 e 70, já demonstram um significativo aumento do número de trabalhadores industriais, enquanto a população urbana ultrapassa o número de habitantes nas áreas rurais do país.

Em 1960, os brasileiros ocupados nas áreas da agricultura, pecuária e silvicultura, concentram-se em mais de 11 milhões de pessoas, enquanto os empregados nas indústrias, equivalem a mais de 2 milhões de pessoas. A população urbana já é apontada no recenseamento de 1960 como 31 milhões de indivíduos, enquanto a população rural equivale a pouco mais de 38 milhões<sup>167</sup>. O recenseamento de 1970 demonstra que, o número de pessoas residentes nas áreas urbanas já ultrapassava o número de habitantes em áreas rurais, onde mais de 52 milhões de pessoas viviam nas áreas urbanas do Brasil, enquanto os habitantes nas áreas rurais equivaliam, a pouco mais de 41 milhões. Logo, em 1970, percebe-se também um aumento significativo nos trabalhadores industriais, onde mais de 5 milhões de pessoas, trabalhavam em setores ligados a indústria, enquanto a agricultura empregava pouco mais de 13 milhões de pessoas.

Esse balanço nos mostra um aumento significativo no processo de industrialização e urbanização em território nacional. De 1940 até 1970, o número de trabalhadores ligados a indústria no Brasil subiu cerca de 500%, enquanto o número de trabalhadores ligados a agricultura subiu pouco mais de 40%. Percebemos assim, um intenso aumento no número de trabalhadores na indústria brasileira, mostrando como o incentivo do Estado na industrialização nacional, iniciado através de políticos como Getúlio Vargas e Juscelino, repercutiram nesse setor durante esse período.

<sup>166</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Recenseamento geral do Brasil: 1º de setembro de 1940*. Série Nacional. Volume II. Rio de Janeiro. 1950.

<sup>167</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo demográfico de 1960*. Recenseamento geral do Brasil. Série Nacional. Volume I.

O município de Nova Iguaçu, também participa desta onda urbanizadora e industrial estabelecida na sociedade brasileira da época em que a ideia nacional-desenvolvimentista apossou-se da política nacional. O município que obtinha importante predominância no campo social, e no campo econômico da Baixada Fluminense, já tinha estabelecido vínculo de proximidade com o governo Federal, conseguindo fazer parte desta política industrial a partir da década de 50. Mesmo que este período tenha significado um marco de ruptura com a economia agrícola que era hegemônica no município até finais dos anos 40 e que antes, havia gerado grandes margens de lucro e visibilidade para Nova Iguaçu.

A década de 50, do século XX, significou um período de ruptura nos moldes econômicos do município de Nova Iguaçu. O plantio e o comércio de laranjas, não conseguia mais gerar lucros suficientes para os comerciantes deste produto, que propunham-se a participar do mercado de fruticultura no município. Estes são alguns fatores que podem ter levado os indivíduos que faziam parte da administração política iguaçuana, a buscarem modificar as bases econômicas do município, atrelando o mesmo na política econômica em voga no cenário nacional.

A elite econômica ligada à agricultura, permanece durante o início da década de 50, tentando salvar sua base estrutural e econômica, que era o plantio e comércio de laranjas. Porém, se acompanharmos a trajetória de alguns comerciantes ligados a fruticultura, perceberemos que enquanto alguns comerciantes e donos de chácaras de laranjas abandonaram o município devido a crise, outros como Sebastião Herculano de Matos, foram migrando para a área comercial e industrial, a partir do momento em que o comércio do principal produto de sustentação da economia iguaçuana, que era a laranja, entrava em declínio.

Sebastião Herculano de Matos foi presidente da Associação dos citricultores de Nova Iguaçu no ano de 1933<sup>168</sup>, e no ano de 1942, torna-se vice-presidente da Associação Comercial e Industrial de Nova Iguaçu<sup>169</sup>. Sua trajetória de vida demonstra como alguns indivíduos comportaram-se diante do processo de crise da agricultura que assolava o município na década de 50. A falta de perspectiva no retorno dos lucros com o plantio e o comércio de laranjas e o processo de incentivo nacional pautado na urbanização e industrialização, fizeram com que certos grupos de indivíduos migrassem

---

<sup>168</sup> PEREIRA, Waldick. *Cana, café e laranja: História econômica de Nova Iguaçu*. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro. 1977.

<sup>169</sup> ACINI: Associação Comercial e Industrial de Nova Iguaçu. *ACINI: Uma história de lutas*. Instituição a serviço de Nova Iguaçu. Edição da Associação comercial e Industrial de Nova Iguaçu.

sua forma de sustentação econômica vinculando-se com o projeto político e econômico em alta na época.

Os representantes políticos de Nova Iguaçu a partir da década de 50, começaram a estabelecer um número crescente de acordos e benefícios com sujeitos ligados à indústrias, para incentivar implantação destas fábricas na região. Essas indústrias acabaram sendo atraídas também, pelo grande número de mão-de-obra presentes no município, graças à política migratória que era incentivada pelo governo Federal, as obras de infraestrutura que já vinham sendo realizadas na região, tendo o apoio do Governo Federal e dos políticos locais, como asfaltamento de ruas, ampliação das redes de energia elétrica, a linha férrea e as vias urbanas. Os lotes de terras que se encontravam em abundância no município também contribuem para que os donos de indústrias fossem atraídos a implantar suas fábricas na região, pois o fato dos antigos donos das chácaras de laranjas terem abandonado suas propriedades, devido as mesmas não gerarem mais lucros, geraram cenário propício, para os representantes políticos fazerem acordos em troca destes lotes abandonados. Com isso, o processo de industrialização em Nova Iguaçu aparece como um refúgio à crise que se instaurava na agricultura local desde a década de 40.

As políticas públicas realizadas pelos representantes do executivo e do legislativo iguaçuano, que eram feitas com o intuito de estabelecer meios de ampliar os benefícios para aqueles que buscassem implantar suas indústrias na região, aparecem através das análises de alguns documentos, como as atas da prefeitura municipal que apresentam em seu relato no ano de 1951: “Fica decretado a isenção por cinco anos, dos impostos para as indústrias que forem instaladas no município”<sup>170</sup>. Na década de 50, importantes indústrias começam a instalar-se em Nova Iguaçu, modificando gradativamente as estruturas econômicas locais. Essa chegada da industrialização, também vai modificando as estruturas sociais daquela localidade. Fazendo com que Nova Iguaçu vai ampliar sua urbanização e, deixando de ser uma sociedade majoritariamente agrícola, para participar da política nacional desenvolvimentista, implantada pelo governo federal.

A chegada de indústrias na região de Nova Iguaçu, era um fator bem recebido por todo o corpo político da região, pois, através de requerimentos e discussões presentes nas atas da câmara dos vereadores, podemos perceber o quanto os vereadores

<sup>170</sup> ASSUMPÇÃO, Bolívar Gomes de. *P.M.N.I.* Prefeitura Municipal de Nova Iguaçu. Resolução 1951. Gabinete. Resolução Número 188. 01 de outubro de 1951.

de diversos partidos, relacionavam-se beneficentemente com cada chegada de indústrias na região, independente de sua vertente ideológica. pois até políticos ligados a partidos de oposição ao governo federal, como a UDN, também estabelecem requerimentos, no intuito de aproximar as relações do município, com a recente onda de industrialização que começava a instalar-se na região.

Na análise das atas da câmara dos vereadores de Nova Iguaçu da década de 50, encontram-se inúmeras manifestações e ações dos representantes do poder legislativo iguaçuano, para melhorar as relações do município com os industriais e atrair as fábricas de várias partes do país para a cidade. Nessas atas encontramos desde confratulações do vereador Manoel Quaresma da UDN onde está escrito; “Requerimento do vereador Manoel Quaresma de Oliveira solicitando que seja oficiado ao Senhor Fausto Ladeira enviando-lhe congratulações pela inauguração da nova agência do Banco Comércio e Indústria de Minas Gerais”<sup>171</sup>, até ações tomadas pelos vereadores de diversos partidos, para manter as fábricas que ameaçavam mudar de município, na região. Isso é um dos exemplos de que a busca por atrair fábricas ou mantê-las na região, era o foco dos políticos locais independente dos partidos.

As medidas que os vereadores tomavam em busca de manter as fábricas já presentes dentro do município, aparecem em Atas da câmara dos vereadores. Nelas encontram-se idéias em que alguns vereadores propunham ceder espaço para as demandas oriundas dos donos das fábricas, como no caso em que o vereador Dionísio Bassi, discorre sobre a visita que o mesmo fez à fábrica Ingá, onde está relatado na ata da câmara que, “em face do montante da indústria e do que ela representa para o município, era justo satisfazer a pretensão da mesma, que é a manutenção de um trecho de estrada transitável, bem como uma permuta vantajosa de terras com a municipalidade”<sup>172</sup>. Esse caso foi mantido pelo vereador Dionísio Bassi, onde ele consegue aprovar em regime de urgência, um projeto que autorizava o executivo a permutar áreas de terra pertencente à municipalidade<sup>173</sup>. Isso demonstra como a disponibilidade de áreas de terra presentes no município, gerou também uma forma de atrair indústrias para região, através de permutas favoráveis para essas indústrias, sendo mais viável para elas se implantarem em Nova Iguaçu, contribuindo assim, para a crescente onda de instalação de indústrias, nos anos 50.

<sup>171</sup> Ata da Câmara dos vereadores de Nova Iguaçu. Livro 04. 27/0353 À 16/11/55. P.7.

<sup>172</sup> Ata da Câmara dos Vereadores de Nova Iguaçu. Livro 04. 27/0353 À 16/11/55. P. 100.

<sup>173</sup> Ata da Câmara dos Vereadores de Nova Iguaçu. Livro 04. 27/0353 À 16/11/55. P. 108.



As atas da câmara apresentam várias ações tomadas pelos vereadores para atrair, ou para manter as empresas já estabelecidas no município. Esses esforços oriundos do poder legislativo iguaçuano, são estabelecidos em diversas situações como em outro caso envolvendo o vereador Dionísio Bassi, em que o mesmo tenta conscientizar a câmara do perigo que o município corria com a mudança do frigorífico para Nilópolis, como podemos observar neste trecho da ata em que está escrito:

Requerimento do vereador Dionísio Bassi defendendo os interesses do Município com relação à Cia. Frigorífico Iguassú, em seu discurso falou o autor alertando a casa do perigo que corria o município com relação ao citado frigorífico, porque por projeto apresentado pelo deputado Mendonça Turler, o mesmo seria incorporado ao município de Nilópolis<sup>174</sup>.

Este é um dos casos em que fica nítido, um esforço do poder legislativo, em manter fábricas no município, demonstrando o quanto era importante manter as indústrias na região.

Essa relação que o município de Nova Iguaçu, através de seus representantes políticos, estabeleceu no intuito de aproximar-se com o Governo Federal, para atrair indústrias para a região, permaneceu, por toda a década de 50. Podemos observar mais um exemplo disto no requerimento de 1956, em que o vereador José Lima, “congratula-se com o presidente da república, pelo mesmo ter assinado contrato com grandes estabelecimentos industriais, a serem instalados no 4º distrito do município”<sup>175</sup>. Esse exemplo demonstra os dois pontos defendidos neste trabalho, que são as fortes relações de políticos inseridos na administração local com os representantes do poder federal, demonstrando também, como essa relação foi importante para a implantação de indústrias na região de Nova Iguaçu, principalmente na década de 50.

O projeto de urbanização e a atração de indústrias para o município de Nova Iguaçu foi amplamente desenvolvido, por ambos os partidos presentes na política municipal. Porém, as análises das atas da câmara dos vereadores mostra-nos como pontos divergentes entre os partidos representantes do legislativo iguaçuano, em suas relações com o número crescente de operários que passavam a estabelecer-se no

<sup>174</sup> Ata da Câmara dos Vereadores de Nova Iguaçu. Livro 04. 27/0353 À 16/11/55. P. 105.

<sup>175</sup> Ata da Câmara dos Vereadores de Nova Iguaçu. Livro 05. 18/11/55 À 08/11/57. P. 20.

município, e as obrigações das empresas que ali se estalavam, em relação aos cuidados que as mesmas deveriam tomar com o meio ambiente e com as estruturas da região. Os membros do legislativo, que eram de vertente mais ligada ao PTB ou ao PSD, apesar de buscarem incentivar a vinda de indústrias para a região, reivindicavam também que estas fábricas já estabelecidas, gerassem melhores condições de trabalho para seus operários e tomassem cautela em relação à poluição emanada da mesma.

Alguns dos exemplos destas relações expostas nas atas da câmara dos vereadores, aparecem em situações como a que o vereador Byron Doré de Almeida, que era do PTB, obtém a aprovação de um requerimento onde está escrito em ata, “Requerimento do vereador Bayron Doré de Almeida solicitando ao M. M. juiz da comarca, providências no sentido de resolver situação de operários de fábrica de papel deste município<sup>176</sup>, expondo com este requerimento, que os operários estavam passando por situações angustiantes. Este fato desencadeou com a aprovação de projetos do vereador Dionísio Bassi, que aparece em Ata escrito:

Projeto do vereador Dionísio Bassi que concede auxílio de 30.000 para a associação dos trabalhadores da indústria de papel, papelão e cortiça de Nova Iguaçu. Projeto do mesmo vereador que concede auxílio ao sindicato dos trabalhadores na indústria metalúrgica, mecânica e material elétrico<sup>177</sup>.

Esses exemplos demonstram que haviam setores políticos em Nova Iguaçu, que preocupavam-se com a instauração de indústrias no município, mas também estavam atrelados à política de proteção ao trabalhador e implantação de direitos para a classe.

No dia 13 de novembro de 1957, ocorre outro evento de cobrança em relação a cuidados que as indústrias instaladas no município deveriam tomar em relação ao meio ambiente na região. Esse evento é exposto pelo vereador Gumercindo Correa da Silva, no qual consta na ata da câmara que o próprio solicita; “Requerimento do vereador Gumercindo Corrêa da Silva, solicitando providências quanto a fumaça que partindo da fábrica de café Pimpinela, irradia as casas vizinhas prejudicando a saúde dos moradores da região<sup>178</sup>. Isto demonstra que, para alguns grupos de políticos, apesar do estabelecimento de indústrias na região ser importante, estas fábricas implantadas na

<sup>176</sup> Ata da Câmara dos Vereadores de Nova Iguaçu. Livro 05. 27/0353 À 16/11/55. P. 118

<sup>177</sup> Ata da Câmara dos Vereadores de Nova Iguaçu. Livro 06. 08/11/57 À 04/02/60. P. 9.

<sup>178</sup> Ata da Câmara dos Vereadores de Nova Iguaçu. Livro 05. 27/0353 À 16/11/55. P. 127.

região, deveriam tomar cuidado, em relação às condições de seus empregados e aos cuidados com o meio ambiente da região.

Nas atas da câmara dos vereadores analisadas, demonstram que, nas décadas de 50 e 60, a relação da câmara dos vereadores com a Associação Comercial e Industrial de Nova Iguaçu, aumenta consideravelmente, onde reuniões são descritas entre os diretores da associação, com os vereadores da câmara<sup>179</sup>. Outro episódio, em que a relação dos agentes políticos iguaçuanos com a ACINI é colocado, aparece no livro da própria instituição, que escreve sobre a reunião dos representantes da ACINI com o prefeito Sebastião Arruda Negreiros, onde o prefeito “compara o acelerado progresso iguaçuano, com os das cidades de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul (ABC paulista)<sup>180</sup>. Este episódio revela os rumos de crescimento urbano e industrial que Nova Iguaçu estava tomando ainda na década de 50.

Logo, percebemos que havia também uma forte relação da câmara dos vereadores e dos políticos locais de Nova Iguaçu, com os representantes das indústrias que vieram a implantar-se no município. Essa onda de benefícios como forma de atrair as fábricas e de aproximação entre a elite política e a nova elite industrial que se formava na região, não deixou com que certos representantes políticos deixassem de reivindicar melhoramentos nas condições em que estas empresas relacionavam-se com seus empregados, com a população iguaçuana e com o meio ambiente do local. Isso demonstra um outro fator da política nacional-desenvolvimentista que, ao mesmo tempo, buscava ampliar o cenário urbano e industrial, como também estabelecer certos direitos aos trabalhadores.

A década de 50 representa um período em que Nova Iguaçu, através das ações de seus representantes políticos e econômicos, começa a se reestruturar, reerguendo sua sociedade que passou por um período de intensas crises no final da década de 40. As medidas implantadas pelos representantes administrativos do município, acabaram modificando o cenário social, político e econômico do município, fazendo com que na década de 50, Nova Iguaçu já contasse com diversos estabelecimentos industriais, que exerceram, e alguns ainda exercem, grande influência na localidade. Indústrias como a Cia Mercantil e Industrial Ingá, Fábricas de tecidos Caxambi, Indústrias Granfino, Usina Mecânica Carioca (Usimeca), Cia de canetas Compactor, Bayer, entre outras que

---

<sup>179</sup> Ata da Câmara dos Vereadores de Nova Iguaçu. Livro 06. 08/11/57 À 04/02/60. P. 6.

<sup>180</sup> ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DE NOVA IGUAÇU (ACINI). *ACINI uma história de lutas:50 anos*. Edição da Associação Comercial e Industrial de Nova Iguaçu.

se instalam na região durante essa década, demonstram que as medidas de transformações na área econômica e social estabelecidas por esses sujeitos, acabaram modificando a sociedade iguaçuana. Logo, na década de 50, ocorre em Nova Iguaçu um início do processo industrial, e esse processo de incentivo a vinda de fábricas para região, vai fazendo com que o município renove suas estruturas econômicas, transformando-se em um município de total importância para o Estado do Rio de Janeiro.

### **3.4. As consequências da industrialização em Nova Iguaçu no pós década de 50.**

A crise econômica vivida no município de Nova Iguaçu em finais da década de 40 e principalmente a partir da década de 50, fez com que o município atravessasse um novo ciclo econômico nos anos posteriores. Os índices de urbanização e industrialização no município, apresentaram aumentos nas décadas de 60 e 70. Isso acaba fazendo com que a mudança nos rumos da economia do município, deixasse a agricultura cada vez mais de lado em relação a um incentivo no processo de industrialização no município.

Os dados do IBGE colhidos sobre o município, vão apresentar um pouco dessas mudanças estabelecidas no município a partir dos anos 50. Esses dados colhidos buscavam abranger a situação de Nova Iguaçu para a década de 60, demonstram através de comparações com a década anterior, como o município evoluiu em relação à década de 50, demonstrando a elevação do número de habitantes. Assim, os dados do IBGE mostram que houve um aumento de 146,7% do número de habitantes em Nova Iguaçu na década de 60, em relação ao número de habitantes na década de 50<sup>181</sup>.

Esse estudo feito pelo IBGE sobre Nova Iguaçu na década de 60, demonstra também o aspecto urbano do município. Nele, percebe-se que Nova Iguaçu, na década de 50, possuía uma população urbana composta por 53% dos seus habitantes<sup>182</sup>. Já na década de 60, Nova Iguaçu era um município “preponderantemente urbano, com 71,7% de seus habitantes localizados na cidade e nas vilas”<sup>183</sup>, chegando na década de 70 a obter 99,6% de seus habitantes residindo nas áreas urbanas do município, segundo

<sup>181</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Nova Iguaçu Rio de Janeiro*. Ministério do planejamento e coordenação geral. Rio de Janeiro. 1970. P. 7.

<sup>182</sup> FUNDREM- Fundação para o Desenvolvimento da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Governo do Estado do Rio de Janeiro em parceria com a prefeitura de Nova Iguaçu. 1977.

<sup>183</sup> IBGE. 1970. P.7.

dados da instituição<sup>184</sup>. Essa análise demonstra como o caráter urbanizador de Nova Iguaçu, foi mais acelerado do que o processo de urbanização estabelecido em âmbito nacional. Estudos estabelecidos pelo IBGE apontam que na década de 60, a população urbana do Brasil equivalia a menos da metade dos habitantes da nação<sup>185</sup>, enquanto somente na década de 70, que a população vivendo em áreas urbanas no país, finalmente conseguiu ultrapassar a população que vivia em áreas rurais<sup>186</sup>. Em Nova Iguaçu, o efeito da urbanização foi mais acelerado, onde na década de 70 do século XX, as pessoas que viviam em áreas urbanas correspondiam a quase 100% da população no município.

O nível de industrialização no município também aumenta em Nova Iguaçu. O censo equivalente à década de 60, demonstra que no ano de 1965 o município contava com 372 estabelecimentos industriais<sup>187</sup>, tendo este número aumentado para 565 no ano de 1977, segundo dados da Fundação para o Desenvolvimento da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, (FUNDREM)<sup>188</sup>. Esses dados demonstram que, mesmo o processo de urbanização do município tendo obtido resultados mais acelerados em relação a população que vivia em áreas urbanas no país, na questão referente à industrialização, Nova Iguaçu obteve um resultado aquém do alcançado em âmbito nacional em meados da década de 60 e na década de 70.

Mesmo com um baixo crescimento no número de indústrias que instalaram-se no município, o final da década de 70 representa um momento de novo impulso para a industrialização em Nova Iguaçu. Neste período, inicia-se o projeto de criação do distrito industrial no município. Este projeto é colocado em prática já no início dos anos 80, sendo realizado graças a ações tomadas pelo Governo Estadual no intuito de atrair novamente, indústrias para as áreas metropolitanas do Estado do Rio de Janeiro, e também ações tomadas pela própria prefeitura de Nova Iguaçu, cedendo benefícios fiscais, isenções de impostos e áreas de terras a preços acessíveis para os donos de fábricas que quisessem se implantar no município.

---

<sup>184</sup> FUNDREM. 1977.

<sup>185</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo demográfico de 1960*: Brasil. Fundação Instituto brasileiro de geografia e estatística. Recenseamento geral do Brasil. Rio de Janeiro. 1960.

<sup>186</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo demográfico Brasil*: Recenseamento geral 1970. Fundação IBGE. Rio de Janeiro. 1973.

<sup>187</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Nova Iguaçu Rio de Janeiro*. Ministério do planejamento e coordenação geral. Rio de Janeiro. 1970.

<sup>188</sup> FUNDREM- Fundação para o Desenvolvimento da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Governo do Estado do Rio de Janeiro em parceria com a prefeitura de Nova Iguaçu. 1977.

Mas em relação ao crescimento industrial no período que vai da década de 50, onde se estabelece a propagação da política nacional desenvolvimentista no Brasil, até meados da década de 70 aparecem algumas modificações. O município de Nova Iguaçu já não conseguia mais acompanhar o ritmo de desenvolvimento industrial que estava ocorrendo no Estado do Rio de Janeiro, mesmo com intenso crescimento demográfico e com o aumento da instalação de indústrias. Os dados da FUNDREM demonstram que desde meados dos anos 60, até os anos 70, Nova Iguaçu passava por momentos difíceis no seu desenvolvimento industrial apontando no relatório da fundação que, “entre 1959 e 1970 a participação do valor da transformação industrial de Nova Iguaçu em relação ao total metropolitano decresceu de 3,2% para 2,7%, enquanto a população aumentou sua participação relativa de 7,2% a 10,3% no mesmo período”<sup>189</sup>. Essa conclusão demonstra que, nos anos posteriores, o corpo político e administrativo de Nova Iguaçu, não conseguiu mais atrair a atenção dos donos das fábricas para implantarem suas indústrias na região, obtendo um ritmo de desenvolvimento industrial menor do que o estabelecido no Estado do Rio de Janeiro. Sendo assim, a década de 60 e 70 representou um período de crescimento industrial em Nova Iguaçu, bastante insignificante, se comparado com o crescimento da industrialização no Estado do Rio de Janeiro neste mesmo período.

Os relatórios apontados pelos Censos industriais que estudaram o processo de industrialização em território nacional, comparados com os recenseamentos realizados para o município de Nova Iguaçu, demonstram um pouco mais desta dificuldade enfrentada pelo município a partir da década de 60. O Censo industrial do Rio de Janeiro apontava no ano de 1960 um número de 4.543 estabelecimentos industriais no Estado<sup>190</sup>, enquanto em Nova Iguaçu, o recenseamento aplicado pelo IBGE, demonstra que no município, o número de estabelecimentos industriais na década de 60 chegou a 372 fábricas. Isso aponta um número aproximado de 8% do total de indústrias em que Nova Iguaçu obtinha em relação ao Estado do Rio de Janeiro.

Já no ano de 1975, o Censo industrial do Rio de Janeiro, aponta para um número de 15.053 estabelecimentos industriais no Estado<sup>191</sup>. Enquanto Nova Iguaçu obtinha

<sup>189</sup> FUNDREM- Fundação para o Desenvolvimento da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Governo do Estado do Rio de Janeiro em parceria com a prefeitura de Nova Iguaçu. 1977. P. 21.

<sup>190</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo industrial do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro. Recenseamento geral. 1970.

<sup>191</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo industrial do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro. Recenseamento geral. 1980.

somente 565 indústrias instaladas no município, dando a cidade um percentual de menos de 4% do total de indústrias presentes no município, ou seja, decaindo para metade do que havia anteriormente. Isso aponta que durante a década de 60 e 70 do século XX, o Estado do Rio de Janeiro teve um aumento de mais de 300% na sua malha industrial, enquanto o município de Nova Iguaçu, entre essas duas décadas, obteve um crescimento industrial de pouco mais de 50%.

Na década de 70, o processo de expansão da industrialização no município de Nova Iguaçu acaba diminuindo seu ritmo em relação às décadas anteriores, pondo um freio a toda a euforia e previsões que se estabeleciam para o município. Desde 1956, Nova Iguaçu já era considerado; “Um dos municípios mais progressistas do Brasil”<sup>192</sup>, tendo seu progresso demonstrado em matéria de jornais da época como o jornal “A noite”, ou o “Jornal do Brasil”, que trouxe no ano de 1964 uma matéria com o título de, “Nova Iguaçu – O maior do Leste e orgulho do país”. Esta matéria demonstrou que, “As indústrias que se instalaram em Nova Iguaçu, notadamente após a abertura da Rodovia Presidente Dutra, retiraram do município a antiga base econômica em que ele apoiava-se – a citricultura – e levaram o município a um verdadeiro surto de progresso”<sup>193</sup>. Toda essa visibilidade dada ao município até meados dos anos 60, demonstraram que as previsões para o município em relação ao processo de desenvolvimento industrial e a urbanização eram bastante positivas, tendo o município representado lugar de destaque na economia e na sociedade brasileira durante esse período.

O período após 1964 representa um momento de instabilidade política em todo o país. Essa instabilidade contribui também para que Nova Iguaçu, aos poucos fosse desvinculando-se da política em voga no cenário nacional, sofrendo com bastantes intervenções e afastamentos de prefeitos democraticamente eleitos<sup>194</sup>. Conseqüentemente, essa instabilidade política em voga no cenário nacional que veio junto com o golpe de 1964, trouxe o afastamento da idéia nacional desenvolvimentista no executivo nacional, podendo ter distanciado a proximidade que o município obtinha com os representantes do governo federal.

---

<sup>192</sup> MATUS, Moduan. *História de Nova Iguaçu*: Recortes de uma cronologia ilustrada de 510 anos. Traço e texto. Rio de Janeiro. 2018.

<sup>193</sup> JORNAL DO BRASIL. *Nova Iguaçu- O maior do Leste e orgulho do país*. Rio de Janeiro. 13 de set. 1964.

<sup>194</sup> BATISTA, Allofs Daniel. *Onze prefeitos em onze anos*: O campo político iguaçuano nas páginas do correio da Lavoura (1964 – 1975). Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Unirio. Rio de Janeiro. 2014.

Esse afastamento pode ter causado a queda no processo de industrialização sofrido por Nova Iguaçu em relação ao Estado do Rio de Janeiro. Esta hipótese pode chegar-se pelo fato de desde o princípio, a urbanização e industrialização do município foram auxiliadas por esse processo de aproximação de sujeitos atuantes no cenário administrativo, tanto em esfera municipal, quanto da esfera federal. Com esse singelo crescimento do número de indústrias presentes no município no pós 1964, Nova Iguaçu só irá novamente receber incentivo do governo Federal e Estadual para recolocar indústrias em seu território, em finais da década de 70 e início da década de 80. Porém, a instabilidade na vida política do Brasil oriunda da ditadura militar, fez com que o projeto de industrialização que Nova Iguaçu buscava integrar-se durante o período de nacional desenvolvimentismo, acabasse sendo freado por mais de uma década.

### **3.5. A industrialização iguaçuana.**

A renovação estabelecida na política nacional a partir da década de 30, causa também modificações no cenário político iguaçuano. Esta renovação, além de trazer maior visibilidade do município em relação ao governo Federal, também causou um aumento da aproximação dos sujeitos atuantes na esfera administrativa de Nova Iguaçu, com os políticos de importância do governo Federal, que gerou um auxílio para o aumento populacional e urbano no primeiro momento de aproximação entre estes sujeitos. Isso causou num primeiro momento, um período de aproximação política entre os indivíduos atuantes na sociedade iguaçuana com os sujeitos inseridos no Governo Federal, mas manteve a base econômica do local que era a citricultura.

A crise dos laranjais iguaçuanos, que instaura-se a partir do final da década de 40, aprofundando-se na década de 50, fez com que houvesse uma necessidade de readequação econômica em Nova Iguaçu. Com isso, os sujeitos atuantes na esfera política, que já estavam atrelados ideologicamente com a política de Vargas e depois, de Juscelino Kubitschek, aproximaram o município da demanda econômica em voga no cenário nacional, que visava aprofundar a instalação de indústrias no país, modificando as estruturas agrícolas que eram presentes e de total importância no campo econômico brasileiro. Assim, demonstra-se que a década de 50 é para o município, um período de readaptação no seu modelo econômico, e que indivíduos que obtinham cargos



importância na sociedade iguaçuana, buscavam interligar os rumos econômicos do município cada vez mais com os que estavam sendo tomados pelo governo Federal.

Com isso, a década de 50 aparece como um período na história de Nova Iguaçu, de bastante relevância, para o processo de desenvolvimento industrial. É a partir deste período que a crise do cultivo e do comércio de laranjas acirra-se no município, fazendo com que representantes políticos e administrativos, que já estavam de certa forma, atrelados a política vigente no governo federal, passassem a se aliar à política econômica imposta pelos governos de Getúlio Vargas e de Juscelino Kubitschek. Buscou-se assim, estabelecer métodos de atrair a atenção dos donos de indústrias para se instalem no município de Nova Iguaçu.

Claro que havia em paralelo a este projeto de atrelamento ao nacional-desenvolvimentismo, uma tentativa de recuperar o apogeu que o comércio de laranjas representava no município, e esta tentativa realiza-se durante toda a década de 50. Porém, mesmo que indivíduos ligados a setores políticos e econômicos de Nova Iguaçu buscassem estabelecer algum incentivo do governo federal para manter a estrutura agrícola que tantos benefícios trouxeram para o município nas décadas de 30 e 40, com o passar dos anos e o agravamento da crise dos laranjais, estes sujeitos vão cada vez mais, dedicando-se ao projeto de urbanização e industrialização no município. Durante as análises das discussões e reivindicações das conversas entre os vereadores da câmara de Nova Iguaçu, entende-se que o discurso a respeito da citricultura, vai perdendo espaço na câmara, para um discurso mais voltado para uma ampliação da urbanização, e para atrair indústrias para Nova Iguaçu.

Cada indústria que vinha se instalar na localidade, chegava através de auxílios, projetos e requerimentos criados pelos sujeitos que obtinham cargos de importância política e econômica no município. Manter estas indústrias em funcionamento era questão de profunda importância, para alavancar a economia da localidade e atrelar o município ao projeto de desenvolvimento pautado na industrialização que foi estabelecido pelo Governo Federal da época. Na década de 50 e meados da década de 60, este atrelamento entre políticos iguaçuanos e representantes do executivo nacional teve seus resultados positivos, pois nas inúmeras fontes demonstradas neste capítulo, percebe-se como o município neste período recebeu visitas dos presidentes Getúlio Vargas e de Juscelino Kubitschek, demonstrando a visibilidade que Nova Iguaçu estava obtendo do Governo Federal.

De meados da década de 60, até a década de 70, este processo de aproximação de políticos não apresentou resultados tão positivos quanto antes. Em paralelo a isso, podemos perceber que a visita de presidentes ao município não ocorrem com tanta frequência, enquanto a implantação de indústrias no município cresce numa proporção menor. Nova Iguaçu só iria receber certa atenção do Governo Federal novamente, apenas no final dos anos 70, tendo os anos 80, surgido como uma década que representou uma renovação no cenário industrial do município criando-se o parque industrial.

Com todo o processo analisado neste capítulo, percebe-se que o início da industrialização do município de Nova Iguaçu ocorre em paralelo não somente com a crise dos laranjais, mas também, com o atrelamento da política instaurada a partir da tomada de posse de Getúlio Vargas. Neste processo de mudanças, sujeitos iguaçuanos, estiveram do lado do governo recém empossado desde sua implantação em 1930, chegando a vincular-se economicamente com os representantes políticos ligados à esfera Federal, até os anos 50 devido a diversos fatores, que empurraram o município ao processo de industrialização. Logo, podemos perceber que a década de 50 representou um período em que Nova Iguaçu não apenas estabeleceu-se como “cidade dormitório”, pois, este foi um período em que o município esteve ativo e atuante na política, terminando esta década com resultados bastante positivos em seu crescimento urbano e industrial.

Este estudo visa apresentar a intensa transformação industrial ocorrida no município de Nova Iguaçu, encaminhado graças a ações de atores políticos inseridos dentro do legislativo e executivo do município, e a aproximação destes sujeitos com a política de Vargas, e mais tarde com a política de Juscelino durante as décadas de 30, 40 e 50. As décadas de 30 e 40 ainda são um período em que a economia baseada na citricultura é bastante ativa e lucrativa para a região, porém com o declínio do comércio das laranjas produzidas em Nova Iguaçu, inicia-se um período flexibilização das estruturas econômicas que regiam o município abrindo margem para uma política econômica que buscou atrair indústrias para a região. Isso desenvolveu-se bastante durante a década de 50, onde o município de Nova Iguaçu esteve bastante interligado com a política nacional, recebendo visitas dos presidentes da República da época e recebendo inúmeras empresas que se estalaram no local.

Na memória local do município de Nova Iguaçu, junto com diversos estudos realizados sobre o município, o período das laranjas é supervalorizado, tendo as décadas

posteriores ao declínio do plantio e do comércio deste produto, sendo entendidas como período de crise e de retrocesso. Este estudo procurou apresentar os meandros estabelecidos pelos agentes que viveram neste período da década de 40 e 50, para sobreviverem e barrarem a crise que assolava o principal produto da região. Sendo assim, onde a memória hegemônica da região entende apenas como um momento de decadência, este trabalho demonstrou os aspectos inovadores dos cidadãos iguaçuanos, para frear a crise econômica e colocar o município, em um novo aspecto econômico, que era desenvolvido e estimulado pelo governo Federal.

## CONCLUSÃO.

O período industrial desenvolvido no município de Nova Iguaçu foi, mais um exemplo, do processo de industrialização tardia, que a própria sociedade brasileira apresentou durante o século XX. O Brasil como um todo, manteve durante boa parte de sua trajetória histórica, uma política econômica voltada para agricultura, através da monocultura e do latifúndio. Este modelo econômico hegemônico na estrutura brasileira foi criando uma elite econômica e política que, com o passar dos anos, manteve cada vez mais concentrado estes poderes em suas mãos.

A estrutura econômica agrícola foi levada até as últimas consequências, por essa elite brasileira, que manteve tais modelos em funcionamento durante muitos séculos, sendo substituída somente quando não havia mais alternativas para continuar o funcionamento da base econômica gerida pela agricultura, devido a grande crise no mercado externo no ano de 1929. O mercado internacional que era para onde a maioria dos produtos agrícolas, produzidos no Brasil eram vendidos em larga escala, entraram em declínio e a monocultura do café brasileiro, acaba sofrendo grandes entraves, tendo a política Estatal do decorrer da década de 30, não conseguido frear a crise que assolava este setor.<sup>195</sup> Porém, a política Estatal não manteve uma base de sustentação da agricultura durante muito tempo e, na década de 40 já começam os incentivos Estatais para a formação de indústrias nacionais controlada pelo governo<sup>196</sup>.

Inserido neste processo histórico nacional, estava o município de Nova Iguaçu, onde os representantes políticos e administrativos do município, também tiveram sua formação, através de uma economia agrícola, que desenvolveu-se na região. Ao contrário do resto do país, em Nova Iguaçu, surgiu uma elite agrícola em um período tardio da história brasileira, onde somente no século XX, a agricultura iguaçuana obteve certo progresso, graças ao plantio e ao comércio de laranjas, que se estabeleceu no local. Este produto, fez com que surgisse uma elite agrícola na região como também, deu mais

<sup>195</sup> FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. Companhia editora nacional. São Paulo. 2005.

<sup>196</sup> MENDONÇA, Sonia. *A industrialização brasileira*. Editora moderna. São Paulo. 1995.

visibilidade ao município, sendo os produtos cultivados e comercializados na região, reconhecidos mundialmente<sup>197</sup>.

A citricultura de Nova Iguaçu desenvolve-se na década de 20 do século XX, passando pela grande crise de 1929, mas não sobreviveu a grande crise no mercado exterior gerado devido a segunda guerra mundial<sup>198</sup>. Esta crise fez com que o principal mercado consumidor das laranjas do município, que era a Europa, entrasse em colapso, diminuindo a venda das laranjas produzidas na região, acarretando com isso, uma crise sem precedentes aos produtores locais. O final da década de 40 representou um período de intensa crise nos laranjais iguaçuanos, fazendo com que fosse necessário que tomassem novos rumos na economia municipal<sup>199</sup>.

A baixa na comercialização das laranjas de Nova Iguaçu após a segunda guerra mundial, faz com que a agricultura do município, não gerasse mais lucros para seus produtores. Por isso, foi preciso estabelecer novos métodos para barrar a crise que alastrava-se no município, o que ocorreu a partir da década de 50. Com o acirramento da crise da citricultura local, os agentes políticos e econômicos do município foram percebendo que não daria mais para manter a estrutura econômica local, pautada no plantio e no comércio de laranjas, era preciso tomar novos rumos para suprir a crise econômica que se desenvolvia na região.

Os sujeitos atuantes na esfera política do município, que eram vereadores e prefeitos, já estavam envolvidos ideologicamente com a política nacional em voga desde a década de 30, que tinha como seu representante no Governo Federal, o presidente Getúlio Vargas. Muitos desses representantes políticos iguaçuanos, eram entusiastas da revolução de 30, iniciando sua carreira política durante este processo. Desta revolução, saíram figuras de destaque no cenário político local, como Getúlio de Moura, que atuou na política iguaçuana sendo prefeito, vereador e depois alçou novos ares, sendo deputado federal. Mesmo tendo chegado ao cargo de deputado, Getúlio de Moura, sempre foi figura presente na política de Nova Iguaçu, estabelecendo laços com políticos do município e levando reivindicações de políticos locais para a esfera federal.

No campo econômico, os sujeitos atuantes da agricultura vigente em Nova Iguaçu, passaram a aproximar-se de representantes políticos ligados a revolução de 30, através de alianças com o governo federal da época. Esta aproximação deu-se em troca

<sup>197</sup> PEREIRA, Waldick. *Cana, café e laranja*: História econômica de Nova Iguaçu. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro. 1977.

<sup>198</sup> PEREIRA. 1977.

<sup>199</sup> PEREIRA. 1977.

de auxílio comercial e técnico para aprimorar seus negócios, que eram em sua maioria, ligados a citricultura. Entre os sujeitos que destacavam-se na economia municipal, estavam Sebastião Herculano de Mattos, que além de presidente da associação Rural de Nova Iguaçu, também atuou como vereador<sup>200</sup> e estabeleceu meios de aproximar-se ao Governo Federal em busca de auxílio para os citricultores locais, chegando a ser atendido pelo presidente Getúlio Vargas, que por vezes estabeleceu auxílios aos citricultores de Nova Iguaçu, criando Pac Houses e distribuindo recursos para o plantio e comércio de laranjas locais<sup>201</sup>.

A transformação no cenário político brasileiro, causou também uma transformação nos representantes políticos do município de Nova Iguaçu. Esta transformação política no município, aproximou os representantes políticos iguaçuanos com os representantes políticos em escala federal, havendo também uma aproximação da elite econômica municipal com o governo Federal. Isto fez com que o governo Federal, em seu primeiro momento, desse certo incentivo à agricultura iguaçuana ligada à citricultura.

Com a crise da citricultura em finais dos anos 40, os representantes políticos locais, atrelaram o município ao modelo econômico posto em prática pelo Governo Federal a partir da década de 40, incentivando a instauração de indústrias na região. Em Nova Iguaçu, o processo de transição econômica, da agricultura para a indústria, é mais demorado do que no resto do Brasil, porque os indivíduos que obtinham lucros com a agricultura local, estavam em constante crescimento durante a década de 30, ao contrário dos agricultores do resto do país, que sofreram grande perda de mercado consumidor devido a crise de 1929. Portanto, a crise econômica que atinge o município de Nova Iguaçu mais tarde do que no resto do país, mas também, o impacto desta crise faz com que os rumos econômicos do município modifique-se, a partir da década de 50.

Em meados da década de 50, Juscelino Kubitschek também estabeleceu meandros para acelerar o processo de industrialização brasileira, utilizando uma política voltada a atrair investimentos industriais de outros países<sup>202</sup>. Estas políticas econômicas de Vargas e de Juscelino contribuíram, para modificar as bases econômicas que dominavam o cenário nacional durante séculos, mantendo a sociedade brasileira regida pelos interesses dos grandes proprietários de terra. O processo de industrialização foi se

<sup>200</sup> AZEREDO, Luiz; BARROS, Ney Alberto Gonçalves de. *Memória da câmara municipal de Nova Iguaçu*. Câmara dos vereadores do município de Nova Iguaçu. Rio de Janeiro. 2000.

<sup>201</sup> PEREIRA. 1977.

<sup>202</sup> MENDONÇA, Sonia. *A industrialização brasileira*. Editora moderna. São Paulo. 1995.

desenvolvendo em algumas regiões do país e o município de Nova Iguaçu, acabou adentrando nesta política industrial, quando a crise da citricultura local, assola os laranjais do município.

Com a união política já estabelecida desde a década de 30 entre políticos de Nova Iguaçu e representantes da política nacional, a crise dos laranjais de Nova Iguaçu fez com que intensificasse um atrelamento ideológico nas bases determinantes da economia do município. Assim, o governo municipal passa a aderir à política urbana e industrial que vinha desenvolvendo-se em solo nacional pelos representantes do executivo. Nova Iguaçu chegou à década de 50, urbanizando ruas, renegociando áreas de terras com donos de indústrias, isentando os impostos para os donos de fábricas que viessem a se instalar no município, gerando obras de saneamento na região e estabelecendo acordos vantajosos para os donos de fábricas, referentes a doações de terras e preços dos lotes no município. Isso fez com que já na década de 50, o município de Nova Iguaçu fosse reconhecido por seu aumento no setor urbano e industrial iniciando um período de desenvolvimento social e econômico, onde diversas matérias de jornais apontaram o crescimento vertiginoso que Nova Iguaçu vivera na época.

Este trabalho demonstrou como as ações dos sujeitos inseridos na vida política e econômica de Nova Iguaçu, junto com a influência da política econômica implantada por Vargas e por Juscelino, possibilitaram o desenvolvimento industrial no município de Nova Iguaçu. Com isso, apresentou-se como esses sujeitos já haviam estabelecidos proximidade na ideologia política, desde a instauração da revolução de 30, e com a crise dos laranjais, essa proximidade política e ideológica abre margem para que ocorra uma aproximação entre estes sujeitos no campo econômico, levando os representantes políticos de Nova Iguaçu a estabelecerem ações que incentivassem atrair a instauração de indústrias para o município.

Estas ações fizeram com que já na década de 50, Nova Iguaçu recebesse em seu território a implantação de várias indústrias, onde muitas delas funcionam até hoje no município, como a fábrica Granfino, a fábrica de canetas Compactor e a Bayer, que hoje funciona em Belford Roxo que emancipou-se de Nova Iguaçu na década de 90.

A reestruturação econômica que o município sofreu na década de 50, trás junto consigo uma nova forma de organização social, onde Nova Iguaçu passa a receber cada vez mais levas de migrantes que buscavam melhores condições de vida. Estes migrantes aproveitaram-se dos benefícios encontrados no município para ali fixarem residência e buscarem melhorar sua vida. Com a industrialização em Nova Iguaçu, surge a classe

operária no município, pois o crescimento industrial que desenvolveu-se na região, fez com que Nova Iguaçu fosse cada vez mais, crescendo economicamente e, mostrando que a década de 50 não representa o município apenas como “cidade dormitório”, mas sim, como uma cidade que vinha modificando suas estruturas econômicas, com urbanização e industrialização.

Percebe-se também que, com o afastamento dos representantes políticos ligados a Getúlio Vargas e a política nacional desenvolvimentista, onde João Goulart foi o último representante desta vertente política e ideológica, ocorre um declínio no processo de industrialização do município. Enquanto na década de 60, o Censo sobre Nova Iguaçu apontava uma alta no número de indústrias que implantaram-se no município, a década de 70 apresentou um declínio no crescimento industrial vigente no município. O período que tange ao governo militar representa um período de declínio da política nacional desenvolvimentista no Brasil. O modelo político nacional desenvolvimentista ganhou diversos adeptos na sociedade iguaçuana desde sua implantação em 1930.

O processo de afastamento ou aproximação dos agentes políticos de Nova Iguaçu com os representantes políticos colocados no poder após o golpe de 1964, é assunto para ser estudado em pesquisas futuras. Contudo, parece que a adesão de representantes políticos do município, aos agentes políticos colocados no poder através do golpe, não foi tão imediata quanto ao processo de aproximação dos políticos iguaçuanos ao governo de Vargas durante a década de 30 e isto, pode ter levado ao baixo resultado de crescimento industrial, que o município desenvolveu nesta época, porém isso pode ser trabalho de futuros historiadores e economistas que estudarem sobre este tema.

Por fim, fica demonstrado que a década de 50 foi um período em que o município de Nova Iguaçu consegue, aos poucos, estabelecer maneiras de controlar a crise econômica que assolava sua população. Os sujeitos atuantes no município, começam a modificar o cenário social e econômico do local, entrando na política econômica industrial que tanto era incentivada pelo Governo Federal da época. Portanto, busca-se entender que a década de 50, foi para o município de Nova Iguaçu, um período em que a cidade esteve muito além de ser apenas uma “cidade dormitório”, como também, um local onde ocorria uma política econômica que visava cada vez mais atrair indústrias para a região modificando sua base econômica, tendo sido uma década de valorização do progresso industrial e adequação com a política em voga pelo Governo Federal da época.



Esta mudança na característica econômica, gerou mudanças na sociedade como um todo, e aos poucos o município foi crescendo em número de pessoas, enquanto foi diminuindo o número de árvores e plantações de laranjas. Terrenos baldios passaram a ser novos lares, de novos indivíduos que vieram ao município, uma possibilidade de encontrarem uma vida melhor, enquanto o tal progresso representado pela instalação de indústrias, fez com que o perfume dos laranjais fosse sendo substituído pela fumaça das fábricas. A população iguaçuana, que antes tinham que acordar cedo e pegar o trem, para chegar ao centro da cidade, passa a trabalhar em indústrias recém implantadas perto de suas casas, o que lhes possibilita ficar cada vez mais perto das fábricas, mas longe do mar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Fontes

A NOITE. Rio de Janeiro. 1957.

ATA DA CÂMARA DOS VEREADORES DE NOVA IGUAÇU. Livro 04. 27/03/53 à 16/11/55.

ATA DA CÂMARA DOS VEREADORES DE NOVA IGUAÇU. Livro 05. 18/11/55 à 08/11/57.

ATA DA CÂMARA DOS VEREADORES DE NOVA IGUAÇU. Livro 06: 08/11/57 à 04/02/60.

ATA DA PREFEITURA MUNICIPAL. Resolução 1951. Prefeitura Municipal de Nova Iguaçu. 1951.

ATA DA PREFEITURA MUNICIPAL. Resolução 1955. Prefeitura Municipal de Nova Iguaçu. 1955.

ATA DA PREFEITURA MUNICIPAL. Resolução 1956. Prefeitura Municipal de Nova Iguaçu. 1956.

ATA DA PREFEITURA MUNICIPAL. Resolução 1957. Prefeitura Municipal de Nova Iguaçu. 1957.

ATA DA PREFEITURA MUNICIPAL. Resolução 1958. Prefeitura Municipal de Nova Iguaçu. 1958.

ATA DA PREFEITURA MUNICIPAL. Resolução 1959. Prefeitura Municipal de Nova Iguaçu. 1959.

CENSO INDUSTRIAL 1960. *Recenseamento geral do Brasil*. IBGE. Serviço nacional de recenseamento. Rio de Janeiro. 1967.

CORREIO DA LAVOURA. Rio de Janeiro. 1950.

CORREIO DA LAVOURA. Rio de Janeiro. 1958.

CORREIO DA LAVOURA. Rio de Janeiro. 1960.

FGV/CPDOC. Getúlio de Moura. Rio de Janeiro. Acervo FGV. Publicado em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/getulio-barbosa-de-moura>. Acesso em 12 de jun. 2019. 16:06.

FUNDREM – Fundação Para o Desenvolvimento da Região Metropolitana do Rio de Janeiro 1975-1979. *Unidades Urbanas Integradas de Oeste*. Governo do Estado do Rio de Janeiro. Convênio entre e FUNDREM e a Prefeitura de Nova Iguaçu. Rio de Janeiro. 1977.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Nova Iguaçu: Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 1970.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro. 1964.

LUTA DEMOCRÁTICA. Rio de Janeiro. 8, 9 e 10 de janeiro de 1977.

### **Bibliografia Geral**

ACINI: Associação Comercial e Industrial de Nova Iguaçu. *ACINI: Uma história de lutas*. Instituição a serviço de Nova Iguaçu. Edição da Associação comercial e Industrial de Nova Iguaçu.

AZEREDO, Luiz; BARROS, Ney Alberto Gonçalves de. *Memória da câmara municipal de Nova Iguaçu*. Câmara dos vereadores do município de Nova Iguaçu. Rio de Janeiro. 2000.

CARVALHO, Maicon Sérgio Mota. *Bayer e Belford uma experiência industrial na Baixada Fluminense*. Rio de Janeiro. Monografia apresentada ao curso de História do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). 2011.

DRAIBE, Sônia. *Rumos e metamorfoses: um estudo sobre a constituição do Estado e as alternativas da industrialização no Brasil. 1930 – 1960*. Editora paz e terra.

FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social (1890 – 1920)*. São Paulo: Difel, 1976.

FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. São Paulo. Difel. 1959.

GOMES, Angela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. FGV. Rio de Janeiro. 2005.

JÚNIOR, Jefte da Mata Pinheiro. *A formação do PT na Baixada Fluminense: Um estudo sobre Nova Iguaçu e Duque de Caxias*. Dissertação de mestrado apresentado ao programa de pós graduação em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Niterói. 2006.

LAINO, André. *Memória de metalúrgicos*. São Paulo. Tese de doutorado em História pela UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas). 1991.

LUZ, Nícia Vilela. *A luta pela industrialização no Brasil*. Editora Alfa Omega. São Paulo. 1978.

MATUS, Moduan. *História de Nova Iguaçu: Recortes de uma cronologia ilustrada de 510 anos*. Editora Traços e textos. Rio de Janeiro. 2018.

MENDONÇA, Carolina Bittencourt. *Escrevendo uma história: A experiência da Companhia de canetas Compactor em Nova Iguaçu (1955 – 1995)*. Rio de Janeiro.

Monografia apresentada ao curso de história da Universidade Federal Rural do Rio do Janeiro (UFRRJ). 2014.

MENDONÇA, Sonia. *A industrialização brasileira*. Editora moderna. São Paulo. 1995.

PEREIRA, Waldick. *Cana, café e laranja: História econômica de Nova Iguaçu*. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro. 1977.

RAMALHO, José Ricardo. *Estado patrão e a luta operária: O caso da FNM*. Rio de Janeiro. Paz e terra. 1989.

RODRIGUES, Adrianno Oliveira. *De Maxabomba a Nova Iguaçu (1833-90's): Economia e território em processo*. Rio de Janeiro: Dissertação de mestrado UFRJ. 2006.

SEGADAS, Maria Therezinha. *Nova Iguaçu: Uma absorção de uma cédula urbana pelo grande Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro. Revista Brasileira de Geografia. 1962.

SOUZA, Sonali Maria de. *Da laranja ao lote: Transformações sociais em Nova Iguaçu*. Rio de Janeiro. Dissertação do programa de pós graduação em antropologia social do museu nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1992.

